

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE QUÍMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE QUÍMICA
LARISSA RANGEL MIRANDA HASSAN

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE UM DEVIR EDUCADORA NO
SÉCULO XXI: reflexões a partir de vivências escolares

RIO DE JANEIRO
2024

Larissa Rangel Miranda Hassan

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE UM DEVIR EDUCADORA NO
SÉCULO XXI: reflexões a partir de vivências escolares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química – PEQui, Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Ensino de Química.

Orientadora: Profa. Dra. Priscila Tamiasso-Martinhon

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

H28n Hassan, Larissa Rangel Miranda
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE UM DEVIR EDUCADORA
NO SÉCULO XXI: REFLEXÕES A PARTIR DE VIVÊNCIAS
ESCOLARES / Larissa Rangel Miranda Hassan. -- Rio
de Janeiro, 2024.
181 f.

Orientadora: Priscila Tamiasso-Martinhon.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Química, Programa de Pós
Graduação em Ensino de Química, 2024.

1. Perspectiva D-D-A. 2. Formação docente. 3.
Sexualidade. 4. Corpo. 5. Educação para as drogas.
I. Tamiasso-Martinhon, Priscila , orient. II. Título.

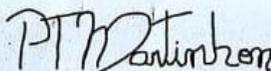
LARISSA RANGEL MIRANDA HASSAN

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE UM DEVIR EDUCADORA
NO SÉCULO XXI: reflexões a partir de vivências escolares

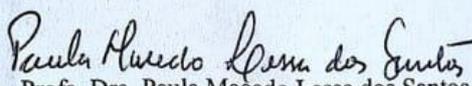
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química – PEQui, Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Ensino de Química.

Aprovado em de 26 de setembro de 2024.

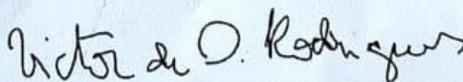
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Priscila Faniasso-Martinhon (Orientadora)
Instituto de Química, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Profa. Dra. Paula Macedo Lessa dos Santos
Instituto de Química, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof. Dr. Victor de Oliveira Rodrigues
Instituto de Química, Programa de Pós-Graduação em Química
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho a Lara e ao Paulo e meus pais pela força no término dessa etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sua imensa misericórdia, pois Ele me sustentou e me capacitou até aqui, em todos os momentos mais difíceis. À Nossa Senhora Aparecida, minha Mãe do Céu, que sempre intercede por mim e por todos amigos santos, pois tenho certeza que no céu temos grandes amigos. A intercessão de santa Dulce dos Pobres, Padre Pio e a de Santa Teresinha, grande doutora da Igreja Católica, que me possibilita sempre colher lindas rosas, minha grande amiga, estar aqui terminando é um presente dela enviado para mim.

Agradeço a minha filha, por ser minha preciosidade, grande parceira e amor, motivo pelo qual sempre busco ser a melhor versão de mim mesma, e por ela, consigo repensar todas as minhas ações pessoais e educativas, principalmente cuidar das minhas palavras, discursos e ações, entendendo que exemplos são muito mais valiosos que belas palavras, pois muito mais do que ler autores que refletem e defendem uma educação mais humana, como o Grande pesquisador Paulo Freire, nas mais diversas obras, preciso fazer a diferença praticando ações concretas, pois durante minhas ações preciso cuidar e certificar-me de que preciso aplicar o que foi refletido através da leitura, seja quando educanda ou educadora.

Ao meu amado esposo Paulo, que sempre foi meu companheiro de vida, com quem dividir a trajetória permitiu que concluísse mais esta etapa. Àquele que com tanto carinho e amor, Deus permitiu estar sempre presente em minha vida e na da Lara. Àquele que topa todas as minhas aventuras científicas, participante ativo de todos os eventos, meu amigo de todas as horas.

Agradeço aos meus pais e irmãos por memórias maravilhosas e todo apoio e incentivo nesta etapa.

À minha orientadora Priscila Tamiasso-Martinhon e à professora Célia Sousa, pelo acolhimento, afeto e paciência, os quais me inspiram a ser uma pessoa e docente melhor. Posso dizer que tenho exemplos de que ler, entender e citar Paulo Freire requer colocar seus ensinamentos em prática! Educação requer compromisso e principalmente amorosidade! Encorajando-me assim a refletir minha prática e colaborar para uma educação mais humana.

Aos alunos da turma do ano de 2020 do Programa de Pós-graduação em Ensino de Química, em especial à Beatriz Cavalcante e à Juliana Domingos pela amizade nas etapas, por sempre estarem me fortalecendo diante das dificuldades e celebrando cada etapa vencida.

Todo aprendizado compartilhado com os professores do PEQui-UFRJ, especialmente ao professor Waldmir Araújo e ao professor Rodrigo Volcan por todo apoio e incentivo frente às adversidades nestes anos de mestrado, nos quais vivemos os desafios do ensino remoto,

diante das incertezas do novo mundo pandêmico e principalmente do meu “estar” mãe/professora/educanda/graduanda em Pedagogia/ e pós-graduanda, gratidão por me inspirarem a dizer que sim é possível seguir no mundo acadêmico diante dos desafios vividos, mesmo que em meio a todas as óticas que a academia possa ter sobre a mãe/discente.

Aos coordenadores do PEQui- UFRJ, Guilherme Cordeiro e Rodrigo Volcan por todo apoio e formações que compartilharam, especialmente na disciplina de Pesquisa em Dissertação 2, etapa fundamental para a conclusão da dissertação.

Não poderia deixar de agradecer especialmente ao professor Rodrigo Volcan pela força, incentivo e atenção em um momento no qual foi necessário reformular todo o meu projeto de pesquisa, diante dos novos desafios como mãe e pós graduanda, pensei em desistir, em acreditar que em meio aos convites velados ao abandono, os quais muitas vezes nos faz o mundo acadêmico. As suas palavras me concederam clareza para observar os desafios por outra ótica, me inspirando ao recomeço. Suas palavras de incentivo, demonstraram que por mais difícil que possa parecer a jornada, devemos seguir em frente na pesquisa, estando atentos e aberto a novos caminhos e parcerias que podem surgir.

A professora Maria Cristina Ribeiro Cohen, por todos os ensinamentos e diálogos sobre formação docente e ensino de Ciências e Biologia, pela amizade e por todo incentivo a prosseguir construindo por meio da amorosidade a educadora e pesquisadora que almejo.

Aos alunos da Licenciatura em Química, da turma de Química na Escola IV, da UFRJ, acompanhados das professoras Célia Sousa e Priscila Tamiasso-Martinhon, pela oportunidade, colaboração e tamanho amparo para que o projeto fosse aplicado. Agradeço os aprendizados compartilhados e reflexões.

Ao Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA) e Grupo Interinstitucional e Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Ciências (GIMEnPEC) pelo suporte logístico.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Gostaria de dizer que estar atuando em meio acadêmico após a maternidade é desafiador, requer reconstrução, apoio, acolhimento, amorosidade, informação, dedicação em dobro e posso dizer que obtive todo apoio dos professores e alguns colegas do curso de mestrado. Gratidão a todos e todas. Alegria ter vivido tudo isso e contado com o apoio de todos vocês!

“O Senhor é bom para todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras.”

(Salmos,145:9)

“O Bom Deus não poderia inspirar em mim sonhos irrealizáveis.”

(Santa Teresinha do Menino Jesus)

RESUMO

HASSAN, Larissa Rangel Miranda. **NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE UM DEVIR EDUCADORA NO SÉCULO XXI**: reflexões a partir de vivências escolares. 2024. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Química) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Partindo da premissa de que a emancipação é um caminho que perpassa a reflexão de narrativas memorialísticas sobre as atuações Discente~Docente~Aprendentes (D~D~A) - autoetnográficas/ autobiográficas - e que propicia a construção de um repertório de memoriais educacionais, ela representa uma forma de resistência política. Nesse contexto, a pedagogia libertadora - por intermédio de uma educação emancipadora - propicia um Devir protagonista das histórias cujas tessituras permeiam o “chão da escola”. Os envolvidos nesse processo percebem-se cidadãos e passam a valorizar as vivências e toda cultura que emerge destas, como uma ação pensada – no, para e com o campo de atuação docente - em diálogo com Freire, Nóvoa e Delory-Momberger. O objetivo deste trabalho consiste em compartilhar reflexões sobre a trajetória da construção docente que inspirou a discussão sobre as memórias das atuações pedagógicas envolvendo a temática corpo, sexualidade e drogas, culminando na produção de um Recurso Educacional Aberto (REA), que intencionou despertar o exercício da (auto)reflexão e ampliação da discussão destes assuntos. Para tal, adotou-se uma abordagem qualitativa, aliada a observação foi utilizada a metodologia da história de vida. A observação não participante direta foi desenvolvida com estudantes do ensino médio (em espaços formais de aprendizagem e em ações extensionistas) e com docentes de química em formação inicial, contínua ou continuada. As discussões sobre os temas corpo e sexualidade em diversos pontos foram convergentes, a abordagem sobre as charges apresentadas destacou temáticas como padrão de beleza, distúrbios na saúde; obesidade; mulher no mercado de trabalho e maternidade. Sobre o tema drogas, a abordagem via da Redução de Danos (RD), a estratégia possibilitou um espaço de debates sobre possíveis substâncias classificadas como drogas, quais questões podem ser geradas a partir da aplicação da temática em sala de aula, como a sociedade se posiciona frente às políticas sobre drogas vigentes, os licenciandos refletiram sobre como em suas trajetórias de vida escolar ocorreram o contato com o tema, constatando que a maioria das escolas negligenciam a abordagem do tema, sendo assim foi possível constatar que a abordagem proibicionista prevalece nas escolas, ela não fornece espaço para discussão das questões em torno do uso ou política sobre o tema drogas e que o assunto está presente no cotidiano da sociedade. Tendo em vista a perspectiva do professor Discente~Docente~Aprendente a aplicação do REA, possibilita que o conhecimento científico seja abordado de forma horizontal, ao passo que todos os participantes com suas narrativas, vivências, aprendizados sobre os temas colaborem para o ensino e aprendizado. As atividades atentaram para a importância de espaços para discussão das temáticas consideradas tabu, colaborando para ampliação da abordagem no âmbito escolar e promovendo saúde.

Palavras-chave: Perspectiva D~D~A. Formação docente. Sexualidade. Corpo. Educação para as Drogas.

ABSTRACT

HASSAN, Larissa Rangel Miranda. **NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE UM DEVIR EDUCADORA NO SÉCULO XXI**: reflexões a partir de vivências escolares. 2024. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Química) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Based on the premise that emancipation is a path that runs through the reflection of memorialistic narratives about the actions of Students~Teachers~Learners (S~T~L) - autoethnographic/ autobiographical - and that provides for the construction of a repertoire of educational memorials, it represents a form of political resistance. In this context, liberating pedagogy - through emancipating education - provides a Devir that is the protagonist of the stories that permeate the "school floor". Those involved in this process perceive themselves as citizens and come to value their experiences and all the culture that emerges from them, as an action designed - in, for and with the field of teaching - in dialogue with Freire, Nóvoa and Delory-Momberger. The aim of this work is to share reflections on the trajectory of the teaching construction that inspired the discussion on the memories of pedagogical actions involving the themes of the body, sexuality and drugs, culminating in the production of an Open Educational Resource (OER), which was intended to awaken the exercise of (self) reflection and broaden the discussion of these issues. To this end, a qualitative approach was adopted, combined with observation and life history methodology. Direct non-participant observation was carried out with high school students (in formal learning spaces and in extension activities) and with chemistry teachers in initial, ongoing or continuing training. The discussions on the themes of the body and sexuality at various points were compelling. The approach to the cartoons presented highlighted themes such as beauty standards, health disorders, obesity, women in the job market and motherhood. On the subject of drugs, the approach was based on Harm Reduction (HR). The strategy provided a space for debate on possible substances classified as drugs, what questions can be raised by applying the theme in the classroom, and how society positions itself in relation to current drug policies. The undergraduates reflected on how they had come into contact with the subject during their school life, noting that the majority of schools neglected to address the issue, so it was possible to see that the prohibitionist approach prevails in schools, that it does not provide space for discussion of the issues surrounding drug use or policy and that the subject is present in society's daily life. From the perspective of the teacher Student~Teacher~Learner, the application of the OER enables scientific knowledge to be approached horizontally, while all the participants collaborate in teaching and learning with their narratives, experiences and learning about the topics. The activities highlighted the importance of spaces for discussing topics that are considered taboo, helping to broaden the approach in schools and promoting health.

Key-Words: Perspective S~T~L. Teacher education. Sexuality. Body. Drug education

LISTA DE FIGURAS

	página
Figura 1 - Quadro confeccionado pelos licenciandos com interpretações sobre a charge sobre padrões corporais.....	90
Figura 2 - Quadro confeccionado pelos licenciandos contendo interpretações sobre a charge obesidade.....	92
Figura 3 - Quadro confeccionado pelos alunos contendo informações sobre a charge Ser magra.....	93
Figura 4 - Charges utilizadas para reflexão sobre gênero e mulher no mercado de trabalho.....	99
Figura 5 - Charges utilizadas para reflexão sobre mercado de trabalho e casamento.....	99
Figura 6 - Charges utilizadas para reflexão mulher e o mercado de trabalho e formatos de família.....	100
Figura 7 - Charges utilizadas para reflexão sobre mulheres no mercado de trabalho.....	100
Figura 8 - Charges utilizadas para reflexão sobre o lugar da mulher no mercado de trabalho.....	101
Figura 9 - Charge sobre sexualidade na escola.....	101

LISTA DE QUADROS

	página
Quadro 1 - Apresentação dos assuntos e recursos utilizados no primeiro encontro...	54
Quadro 2 - Apresentação dos assuntos e recursos utilizados no segundo dia de encontro.....	55
Quadro 3 - Apresentação dos assuntos e recursos utilizados no terceiro dia de encontro.....	56
Quadro 4 - Apresentação dos assuntos e recursos utilizados no quarto dia de encontro.....	57
Quadro 5 - Vídeos apresentados pelos participantes para a discussão sobre corpo e sexualidade.....	96
Quadro 6 - Vídeos do <i>YouTube</i> exibidos para os participantes durante as discussões sobre o tema drogas e educação.....	102

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AC	- Alfabetização Científica
AIDS	- doença causada pela infecção do Vírus da Imunodeficiência Humana
BNCC	- Base Nacional Comum Curricular
CEBRID	- Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas
Covid-19	- Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2
IST	- Infecções Sexualmente Transmissíveis
GIEESA	- Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte
GIMEnPEC	- Grupo Interinstitucional e Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Ciências
HIV	- <i>Human Immunodeficiency Virus</i>
LC	- Letramento Científico
MEC	- Ministério da Educação
PeNSE	- Pesquisa Nacional de Saúde do Educando
PCN	- Parâmetros Curriculares Nacionais
RD	- Redução de Danos
REA	- Recurso Educacional Aberto

SUMÁRIO

	página
1	INTRODUÇÃO..... 17
1.1	MOTIVA~AÇÕES..... 19
1.2	OBJETIVOS..... 26
1.2.1	Objetivo Geral..... 26
1.2.2	Objetivos Específicos..... 26
1.2.3	Objetivos Colaterais..... 26
1.3	JUSTIFICATIVA..... 27
1.4	LINHA DE PESQUISA QUE SE VINCULA..... 30
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... 31
2.1	POLÍTICAS EDUCACIONAIS (BASE COMUM CURRICULAR (BNCC)..... 32
2.2	TEMÁTICAS TRANSVERSAIS PROPOSTAS PELOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS..... 33
2.3	FORMAÇÃO DOCENTE..... 35
2.4	DEVIR EDUCADORA NA ESCOLA..... 38
2.5	NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS..... 40
2.6	LETRAMENTO CIENTÍFICO..... 43
2.7	PLANEJAMENTO REVERSO..... 45
3	METODOLOGIA..... 4.6
3.1	DESENHO METODOLÓGICO DO RECURSO EDUUCACIONAL ABERTO..... 4.9

4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	57
4.1	O “ESTAR EDUCADORA” NA ESCOLA.....	59
4.2	NARRATIVAS E MEMÓRIAS DO “ESTAR DOCENTE” E PÓS GRADUANDA.....	61
4.3	NARRATIVAS DO “ESTAR DOCENTE” E APRENDIZADOS PELO CAMINHO DO “MATERNAR”	64
4.4	A DOCÊNCIA NA TRÍADE DISCENTE~ DOCENTE~ APRENDENTE.....	67
4.5	CONCPÇÕES SOBRE CORPO E DOCÊNCIA.....	70
4.6	REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DO TEMA SEXUALIDADE NA ESCOLA.....	74
4.6.1	Breve análise sobre a abordagem do tema educação sexual na atual BNCC.....	76
4.7	DROGAS E REDUÇÃO DE DANOS: REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DO TEMA.....	78
4.7.1	Drogas e educação: breve reflexão sobre a abordagem do tema na atual BNCC.....	82
4.8	ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RECURSO EDUCACIONAL ABERTO.....	82
4.8.1	1º dia de encontro- discutindo corpo e a Química.....	83
4.8.1.1	Trabalhando charges para abordar corpo e Química.....	90
4.8.2	2º dia de encontro-discutindo sexualidade na escola.....	93
4.8.3	3º dia de encontro- trabalhando educação e drogas na escola.....	101

4.8.4	4º dia de encontro-confecção dos planejamentos e <i>feedback</i>.....	104
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
6	PERSPECTIVAS.....	108
	REFERÊNCIAS.....	110
	GLOSSÁRIO.....	121
	APÊNDICE A- PORTIFÓLIO MEMORIALÍSTICO DAS AÇÕES IMPLEMENTADAS	122
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	126
	ANEXO A - ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS DAS FALAS DOS LICENCIANDOS (TESSITURAS) CAPTADAS NO PRIMEIRO DIA DA OFICINA	127
	ANEXO B - DESENHANDO E NARRANDO SENTIMENTOS RELACIONADOS À QUÍMICA	131
	ANEXO C - COMPILADO DE CHARGES RELACIONADAS ÀS TEMÁTICAS CORPO, PADRÕES CORPORAIS E ESTÉTICOS	135
	ANEXO D - PRODUÇÕES ENTREGUES PELOS LICENCIANDOS DURANTE O TERCEIRO ENCONTRO ABORDANDO O TEMA DROGAS	136
	ANEXO E - COMPILADOS DAS ATIVIDADES PARA ESCOLHA DO TEMAS UTILIZADOS NA CONFECÇÃO DOS PLANEJAMENTOS REVERSOS	140
	ANEXO F - COMPILADOS DAS ATIVIDADES: DEFININDO OS OBJETIVOS DOS PLANOS DE AULA	142

ANEXO G - ANEXO G- COMPILADOS DAS ATIVIDADES: DEFININDO ATIVIDADES UTILIZADAS NOS PLANOS DE AULA	144
ANEXO H - ANEXO H- COMPILADOS DAS ATIVIDADES: TRAÇANDO CARACTERÍSTICAS DOS PLANEJAMENTOS DE AULA	146
ANEXO I - ANEXO I- PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS EM EVENTOS CIENTÍFICOS	150

1 INTRODUÇÃO

A escola no Brasil, seja ela pública ou de iniciativa privada, possui funções sociais como ensinar conteúdos e formar os seus estudantes (Araújo, 2014). A colaboração para formação dos educandos acontece por meio da ética, moral, valores, crenças e preceitos que estão contidos e são executados por todos os agentes que ali se encontram e se relacionam. Acreditando cada escola ser única, pois os docentes, discentes e toda a comunidade escolar possui suas características e peculiaridades, identidades singulares e um jeito particular de tecer suas relações.

A escola pública brasileira está inserida na sociedade capitalista e nela estão contidas as relações tecidas entre os agentes atuantes nela, evidenciando a luta de classes sociais que existem (Do Vale, 1992). Tem-se dois tipos de movimentos presentes, na primeira, o da escola tradicional, representando interesses da classe dominante, interessada em manter a ordem social em vigor, uma escola para a elite, com poucos meios de ser um espaço no qual todos, principalmente os economicamente menos favorecidos, possam ter condições para manter-se ali e obter educação de qualidade. Mas, frente a esse movimento, emerge a educação popular, trazendo as classes populares, bem como a dos trabalhadores que antes não viam possibilidade de adentrar à escola, mais do que serem alfabetizados, conscientizar-se de que seus saberes são valorizados e validados. Podendo então superarem e lutarem para que as dificuldades que possam existir sejam superadas (Do Vale, 1992).

Pensando nos espaços escolares, refletindo sobre os agentes que nele se encontram, Araújo (2014) afirma que existem diversos tipos de relações sociais ocorrendo dentro escola, sendo eles a relação professor-aluno, aluno-professor, dentre outras, e a maneira como elas acontecem pode gerar relações amistosas ou conflituosas.

Vale refletir sobre assuntos e questões que emergem das relações da comunidade escolar e do local na qual a escola está inserida, dentre os mais diversos. Neste trabalho, foi destacado o uso e abuso de substâncias consideradas de uso ilícito, ensino do corpo e sexualidade que emergem, como outros tantos assuntos, por estarem presentes no cotidiano escolar e por serem objetos de muitas divergências de opiniões, preconceitos e até serem temas negligenciados por muitos.

Na presente pesquisa ao optar pela escrita sobre a atuação na escola com os temas corpo, sexualidade e drogas, significa perceber que são estereotipados e evitados no âmbito escolar e muitas vezes o educador está inconformado com os cenários no qual muitas vezes se inserem,

nos quais, se optar por discutir o tema corpo e sexualidade, estará incentivando a prática deliberada do ato sexual e caso opte pela discussão sobre o tema drogas estará incentivando o uso e abuso das substâncias que causam alterações de função do organismo. As discussões dos temas presentes nas escolas aqui partem da percepção de que discutir os temas têm por objetivo colaborar para promoção de saúde e nada se relaciona com as impressões supracitadas.

A abordagem dos temas corpo, sexualidade e drogas no presente trabalho é respaldada pela pedagogia do Paulo Freire, na qual ao divulgar o método de educação popular torna possível um diálogo entre a elite e as classes populares, segundo Vasconcelos (1998) em meio ao descaso do Estado em meados dos anos 1960 com os problemas populares, vão-se configurando iniciativas de busca de soluções técnicas construídas a partir do diálogo entre o saber popular e o saber acadêmico.

O trabalho de Antônio Nóvoa (1988), valoriza a escrita da autobiografia docente, para o autor o gênero de escrita de memoriais, autobiografia, colabora com o processo de formação docente, pois é permeado pela reflexão sobre os caminhos trilhados na vida do indivíduo, nele, o educador reflete criticamente a prática educativa construída ao longo dos anos de atuação docente.

Lima, Contiero e Silva (2019) afirmam que a narrativa sobre as atuações dos educadores, descritas nos memoriais educacionais, permite que o professor aumente seu autoconhecimento, reflita sobre os fatos ocorridos em sua atuação, possibilitando perceber as relações que ocorreram no espaço escolar e como os agentes participantes reagiram diante delas. Em outras palavras, através das narrativas percebemos quais ações emergiram das relações entre educador-educando, educando-educador no cotidiano escolar.

As memórias escritas no presente texto, surgem frente a ideia de que pela educação tradicional certas temáticas não são amplamente discutidas, ditas nas palavras do Paulo Freire ao afirmar e defender ser a escola não somente local de ensino dos conteúdos que envolvem a leitura e a escrita, pelo contrário, também espaço onde ocorre reflexão sobre assuntos que permitam pensar de forma crítica. Abordamos narrativas memorialísticas dos professores (autobiografia) acreditando que o exercício de reflexão sobre a própria prática docente contribui para valorização do trabalho do professor, colaborando para que haja cada vez mais professores reflexivos, eternamente um aprendente, defendida pela tríade Discente~Docente~Aprendente (D~D~A), não recusando a oportunidade de ser aprendiz em todas as ações que participa.

As temáticas corpo, sexualidade e drogas são discutidas com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), por meio dos temas transversais que em sua composição discutem assuntos devem ser abordados na escola com os estudantes, e estão relacionados ao

eixo saúde e orientação sexual, que discutem sobre a importância do auto cuidado, quais procedimentos e atitudes são necessários para a manutenção de boa qualidade de vida (Brasil, 1997).

Atualmente, as escolas da educação básica devem elaborar seus currículos tendo como base a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que apresenta as competências, aprendizados e os assuntos que os estudantes devem vivenciar ao longo da sua trajetória de formação na educação básica (Brasil, 2018). Em sua composição não estão mais presentes os temas transversais, como apresentam os PCN, agora por meio da ordenação das competências o educador tem autonomia de trabalhar temas transversais de acordo com o contexto escolar na qual a escola e os estudantes inserem-se (Purificação, 2018).

Surge no trabalho a inquietação: o que licenciandos em Química da UFRJ narram sobre suas vivências tanto na escola quanto na sociedade sobre os temas corpo sexualidade e drogas? os temas foram abordados amplamente nas escolas? Estão foram perguntas disparadoras para reflexão do trabalho.

Importante pensar então, frente às competências da BNCC e os PCN, que os temas corpo, sexualidade e drogas são assuntos contemporâneos nas escolas, como também em muitos locais da sociedade, estando presente nos contextos escolares que pude atuar em minha trajetória como educadora, citada ao longo do trabalho. O presente trabalho propôs e aplicou um Recurso educacional aberto (REA), direcionados à professores em formação inicial, nele os PCN foram o documento norteador, já que proporcionam uma melhor abordagem dos temas transversais considerados tabus, e corroborando com o trabalho Barros e Miranda (2019), de que eles constituem o principal guia para educadores brasileiros promoverem debates sobre educação sexual nas escolas, e aqui acrescentamos que corpo e sexualidade também.

1.1 MOTIVAÇÕES

Pensar as motivações e interesses que despertaram a escrita do presente trabalho é passear na própria memória, e como afirma Porto (2010, p. 42): “Nas narrativas da vida [...] retornaremos à velha casa de nossa infância, a casa que inventaremos para a morada da saudade do nosso adulto”. O passeio ao longo do tempo começará na infância, nas brincadeiras, perpassando a adolescência, as etapas do início da vida adulta universitária até chegarmos à vida docente.

A educanda que veio do interior de Campos dos Goytacazes (RJ) para a cidade, quando criança, tinha sonhos e vontade de ser professora, para ela a brincadeira favorita, onde o irmão

era o educando. Para ele, como sendo uma das irmãs mais velhas, explicava a lição, buscava na escola, participava das reuniões pedagógicas, desde os meus 11 anos de idade. Interessante perceber que todo este processo de estudar junto ao irmão para que pudessem então conhecer melhor a lição, avançar nos anos e níveis escolares, já possibilita iniciar o processo de construção da docência que se busca diariamente ao passar dos anos e nesta etapa de mestrado atual.

Já no fundamental II, continuava compartilhando com o irmão cada etapa de aprendizado, começava um amadurecimento sobre ser professora e pensava muito em qual seria a disciplina que poderia estudar na universidade, local que ouviu falar pela primeira vez, dito pelo seu pai. Conversava muito com ele e ouvia que a educação possibilita ter uma profissão e ser uma pessoa com uma renda que permitiria ter condição de vida confortável. Os estudantes que chegassem até a universidade, eram grandes privilegiados, pois, poderiam ajudar muitas outras pessoas, compartilhando os conhecimentos que adquirissem. E com estas informações internalizadas, pensadas e repensadas, decidi buscar esse privilégio também. Tinha apenas agora que pensar qual disciplina poderia estudar na universidade para poder ensinar meus futuros alunos.

Adentrando ao ensino médio, estudava na escola que tivera entrado no ensino fundamental II, salvo as exceções, pude ter professores singulares, que gostavam das disciplinas que lecionam e retiravam dela o desafio do aluno ter que aprendê-la o ano todo. De todas as disciplinas ainda refletidas, o processo de lecionar para mim, agora tinha duas vias: seguir pela Geografia ou pela Biologia, pois além de ter professores que admirava, todos os assuntos abordados despertavam curiosidade e alegria ao conhecê-los. Dentre todos os assuntos experimentados na Geografia e Biologia, a parte da Geografia física e da parte da Botânica, meio ambiente e sustentabilidade despertavam muito interesse. Tanto, que já no final do ensino médio, ali, ano do vestibular, segundo semestre batendo a porta, tive uma ideia que seria decisiva para escolha da disciplina. Fazer uma pesquisa com todos os professores de Biologia e Geografia sobre como era ser professor, o que levou a escolha da carreira, possibilidades, o que estudaria, perguntas estas comuns aos estudantes.

Agora, definida as disciplinas, professores disponíveis, o objetivo era dialogar primeiramente com as professoras de Geografia, que acompanhavam desde o ensino fundamental e percebiam meus interesses. Diálogos experimentados, muitas disseram que deveria amadurecer a ideia e perceber meus gostos, pois segundo ela, quando se estuda na universidade o curso de licenciatura em Geografia, a parte política e física são vistas, será

mesmo que essa seria a intenção, talvez a Biologia me possibilitasse vivenciar mais a parte física, ambiental que demonstrava maior interesse.

Percebi então, após amadurecer e pesquisar nas enciclopédias e livros, pois não havia acesso à internet de modo fácil, a não ser através de uma *lan-house*, local onde se pagava para navegar por ela, valor cobrado por minutos utilizados. Decidida então, após muito pesquisar, que a Geografia não seria a área de estudo escolhida. Mesmo que não tenha optado pelo campo de estudo, uma coisa desenvolvida à época em mim, com este exercício de frequentar a biblioteca, foi a prática da pesquisa, o ato de entender ser necessário buscar fontes confiáveis, ler vários trabalhos, para que em diálogo, fossem reforçados os resultados obtidos sobre o tema desenvolvido.

Naquele tempo foram compreendidos que a biblioteca se configura num local de estudo e de livre acesso aos estudantes e nele a possibilidade de pesquisa e leitura estão asseguradas. O exercício da pesquisa foi iniciado à época. Poder contar com a ajuda dos professores amigos que trabalhavam na biblioteca municipal de São Gonçalo fez brotar gosto pela leitura, tanto que no local passava todas as tardes livres e que desejava dedicá-las ao estudo.

Decidida a não cursar Geografia, agora era preciso amadurecer a ideia de optar pela Biologia, o exercício era buscar entender mais sobre a área de estudo. Os professores foram literalmente “entrevistados”, diversas perguntas pensadas com o objetivo de conhecer os desafios e as alegrias da vida docente. Logo, uma situação causava frustração ao perguntar como era atuar como docente de Biologia.

Logo de primeira, uma professora, de forma enfática disse que era difícil, para ela o período do curso foi ótimo, mas depois, estava acometida pelo cansaço, recebendo uma má-remuneração, e seus alunos não consideravam suas propostas para trabalho em sala, não reconhecendo toda dedicação e esforço. Em outras palavras, muito era o trabalho e pouco era o tempo de descanso, de convivência com a família e tempo dedicado ao lazer. Efetuar o trabalho da escola em casa era algo constante e exaustivo. Ao ouvir aquele discurso fui para casa bem decepcionada e comecei então a refletir sobre o que tinha levado a dizer coisas tão tristes para alguém que aspirava seguir a mesma área que ela. Caso perguntassem a mim estaria orgulhosa e feliz, pois seria um sinal de que algo em minha prática educativa fazia sentido para ela.

Pensei e repensei durante as aulas e fiz observações que até hoje levo comigo: o fato de a educadora ter seguido a sua trajetória, com suas escolhas, acertos e erros, não influi e nada tem a ver com o futuro profissional do outro; as experiências vividas são únicas, não sendo possível observar a trajetória do outro e tomar aquilo como destino certo para mim, sempre deve-se olhar quais passos a levaram até ali. É muito particular!

Outra lição importante é a de que se deve ter um carinho e, sendo bem romântica, amor pelo que se faz e pelos educandos, só assim poderá frente aos desafios, continuar aperfeiçoando-se e buscando renovar-se a cada dia. Pode-se retomar aqui a questão da afetividade na educação defendida pelo Paulo Freire (1996), de que o educador possui um compromisso com seus educandos, há um envolvimento afetivo que se demonstra no comprometimento com a transformação da realidade, entendendo seu papel político.

Diante das reflexões, buscar outras opiniões tornou-se necessário, até que me deparei com uma singular, que me apresentou como desafio organizar a feira de Ciências da escola. Já que procurava entender como era ser professor, participar da organização e perceber todos os detalhes de como seria lidar com diferentes opiniões dos colegas e ao mesmo tempo trabalhar em equipe, foi muito decisivo para que escolhesse à docência.

O dia do evento, parecia que todos os desafios foram apresentados ali, todas as intempéries ocorreram, faltaram alunos, equipes sem conseguir elaborar o projeto, tudo que ocorre em um dia comum, quando estamos lidando com pessoas e para completar a instabilidade do clima trouxe muita chuva, de maneira que tudo pensado para um céu com Sol radiante, foi adaptado para espaços inimagináveis, para que longe da água fosse apreciado.

Ao final da atividade, ocorreu a reunião do educador com toda a equipe organizadora, todos saíram de lá com a certeza, que optar pela docência era como organizar um grande evento, você se prepara, organiza, pensa que será tudo cronometrado, tudo ocorrerá conforme o cronograma, até que não levamos em conta as intempéries do tempo, podendo até fazer uma comparação interessante, a carreira representada pela relação entre os seres humanos, com suas peculiaridades, que a cada escola ocorrerá um novo desafio, pois o que os estudantes trazem de conhecimentos prévios, seus saberes, como diz Paulo Freire (1996) como a comunidade escolar se relaciona e o local no qual a escola está inserida podem fazer que o seu planejamento siga um novo rumo, e assim o professor frente ao desafio deve reconstruir e pensar como é o “estar docente”.

Freire (1996) afirma sobre o papel do educador, quando ensinar o conteúdo não deve estar apenas preocupado com a clareza, com que os educandos vão conseguir compreender, memorizar seus ensinamentos, mas sim em despertar, fazer brotar no aluno, a partir do que foi discutido, a ideia de que este deve se apropriar-se deles, os educandos devem produzir suas próprias compreensões daquele assunto, o estudante deve ser crítico, fugindo da memorização dos conteúdos.

Passaram-se anos desde o ensino médio, alcance a graduação, a especialização em Ensino de Ciências, etapas importantes e iniciais nesta construção de uma professora, não no

sentido daquela que sabe tudo, presente na pedagogia tradicional, mas a que atua no ensino fundamental e médio e através de cada etapa da formação continuada que obteve, como educanda- tendo em vista este ser educador e ser educando que afirma Paulo Freire (1996) – que eu possa despertar um compromisso de que ao se relacionar com os estudantes, devo colaborar para que estes sejam críticos, de maneira que o educando possa a partir de tudo compreendido nas aulas, somados ao conhecimento acumulado na vivência dele, consolidar seu aprendizado.

Durante os anos de atuação, lecionando no ensino fundamental II, etapa na qual muito se fala da Química, corpo, educação sexual e da Botânica, assuntos que sempre trazem muitos questionamentos por parte dos estudantes, cabe falar quais os questionamentos mais presentes nas escolas que pude atuar ao longo desses anos e que muito colaboraram para delimitar o tema do presente trabalho, que aborda temas considerados tabus na sociedade.

Ao falar das plantas, uma dentre tantas questões que, sempre aparecia despertando curiosidade, questionamentos que vez ou outra cabem até em assuntos pedidos para próxima aula- a *Cannabis*, conhecida como maconha. Apareciam e ainda aparecem no imaginário, muitos questionamentos dos educandos, querendo saber mais sobre ela, pois é um assunto até então não muito abordado em sala. As questões emergem sempre por ser proibido e/ou ele ter experimentado, mas no cotidiano, mesmo que os alunos não façam uso, a maioria das vezes conhece alguém que utiliza ou já tenha utilizado.

Vale destacar aqui que por mais que o texto não se ocupe em dissertar sobre experiências relacionadas a educação sobre drogas durante os quatro anos enquanto estudante de licenciatura, nas disciplinas de estágios, posso afirmar que através da observação das relações professor-aluno, aluno-professor obtive experiências importantes, ao passo que elas colaboraram, para o exercício de escuta dos alunos e de reflexão de releitura de todas as experiências da trajetória vivida até aqui.

A educação sexual, é um tema que eu, enquanto professora de Ciências e Biologia em muitas escolas, preciso ter um certo cuidado ao abordar, devido ao tema ser tabu e ao mesmo tempo motivo de muito interesse por parte dos educandos, já que a maioria deles não encontra espaço seguro, no qual possa dialogar sobre dúvidas cotidianas do desenvolvimento do próprio corpo, para melhor entender a adolescência e características do próprio corpo, para então se sentirem seguros quanto ao uso métodos contraceptivos e prevenção à possíveis Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Cada tema abordado, refletindo sobre os diálogos que ocorrem durante as aulas, os aprendizados compartilhados, percebo os quão valiosos conhecimentos, vivências e

informações, os educandos e os educadores apresentam, assim esse “estar professora”, “estar educadora” que escreve narrativas e reflete sobre a prática pode trazer experiências educativas que colaborem para um futuro.

A partir destas turmas, destes questionamentos, frente ao desafio de falar sobre temáticas que são evitadas pelos colegas, corpo, sexualidade e droga deve-se ter muito cuidado ao utilizar as palavras, pois é desafiador abordar as temáticas, frente às políticas que visam cada vez menos proporcionar espaços de diálogo e tudo que a discussão pode gerar.

O fruto da minha inquietação de cada pergunta surgida ali, desperta-se no meu “estar educadora” busca por entender qual o meu papel frente aos desafios de abordar os temas, fez nascer o desejo de buscar por meio da formação continuada, curso de mestrado profissional em ensino de Química (PEQui-UFRJ), trajeto frente a um caminho trilhado por cursos de formações, discussões e também a participação nos grupos de pesquisa. A oportunidade de pensar uma proposta para trazer a discussão para a escola de forma a gerar um produto, se apresentava.

Refletir sobre a prática docente é uma ação que deve ser constante, a minha interpretação sobre a prática que possuo a cada ano de atuação é única e referente àquilo que sou e que fui naquele ano, você muda, assim como sua forma de pensar e atuar naturalmente mudam também. Abandonar o que não foi eficaz naquele contexto e abrir-se ao novo a cada ano é fundamental para que eu tenha uma prática educadora que impacte positivamente a vida dos educandos.

A reflexão acima emerge da leitura do Freire (1989) a qual aborda a postura crítica que o profissional que atua na educação popular deve ter, ali pensando na atuação do profissional em educação popular, ele afirma que a qualidade profissional de um educador popular não se mede somente pelo quanto ele cumpre as regras da instituição social, mas também pelo quanto ele consegue estreitar os laços com os seus educandos, escutando assim suas questões e necessidades.

No texto somos convidados a constantemente refletir e buscar parceiros que colaborem em um plano de ação que possa trazer novos dimensionamentos para as ações da instituição. É exatamente assim que o professor deve agir, a instituição e realidade da escola, muitas vezes abraçam suas ações, pensar sua atuação naquele contexto, pensando a escola como um espaço no qual a educação popular está presente é um exercício que colabora para um educador que busca colaborar para o exercício da educação popular que se aproxima das práticas do Paulo Freire, que sim, é fundamental e nos fornece o norte para nossas ações colaborem para realização de uma educação humanizada, amorosa, definições para mim de educação popular.

Quando adentro nas reflexões durante todo o tempo do “estar professora” em diferentes

locais de atuação desperta em mim um desejo de escrever vivências que obtive ao dialogar sobre abordagem dos temas corpo e sexualidade com educandos, diversos temas foram surgem em minha memória, dos mais diversos, gravidez, maternidade/paternidade, infecções sexualmente transmissíveis (IST) e aparelhos reprodutores são os que mais despertam interesse, a partir deles, dúvidas e sentimentos como amor e ódio emergem.

Os educandos carregam memórias, advindas de suas histórias de vida, de lutas, desafios e de fatos experimentados fruto de suas curiosidades. As histórias e memórias que formei com educandos, nestes dez anos como educadora, oferecem um combustível para que prossiga na escrita do presente trabalho, frente diversos desafios impostos pelo início do curso e concomitante inserção no período da pandemia do novo coronavírus (covid-19), no qual atividades remotas marcaram a etapa do mestrado Somados aos fatos, em meio ao período pandêmico, teve início a minha gestação, minha maternidade foi inicialmente sendo construída.

Certamente a maioria das pessoas percebe, observando a própria história de vida que mudanças conduzem a nossa existência terrena, mas de todas, a maternidade é talvez uma das maiores, todas as vivências dela somadas às de sala de aula e nos mais diferentes campos de atuação com educandos, oferecem um sentido para conclusão da escrita e reflexão da dissertação.

Quando penso em desistir da construção da escrita acadêmica, olho para àquelas educandas que durante as nossas trocas em sala de aula relataram os desafios da construção da mãe e educanda, muitas são as questões, mas as que mais atravessam as jovens, são: falta de apoio e as incertezas quanto a capacidade de conseguir cumprir com todas as demandas. Ao longo de toda trajetória, recordo dos conselhos, diálogos e incentivos trocados ao longo das aulas e trocas, em diferentes momentos, e penso de imediato, o que estarei eu dizendo a elas com a minha desistência? Para alguns, um incentivo a desistir das suas trajetórias também.

Mas não só para elas a minha desistência as convidaria a desistir, ao longo da escrita do trabalho, também participei de reuniões de um coletivo Mães da UFRJ, li textos de Uripia e Sampaio (2009), Saafeld (2019), Silva e Salvador (2021), Calmon *et al.* (2022). Obtive diálogos com demais mães universitárias que lutam por espaço dentro da academia e para seguir suas pesquisas com pouco incentivo, mas com uma força enorme, para conceder uma ascensão social não só para elas, mas também para suas famílias, filhos (as), na trajetória de construção da carreira acadêmica.

Ao longo da reflexão sobre a escrita do tema neste trabalho, ler e reler trabalhos sobre educação popular, principalmente as obras do Paulo Freire, percebi que o educador precisa ao longo da trajetória de atuação viver aquilo que está presente em seu discurso, uma citação do

Freire (2003, p. 61) que norteia a escrita e que busco em todas as minhas vivências afirma: “É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.” Sendo assim o professor necessita alinhar o seu discurso a própria prática.

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho foram divididos em geral, específicos e colaterais para facilitar a compreensão da metodologia utilizada e sua finalidade.

1.2.1 Objetivo geral

Compartilhar reflexões D~D~A que emergiram durante a construção autoetnográfica do Devir educadora de Ciências no século XXI, a partir do resgate memorialístico de atuações pedagógicas, envolvendo a temática corpo, sexualidade e drogas, culminando na produção de um Recurso Educacional Aberto (REA).

1.2.2 Objetivos específicos

- a) construir um repertório autoral de experiências D~D~A sobre a temática corpo, drogas e sexualidade;
- b) elaborar e implementar ações pedagógicas a partir do resgate memorialístico de experiências prévias sobre a temática corpo, drogas e sexualidade;
- c) disponibilizar no EDUCapes um REA sobre a temática proposta;
- d) compartilhar reflexões sobre o Devir educadora de Ciências no século XXI.

1.2.3 Objetivos colaterais

- a) consolidar uma rede colaborativa de multiplicadores que atuem na divulgação de ações que envolvam narrativas memorialísticas e alfabetização científica em Ciências, por intermédio de ações extensionistas, oficinas e minicursos;
- b) colaborar na construção de espaços de discussão sobre sexualidade, corpo e drogas, nas escolas com educadores e licenciandos das demais áreas além da Química de estudo sobre as temáticas corpo, sexualidade e drogas;

- c) despertar o exercício da reflexão da trajetória docente visando a ampliação da discussão do tema pelos docentes em diferentes níveis de formação;
- d) problematizar a autoetnografia/autobiografia como metodologia de formação continuada para professores reflexivos.

1.3 JUSTIFICATIVA

Tendo em vista que os assuntos corpo, sexualidade e drogas e suas diferentes formas, podem ser assuntos nas escolas, corredores ou até mesmo no cotidiano dos educandos e sociedade no qual eles se inserem, torna-se importante pensar vias que possibilitem trabalhar o assunto, no espaço de sala de aula, tanto dos educandos quanto dos educadores em formação inicial e continuada, para que de forma reflexiva, docentes e discentes possam trabalhar o tema, abordando nas escolas e universidades tendo em vista que são assuntos negligenciados nas escolas.

O trabalho busca demonstrar, colaborar e despertar atenção para assuntos comumente presentes em diversas realidades nos ambientes educacionais.

A respeito dos temas corpo e sexualidade, dados da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2017) demonstram que na adolescência a maioria da população inicia a vida sexual. Nesse período, a(o) adolescente desperta para o conhecimento do próprio corpo, fase de experimentação, em que (independentemente do gênero) poderia contar com o apoio familiar e escolar. Estes dois núcleos, por meio da educação sexual, deveriam mediar reflexões e diálogos sobre: prevenção da gravidez, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), métodos contraceptivos ou qualquer assunto importante para esse ser que está se descobrindo.

Esse público, de forma geral, além de não possuírem informações corretas para vivenciarem sua sexualidade também não possuem interlocutores capazes de promoverem diálogos plurais e sem julgamento de valor (seja no ambiente escolar e/ou familiar). Inclusive, muitos apresentam receio de assumir que iniciaram sua vida sexual de forma ativa. Como consequência de práticas inseguras, podem ocorrer as IST, sendo principalmente transmitidas por meio do contato sexual sem o uso de camisinha (Chaves *et al.*, 2020).

O trabalho de Genz e colaboradores (2017), destaca a importância de atividades educacionais escolares que visem promover a integração entre escola, família e serviços de saúde colaborando para que ocorra autonomia e emancipação individual do adolescente em suas decisões sobre uma vida sexual de forma segura. Camargo e Botelho (2007) destacam que a

maioria dos adolescentes possuem práticas sexuais inseguras devido ao tema ser tabu na sociedade.

A respeito do tema drogas na escola, a pesquisa de Campos Schall e Nogueira (2013) aponta que o adolescente na sociedade atual está exposto a fatores de risco a saúde como uso do tabaco, álcool além de possuir uma alimentação inadequada e sedentarismo e com o passar da idade, cada vez mais estes fatores podem interferir para adoção de uma vida saudável.

O Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), em sua edição de 2010, aponta que a adolescência é uma fase de exposição, experimentação e vulnerabilidade ao consumo de substâncias com algum efeito no organismo, as drogas (sendo elas consideradas ilícitas, como a maconha, ou lícitas, como o álcool). O padrão de uso pode se tornar repetitivo o que pode trazer diferentes danos e risco a vida dos que fazem seu uso.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) (2019) aponta que “uso de substâncias pelos jovens está associado ao aumento do risco de delinquência, insucesso acadêmico, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, perpetrar ou sofrer violência, lesões e problemas de saúde mental”. Vemos que na juventude a utilização de substância pode estar intimamente relacionada a temática de sexualidade, corpo e gravidez.

A temática corpo, sexualidade e drogas devem ser discutidas entre as famílias e na escola, como afirma os dados apontados pela PeNSE (2019) que estes são locais de segurança e aprendizado para crianças e adolescentes.

Em relação ao consumo de drogas na população universitária, Andrade, Duarte e Oliveira (2010) apontam que o consumo de álcool, tabaco e outras drogas é mais frequente entre universitários do que na população em geral. O estudo aponta que o uso de drogas tem início precoce e intensifica-se conforme o avançar dos anos de vida.

Entender os padrões de uso de substâncias consideradas drogas entre a população jovem apresenta entre outras importâncias a de que a maioria das pessoas começa a usar drogas na juventude e nesta fase as atividades de prevenção têm mais resultados e o início precoce do uso de drogas está associado a uma série de resultados negativos para a saúde dos jovens como afirma UNODC (2009) *apud* Andrade, Duarte e Oliveira (2010).

A pesquisa com universitários, apresentada pelos autores Andrade, Duarte e Oliveira (2010) aponta ainda que os jovens universitários compõem um público alvo de importante atenção para estudos sobre o uso de drogas, pois recebem investimentos científicos e também devido às funções que poderão exercer à sociedade e ao desenvolvimento do país.

Independente da faixa etária ou nível educacional as temáticas são temas tabus. Diversos temas presentes na sociedade e nos espaços educacionais foram discutidos, sendo eles: uso e

abuso de substâncias; componentes químicos presentes nas substâncias considerados drogas, como os psicodélicos, medicamentos, cigarro, álcool, não utilização de métodos contraceptivos; gravidez na adolescência; falta de abertura para o diálogo nas famílias, escolas a respeito da sexualidade sendo assuntos utilizados como disparadores para aplicação da proposta do produto deste trabalho.

A presente pesquisa desenvolve um importante papel educacional, pois norteia-se na pedagogia emancipatória defendida por Paulo Freire (1996), citada por Saviani (2000, p. 38) como aquela que está pautada nos princípios de: relação de diálogo; formação da consciência crítica dos educandos; desmistificação do saber; ênfase no processo de produção de conhecimento, mais do que no produto gerado; a construção do conhecimento de forma coletiva, evidenciando as vivências dos educandos.

Escrever uma narrativa da trajetória docente na qual sejam destacadas as atuações em sala de aula juntamente com a elaboração e aplicação de um Recurso Educacional (REA) com o tema corpo, sexualidade e drogas fornecendo um espaço de reflexão e escuta mútua sobre atuação de outros professores em formação, na amorosidade, tem aqui principalmente a intenção de encorajar outros colegas a trabalhar o tema em suas realidades de atuação docente.

Importante destacar que o projeto emerge do acreditar no que Freire (1991) afirma, sobre o ensinar-aprender, do trabalho docente, agentes participantes da pesquisa que seja um ato crítico, de criação, não um ato mecânico, à medida que conhece o conteúdo que ensina, que toma propriedade sobre ele, ele aprende e assim consegue ensiná-lo verdadeiramente. Sendo assim, discutir assuntos como corpo, sexualidade e drogas, escritos em formato de memórias, diálogos e no processo de escuta de ações e trajetórias de outros professores, muito colabora para a ressignificação e traz um novo olhar sobre assuntos visando ser uma forma de encorajamento para que outros educadores, em suas realidades escolares futuramente ou em suas atuações presentes dialoguem com os temas.

1.4 LINHA DE PESQUISA QUE SE VINCULA

A discussão das narrativas docentes e elaboração da oficina, produto desta dissertação, dialogam com as ações desenvolvidas no Grupo Interdisciplinar de Educação Eletroquímica Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA) o qual atua na popularização do conhecimento científico sendo um canal que o torna acessível para todos, alcançando espaços que perpassam os laboratórios e universidades. A ciência produzida na universidade pelo pesquisador torna-se por meio de linguagem simples compreensível a todos, não somente para os seus pares. Contou-

se com a colaboração dos licenciandos em Química, da disciplina Estágio IV, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A presente dissertação se vincula à linha de pesquisa Formação profissional, sociedade e ambiente no ensino de Química, pois busca discutir temas do cotidiano da escola e sala de aula, e todas as disciplinas, como corpo, sexualidade e drogas. Para isso, utiliza-se de um produto, que busca colaborar para divulgação de informações científicas acerca dos temas, bem como promover qualidade de vida e saúde.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A respeito das temáticas presentes na bibliografia utilizadas no presente trabalho, torna-se fundamental definir e justificar quais funcionam como aliadas na discussão do tema que relaciona narrativas memorialísticas, políticas educacionais, autobiografia docente, sobre vivências na escola elucidando a trajetória vivida que possibilitou a discussão dos temas corpo, sexualidade e drogas, para que dela, fosse originado um produto de mestrado acadêmico, que colabore para que outros educadores discutam o tema em suas salas de aula e diferentes espaços que o estar docente os permita ocupar.

Primeiramente, foi abordado algumas políticas educacionais brasileiras que norteiam o sistema educacional, a base Nacional Comum Curricular (BNCC); Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Novo Ensino Médio (NEM). Também conceituou-se narrativas memorialísticas com intuito de fornecer diálogos para que o educador perceba-se um ser político em sua atuação, que tem o poder de colaborar para emancipação dos educandos, ao tomarem consciência de sua realidade social. Auxiliando no combate à possíveis opressões, representadas no presente estudo pela não discussão dos temas corpo, sexualidade e drogas e o quanto a ausência delas pode impactar na promoção da saúde dos educandos e gerar homofobia, dentre outras discriminações. Portanto, assuntos como IST, gravidez na adolescência, uso abusivo de drogas, obesidade, busca exagerada por procedimentos estéticos, discriminação e tantos outros assuntos emergem.

Os assuntos utilizados para a fundamentar a pesquisa referente ao tema educação sobre drogas permearam em torno da Redução de Danos (RD), ao discutir drogas, já que em sua forma de abordagem objetiva promover saúde e defendendo a discussão do assunto juntamente com práticas educacionais que proporcionem um ambiente seguro, não repressivo, colaborando assim para discussões efetivas sobre o tema ocorram.

O tópico de fundamentação também fala sobre emancipação do educando e de autores que discutiram o assunto, principalmente Paulo Freire, promovendo através de discussões uma forma de emancipação dos educandos, que por meio do da discussão e reflexão sobre assuntos que estão presentes em diferentes contextos da sociedade e que afetam diretamente a sua vida, como o caso de corpo, sexualidade e drogas possam tomar atitudes que promovam a saúde e possam ter meios para participar da sociedade como cidadãos nos mais diferentes campos da sociedade.

As discussões falam sobre o letramento científico, forma de abordagem que possibilita a todos, no caso desta pesquisa, professores em formação inicial, conhecer de forma integral

diversos assuntos que estão presentes no contexto da sociedade e assim participar de discussões e posicionar-se de forma consciente frente às mais diversas ações e temáticas.

Concluindo a fundamentação, abordam-se inspirações que levaram a escrita do trabalho e a justificativa da atividade, pela utilização da prática docente pautada na tríade Discente~Docente~Aprendente, que visa a atuação ativa do educador, pautadas na ideia de Paulo Freire, de que a educação é uma ferramenta de emancipação dos sujeitos e por fim o planejamento reverso que é uma proposta de trabalho centrada nas experiências dos educandos em suas necessidades.

2.1 POLÍTICAS EDUCACIONAIS/ BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que teve sua criação coordenada pelo Ministério da Educação (MEC), no qual diversos agentes do campo educacional e a comunidade escolar discutem e apresentam dez competências gerais que buscam guiar o desenvolvimento escolar de estudantes de todos os segmentos escolares – Creche, ensino fundamental I e II e médio (BRASIL, 2017).

No ano de 2015 e 2016 os esboços da BNCC começaram a surgir, a partir de especialistas das universidades e secretarias da educação, que analisaram diversos currículos espalhados pelo Brasil somados a consultas públicas realizadas para que a população e professores de todo o país pudessem contribuir na construção do documento da BNCC. A primeira versão do documento foi lançada em 16 de setembro de 2015 e a sua segunda versão em maio de 2016 lançada para análise e discussões por diversos especialistas, professores e gestores em seminários e escolas. Somente em agosto do mesmo ano uma terceira versão colaborativa começou a ser redigida a partir da segunda versão. Finalmente em 2017 ela foi homologada e finalmente em 2018 o Brasil teve uma base Nacional Comum Curricular que contemplasse todos os níveis da educação básica (BRASIL, 2018).

Importante também comentar um pouco sobre as competências lançadas pela BNCC, documento que norteia a criação do currículo, sendo cada instituição responsável por elaborar um currículo observando os critérios definidos pela BNCC e pelos estados e cidades brasileiras. As competências definidas pelo documento orientam de forma geral os conteúdos, habilidades, valores e ações que cada área do conhecimento e componentes do currículo, nos quais os alunos devem possuir e desenvolver para que a aprendizagem em cada etapa da educação básica seja assegurada.

Segundo Brasil (2018) são 10 as competências definidas pela BNCC: conhecimentos, pensamento científico, crítico e criativo, diversidade cultural, comunicação, cultura digital, trabalho e projeto de vida, argumentação, autoconhecimento, cooperação, empatia, responsabilidade para consigo, com o outro e cidadania. Todas elas buscam definir o que deve ser trabalhado e estimulado nos estudantes durante cada etapa de formação no ensino básico. As competências visam colaborar com a formação do cidadão participativo e conscientemente críticos sobre os seus deveres e valores na sociedade.

Segundo a BNCC o aluno tem papel de protagonista no seu processo de aprendizagem. O aluno é visto como um investigador, pois possui seus conceitos prévios e experiência valorizados, colaborando para formação crítica. O professor juntamente com aluno trabalha os conteúdos apropriados a etapa de formação de maneira sistematizada e organizada, então assim o aluno desenvolverá suas potencialidades.

2.2 TEMÁTICAS TRANSVERSAIS PROPOSTAS PELOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), são uma série de textos que apresentam e trabalham temáticas nas diversas áreas de ensino que buscam contribuir para elaboração dos currículos das escolas de todo o Brasil. Foi desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), o ano de sua primeira publicação foi 1997 para o ensino fundamental já nos anos 2000 os do ensino médio.

Os PCN para o ensino médio são organizados por áreas de conhecimento, três são elas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias, essa divisão se justifica pela “reunião dos conhecimentos que compartilham objetos de estudo e, portanto, mais facilmente se comunicam, criando condições para que a prática escolar se desenvolva numa perspectiva de interdisciplinaridade” (BRASIL, 2000).

Os PCN, com todos os seus temas de abordagem, perpassando as oito disciplinas escolares (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira), no segmento do ensino fundamental, possuem diferentes objetivos, dentre eles, para o presente trabalho, merecem destaque a capacidade de pensamento e posicionamento de forma crítica diante das diferentes situações que emergem das relações interpessoais na sociedade, utilizando o diálogo como ferramenta para mediar possíveis conflitos; entender-se cidadão, aquele que possui deveres sociais e políticos,

combatendo qualquer tipo de injustiça e discriminação seja por credo, orientação sexual ou etnia e cuidar da saúde de forma individual e coletiva, adotando atitudes que prezem o cuidado com o próprio corpo e o do outro, valorizando hábitos de vida saudáveis (Brasil, 2000). Os objetivos destacados perpassam as ações que serão elaboradas na oficina Corpo, sexualidade e drogas, elaborada como produto da presente dissertação que será discutida no próximo capítulo.

A autora Sandra Unbehaum (2014) em sua pesquisa de doutorado investigou como professores de universidades públicas brasileiras, dos cursos de Pedagogia que discutem questões de gênero em seus currículos. Ela observou que a transversalidade tem sido uma estratégia utilizada pelos docentes-pesquisadores do tema. A presente pesquisa utilizou-se de uma disciplina da licenciatura em Química para promover espaço de discussão, dialogando assim com o que a pesquisadora diz, a disciplina não está presente na grade curricular, sendo apenas ofertada no formato de disciplina eletiva, como também afirma a pesquisa.

Nos PCN a interdisciplinaridade surge para “utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista”, ela não tem a pretensão de criar novas disciplinas e saberes (Brasil, 2000).

Unbehaum (2014) vem afirmar ainda que embora os PCN e seus temas transversais tenham sido elaborados para servir de referência para professores da educação básica, a concepção de “Transversalidade” dos temas centrados na realidade social ao exercício da cidadania e à noção de direitos extrapola para a mesma abordagem nas licenciaturas (Unbehaum, p.105, 2014).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil,1997) apresentam a orientação sexual de forma transversal, devendo ser abordada por diversas áreas do conhecimento e para discutir no presente trabalho é fundamental, já que como afirmam Barros e Miranda (2019), eles constituem o principal guia para educadores promoverem debates sobre educação sexual nas escolas.

Em relação à promoção da saúde, os PCN defendem que a escola, através das suas ações colaboram para que os estudantes tenham acesso a informações e entendam políticas que possam promover saúde da sociedade que pertencem. A escola juntamente com outras instâncias políticas possui de forma colaborativa a função de promover a saúde. Então, cabe ressaltar que o REA elaborado nesta dissertação como produto, foi pensada para ser um dos meios que colaborem para a promoção da saúde, tendo em vista que reflete sobre o corpo, todas as questões que podem surgir ao medirmos espaços de discussão sobre que papel exerce enquanto corpo que atua em diversos meios, acadêmico, escolar e social.

Ainda sobre saúde, abordando educação sexual é importante nortear sobre os temas transversais, pois o REA que emerge como produto do presente trabalho discursa sobre corpo, educação sexual e drogas. Os temas transversais são assuntos que podem ser integrados aos demais conteúdos escolares, podendo ser trabalhados em diferentes áreas disciplinares, possuindo em cada uma delas diversas formas de abordagem, são escritos no Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), como: ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e orientação sexual.

2.3 FORMAÇÃO DOCENTE

A presente pesquisa trabalha com memórias docentes, essas são formadas na atuação diária com a docência. As autoras Gatti, Barreto e André (2011) apresentam uma reflexão importante sobre a importância de os professores estarem cada vez mais atentos aos desafios que surgem ao longo da trajetória de atuação, as gerações, a cada ano que se passa, trazem para a sala de aula suas vivências e culturas, logo o professor precisa estar atento a elas.

Gatti, Barreto e André (2011) também destacam que os professores ao longo da atuação estão cumprindo múltiplas tarefas, em escolas com o passar das gerações, a cada dia mais estão expostas a uma diversidade de informações presentes na sociedade atual e cada vez mais acabam tendo que lidar com as expectativas trazidas de sua formação frente às realidades escolares.

Este trabalho, através da proposição e aplicação do produto, busca utilizar narrativas para despertar a discussão sobre as expectativas dos professores e as diversas realidades diárias nas escolas de atuação de todos os participantes, seja estando como estagiário ou professor, pois o professor independentemente do nível em que atua, precisa refletir constantemente sobre a importância do papel que exerce e do quanto o constante processo de estudo e formação, a dita formação continuada do docente se faz necessária. Para que receba as novas demandas dos temas da atualidade trazidas pelos diversos alunos, nos seus mais diferentes contextos e realidades. Para que não seja motivo de espanto e nem um fator que gere um certo receio em abordar determinado tema. Ainda com essa reflexão, não foi de forma despretensiosa que resolvemos abordar temas como corpo, sexualidade e drogas, já que são temas considerados tabus para muitos profissionais.

Cabe conceituar a formação docente, para isso o conceito de Garcia (1999) vale ser escrito, pois ele afirma que remete a todo o tempo de formação do professor desde o tempo de

graduação até a sua atuação cotidiana, vivida no tempo presente por cada professor, sendo assim na formação inicial e continuada.

O conceito de Garcia (1999) tem sido amplamente difundido em diversos trabalhos da área. Garcia (2009) e outros autores como Nóvoa (2008) não diferenciam a formação docente em formação docente inicial e formação docente continuada, mas sim as intitulam como desenvolvimento profissional docente. O próprio Garcia (2009) afirma que o termo “desenvolvimento profissional” reforça a ideia de um avanço, ascensão contínua ao longo dos anos de profissão, abandonando assim a demarcação de um início e depois do período de graduação uma continuidade na formação do professor.

O artigo de número 42 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) coloca os termos Formação inicial, formação continuada e qualificação profissional como termos utilizados para preparar para a vida produtiva e social, promovendo a inserção de jovens e reinserção de trabalhadores, todos os níveis de escolaridade são atendidos. No presente trabalho abordam-se os termos formação inicial e continuada de professores para demarcar qual momento de formação da vida profissional as atividades foram desenvolvidas.

O trabalho de Libâneo (2004) sobre a formação docente inicial e continuada de professores afirma que atualmente a tendência investigativa mais forte é a que percebe o ensino como atividade reflexiva, nela o professor desenvolve a capacidade de refletir sobre a sua prática, o trabalho que desenvolve.

Zeichner (1993) afirma que a prática de reflexão atribuída ao educador confere a ele um papel ativo na formulação de seus objetivos e meios do trabalho. Estas reflexões podem contribuir para a construção dos conhecimentos a respeito do ensino. O conceito do professor prático reflexivo defendido pelo autor, confere importância e reconhecimento sobre a riqueza que existe na prática de bons professores. Para o autor a teoria a respeito da educação possui a função de apoio à reflexão sobre a prática educativa do professor.

O autor acima, elucidando a prática reflexiva que defende, afirma que nela a atenção do professor deve estar voltada tanto para própria prática, quanto para as condições sociais nas quais estas se inserem. O autor afirma que é importante o professor estar atento às suas decisões tomadas em relação às questões que possam gerar desigualdade e injustiça dentro da sala de aula. A formação de professores, a escola são elementos centrais na construção de uma sociedade mais justa, já a sua prática é concebida para busca da reconstrução social.

O trabalho de Zeichner (1999, p. 44) afirma que a “reflexão crítica docente incorpora um compromisso ético e social na procura de práticas educativas e sociais mais justas e democráticas”, o professor é um sujeito político e a reflexão crítica sobre a sua atuação e prática

o torna mais comprometido com questões sociais atuais que estão presentes na escola e toda a sociedade na qual está inserido.

Nóvoa (1992) afirma que a percepção do professor como um profissional reflexivo tem sido abordado por diversos autores. Paiva (2003) afirma que o ensino como prática reflexiva gera uma visão positiva dos professores e é bem aceito academicamente. Nesta pesquisa corrobora que a percepção do educador reflexivo sobre a prática é um exercício que deve acompanhar toda a vida docente, à medida que se busca a formação continuada novas leituras e bibliografias para que cada vez mais as atuações colaborem para o processo de emancipação dele mesmo e dos educandos com os quais atua. A concepção de professor reflexivo de forma crítica, utilizada na presente dissertação, se encontra pautada no estudo de Nóvoa (1992) e Zeichner (1993 e 1999).

A autora Paiva (2003) alerta quanto ao uso do termo reflexivo como um novo modelo de prática docente de modo generalizado, pois pode sugerir que basta o professor ser reflexivo para resolver problemas em seu trabalho e ter autonomia na sua ação pedagógica em determinadas instituições ou ter poder que muitas vezes não se concretiza, assim podendo desviar o olhar das questões de problemas estruturais ligados às questões de desigualdade social, política e econômica.

Os autores Vogel e Abreu (2019), em seu trabalho, afirmam que a formação docente não deve ser pautada no modelo da educação tradicional, formulados e desenhados em um plano da matriz curricular, é preciso questionar a prática já existente para que assim seja promovida sempre uma qualidade e eficácia nas ações.

Os autores Vogel e Abreu (2019, p. 13) afirmam que:

A partir das histórias de vida, especificamente por meio do método (auto)biográfico, o docente toma consciência dos processos formadores, compreendendo que a formação não ocorre pelo acúmulo de atividades, mas pela reflexão e (re) construção dos seu saber-fazer.

Na citação supracitada podemos perceber que com o passar dos anos de formação docente, não somente as atividades realizadas colaboram para construção profissional do educador, mas também a reflexão sobre a prática, sobre sua vida pessoal e profissional que vivencia. Acrescenta-se também o que almeja construir. Sendo assim, o presente trabalho utiliza autobiografia dos professores concomitantemente às questões sociais e escolares.

A formação docente requer compromisso e Freire (1983) afirma que a primeira condição para se assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir, sendo assim é preciso que seja capaz de estando no mundo saber-se nele.

2.4 DEVIR EDUCADORA NA ESCOLA

O termo devir educadora utilizado no título da presente dissertação foi pensado a partir de explicações filosóficas a respeito das mudanças, movimentações a que tudo que se encontra na Terra está exposto, inspirado no conceito Heráclito de Éfeso (500 a. C).

Marcondes (2010, p. 35) apresenta a tradução da passagem contida nos escritos do filósofo (fragmento 91): “Não podemos banhar-nos duas vezes no mesmo rio, porque o rio não é mais o mesmo.” em outras palavras o rio se transforma, ele não é mais o mesmo, concedendo a ideia de mudança, a noção de mobilismo, de que todas as coisas estão em fluxo.

A passagem de Heráclito, teve uma afirmativa que a complementa, concedendo a noção de que se o rio mudou, não é mais o mesmo, a pessoa ao se banhar também não será mais a mesma. Ao interpretar a passagem e conectá-la ao Devir, se não somos constantes, fixos, logo estamos em contante processo de mudança. O devir, vem de transformação.

Por meio de sua forma de interpretação literária, textos denominados aforismos, Heráclito define o conceito de devir, os autores Silva e Gomes (2013) utilizaram-se do fragmento 51, que se enuncia “Não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, como de arco e lira.” (PRÉ-SOCRÁTICOS, 2000, p. 93), para explicá-lo, devir é a constante transformação conferida aos seres.

Tendo posto as definições de devir para Heráclito, quando o enunciado da dissertação apresenta a expressão “devir educadora no século XXI”, seria essa transformação vivida em cada fase do processo de formação docente, do meu “estar educadora”, memórias desse constante processo de devir, dessa busca por construir uma educadora que reflita sobre a prática e colabore para um futuro com educandos críticos e emancipados, conscientes da importância de seu papel político e social que quero expressar.

O devir se justifica-se também pela ideia de que a cada ano de atuação ocorrem transformações, e cada uma delas colabora para construção de uma docente diferente daquela dos primeiros anos de atuação.

A ideia do devir educadora utilizado, pode-se dizer que conta com uma leitura do Paulo Freire, em sua fala sobre alfabetização de adultos (Brandão, 1980) na qual busca encorajar os alfabetizadores a “pensarem criticamente o mundo”, para isso, afirma que a realidade vivida se encontra em movimento, não devemos simplesmente adaptarmos a ela, mas transformá-la, social e politicamente. Para Paulo Freire homens e mulheres pensando criticamente agem para transformar suas realidades:

[...] Quando se fala em “ler a realidade”, em “pensar criticamente o mundo”, está se

reportando à necessidade de compreendermos a nossa realidade não como uma coisa parada, à qual a gente se deva simplesmente adaptar, mas como algo em movimento, em processo. Entendemos o movimento da realidade quando pensamos, por exemplo, que “ninguém pode tomar banho duas vezes na mesma água de um rio”. Quando se fala em “pensar criticamente o mundo”, está se referindo à necessidade que temos de entender a razão verdadeira que explica os fatos, as coisas da realidade (FREIRE, 1980, p.140).

O “devir educador” (aspas da autora) perpassa pela transformação sugerida na passagem anterior, dessa transformação que sofremos a cada passo que imersos na realidade, no processo educacional que vivemos, nessa eterna busca por emancipação. Aqui busco pensar criticamente a escola e o processo educacional e sugerir um produto educacional que sirva para motivar através da escrita os leitores a pensarem criticamente também.

Cada turma, sala de aula, escola representa o rio, algumas vezes podendo ser caudaloso, representando uma escola repleta de desafios, tensões, questões sociais complexas, outras tranquilo, quando se torna possível uma atuação que conte com a participação de todos os agentes escolares, vivacidade, colaboração e interdisciplinaridade nos projetos.

O rio pode contar em seu percurso com declives, pode apresentar uma barragem, ter seu curso desviado por construção de uma represa e até mesmo um lago para hidrelétrica, comparando-os com a escola, essas alusões do rio acima representam desacordos, conflitos de interesses, obstáculos para construção de um projeto, abandono de uma prática e projeto mas sempre o rio encontra uma forma de seguir seu trajeto, a água emana de sua nascente, na escola, as pessoas e situações fluem da melhor forma para que ocorra a educação de qualidade.

Ambos, escola e rio, proporcionam uma infinidade de oportunidades de transformações para àqueles que se banham neles, seja o mais caudaloso, ou mais raso. Ou seja, uma escola que colabore para formação crítica dos alunos ou não, que permite a participação e encorajem seus professores para ação educativa, mas tenha certeza, nas comparações entre o rio para o banhista e a escola para o educador não serão os mesmos, à medida que mergulham no universo da educação ou no rio, todos se renovam, fluem, banhista levado pela corrente e educador pelo furor pedagógico da escola, levado pelas ideias, políticas, vivências e memórias.

2.6 NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS

Maurice Halbwachs (1990) é um pesquisador que afirma que a memória pode ser além de algo individual, também construída de forma coletiva, através das relações sociais que cada indivíduo constrói ao longo da sua vida, o autor afirma que as lembranças surgem porque a situação que estamos vivendo as fazem brotar. Para ele os familiares próximos, como pai e mãe,

além de outros indivíduos fazem surgir lembranças. Para Bosi (1987) o ato de narrar a vida, o autor pode se apropriar dela e refazer o percurso do caminho trilhado, isso é mais do que reviver todas as imagens do que foi vivido no passado.

O autor Ártieres (1998), afirma que ao “escrever uma autobiografia que é uma das formas de arquivar o eu, escolhemos alguns acontecimentos vividos, os ordenamos em forma de narrativa”. A escolha e a forma como classificamos os acontecimentos, determinam o sentido que desejamos conceder às nossas vidas. O arquivamento do Eu é uma forma de construção de si próprio e de resistir.

O ato de escrever uma narrativa da própria trajetória é escrever sobre os acontecimentos ao longo da trajetória vivida, ressignificando e deixando para posteridade, para quem lê ou até mesmo ao ter a oportunidade de reler e ressignificar a trajetória e formar novas memórias. Ferreira (2018) vem afirmar que ao narrar a sua própria trajetória vivida, cada indivíduo tem a oportunidade de juntar todos os elementos escolhidos por ele, para que em sua defesa, haja provas suficientes de que as representações de si próprio, construídas pelos outros, sejam refutadas, desafiando assim a ordem dos acontecimentos.

Ferreira (2018) ainda afirma que a escrita da narrativa é um processo de subjetivação da memória escrita, a tentativa de arquivar fatos vividos o indivíduo vai criar uma identidade em torno das representações que foram feitas a seu respeito, essa citação gira em torno do conceito de arquivar a própria vida, trabalhado por Ártieres (1998). A pesquisa também colabora para o processo de arquivar memórias de professores em formação participantes deste trabalho apresentando suas trajetórias e contextos escolares, bem como minhas memórias do “estar educadora” durante dez anos de atuação no Rio de Janeiro.

A leitura de Ferreira (2018), no qual atuando em suas oficinas com alunos que produzem suas narrativas do cotidiano e colaboram para formação da memória da escola. No REA deste trabalho, atuando com professores em formação inicial, pode-se dizer que estes colaboram ao narrar suas trajetórias, escolas que frequentaram e como licenciandos promovem a formação de memórias sobre o “estar licenciando” em Química na UFRJ.

Para Delory-Momberger (2016) falar sobre a maneira como os fatos ocorridos são retomados nos permitem construir a nossa experiência, expressar a maneira como cada um de nós faz apropriação do que foi vivido, experimentado, de que maneira transformamos isso em “experiência”. A autora também salienta que as experiências vivenciadas pelos indivíduos estão ligadas ao contexto social e histórico da época, do meio e do ambiente no qual cada um vive.

A autora Delory-Momberger (2016) trabalha com pesquisa biográfica e autobiográfica e explica que o campo de pesquisa fala sobre a subjetividade da construção de si, e como o ser

nesse processo se relaciona com a sociedade e os outros que o cercam. Delory-Momberger (2009) afirma que ao relatar a trajetória de vida, cada fato vivido pela pessoa em questão faz com que ela se aproprie da história e colabore na construção de sua identidade. O trabalho de Souza (2006) afirma a autobiografia, ser o modelo de escrita que possibilita o autor utilizar-se dos fatos da própria trajetória vivida, tornando-se uma fonte importante para compreender ações dos estudantes em formação, bem como o cotidiano escolar.

Como a presente pesquisa é pautada principalmente em ouvir professores em formação, CATANI *et al.* (1997) afirma que a formulação de uma autobiografia para o professor em formação é uma oportunidade de refletir sobre sua vida pessoal e tomar consciência de seu papel social.

O caminho trilhado neste trabalho visa definir narrativas, mediante as concepções e autores que trabalham o tema. Primeiramente importante recorrer à literatura, ao trabalho de Gotlib (2006), que aborda a teoria do conto ela define e diferencia o contar e o relatar, o primeiro, é dizer falar ou escrever algo que pode ter ocorrido ou não, de forma que não tenha obrigatoriedade com a veracidade dos fatos. A realidade e a ficção se misturam, é literatura, nela o fictício e o real se misturam e não se sabe o limite de cada um. Já o relato tem compromisso com a realidade dos fatos, é escrever ou falar uma notícia ou fato vivido ou observado.

Para Nóvoa (1988) quando se compara narrar com relatar, tem-se a narrativa como representação real do ocorrido, gêneros textuais na literatura são utilizados com esta finalidade de narrar, fábulas, conto, romance e poemas épicos. este trabalho não possui a finalidade de dissertar sobre os tipos de textos, mas foco é afirmar que a narrativa aqui foi utilizada, trazendo à tona memórias vividas pelos participantes, bem como da própria autora.

Um referencial importante de Brémond (1972), afirma que todos os tipos de texto que contam algo, são narrativas, já que apresentam uma sequência de acontecimentos. O autor em seu livro, expõe um método para analisar as definições de conto, formulando uma regra para analisar o texto narrativo, a de que todo texto possui um início, desenvolvimento e desfecho.

Para refletir sobre narrativas, é importante citar Pedro Nava, escritor memorialista, que em seus textos busca de forma poética narrar suas memórias, apresentando experiências e fazendo leituras da sociedade, por meio das relações sociais que obteve ao longo de sua vida. Nava (2003) define memória:

[...] não como lembrança imobilizada de contemplação paleontológica das idades mortas, mas como a representação dos caminhos que foram trilhados em vão e que não podem ser retomados; como a crítica dos erros pretéritos que é um aviso aos

obstinados, como a análise do acerto antigo que é orientação atual da procura congênere. (NAVA, 2003c, p. 12)

A memória definida pelo autor descreve fatos que viveu e podendo escrever sobre eles, refletir e os questionar. Neste texto, ao trabalhar e escrever sobre as memórias, o exercício de reflexão sobre assuntos que podem estar presentes na vida de cada um, quando eram educandos, graduandos e muitos atuantes em sala de aula. A proposta é escrever as memórias e poder dizer o quanto através delas podemos deixar para outros refletirem se encorajarem a pensar sobre as próprias memórias também, em suas realidades escolares, a cada um que tiver acesso ao produto deste trabalho.

Dentre as definições e passeios sobre as narrativas, duas definições importantes nortearam o presente trabalho, buscando uma autobiografia, já demarcadas na introdução foram a de Nóvoa (1988),

[...] as histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’ [...]. (Nóvoa, 1988, p. 116).

no qual o educador refletindo sobre a prática docente, todos os percalços e sucessos surgidos ao longo dos anos, sejam eles na formação inicial ou durante a formação continuada, colaborando para uma prática reflexiva, um educador que colabora para uma formação crítica, e a do Delory-Momberger (2016), já abordada anteriormente, na qual o autor salienta a importância do professor também defende que uma reflexão crítica sobre a prática enquanto educador contribui na formação de sua identidade docente.

2.7 LETRAMENTO CIENTÍFICO

Ao falarmos em letramento científico (LC), Ayla (1996) afirma que podemos considerar se tratar de um conhecimento sobre Ciência que deve ser adquirido diariamente. Para ele, algo tão importante quanto a leitura e escrita, no sentido comum, quando levamos em conta o processo educacional. O letramento científico é no mundo moderno cheio de informações, compreendendo uma série de políticas e informações relacionadas a diversos assuntos, sem a obrigatoriedade de conseguir entender detalhadamente os conceitos e fórmulas trazidas no livro didático de qualquer área científica. Em outras palavras, refere-se tanto à capacidade de compreensão do conhecimento científico como à capacidade de aplicação dos conceitos científicos.

Importante citar que existe uma discussão e comparação entre os termos letramento científico e alfabetização científica. O trabalho de Sasseron e Carvalho (2011, p.60) afirma que alguns autores preferem o uso de um em detrimento dos outros. As autoras preferem o uso do termo Alfabetização Científica (AC), apoiadas na ideia de alfabetização de Paulo Freire, indo além de dominar técnicas da escrita e leitura, conseguindo organizar seu pensamento de maneira lógica permitindo assim realizar uma leitura crítica do mundo no qual está inserida. A autora apresenta a definição de Alfabetização Científica (AC):

O uso do termo Alfabetização Científica deve desenvolver em uma pessoa qualquer a capacidade de organizar seu pensamento de maneira lógica, além de auxiliar na construção de uma consciência mais crítica em relação ao mundo que a cerca (Sasseron e carvalho, 2011, p.60).

O autor Chassot (2000, p. 34) também defende o termo Alfabetização Científica, definindo-o como Conjunto de conhecimentos que possibilita os indivíduos realizarem uma leitura e interpretação da linguagem construída pelos seres humanos para explicar acontecimentos e fatos do mundo no qual todos estão inseridos. O trabalho de Chassot (2000) defende o uso do termo alfabetização alegando que o termo letramento não se encontra no dicionário e que a palavra letrado no dicionário pode estar associada à ideia de uma pessoa arrogante e prepotente.

Para as autoras as definições do trabalho Freire sobre alfabetização seriam adequadas para utilizar o termo Alfabetização Científica, já que de acordo com Freire (1983) enquanto se alfabetiza o educando se prepara para ser agente de sua própria aprendizagem, obtendo percepção crítica sobre a importância que o ato de ler e escrever possui em sua vida na sociedade. Na alfabetização Científica para as autoras, é importante a conquista da leitura dos acontecimentos da nossa sociedade e mundo como um todo de forma crítica, observando a veracidade, honestidade e o quanto tal informação incluída na sociedade condiz com o que realmente as pessoas vivenciam.

Ainda sobre o termo Alfabetização Científica, trabalho de Krasilchik e Marandino (2004, p.26) definem como a capacidade do indivíduo ler, compreender e expressar opiniões sobre ciência e tecnologia e afirmam que o termo é amplamente utilizado e aceito pela comunidade científica, e defendem que o termo Letramento está incluído na Alfabetização científica.

O trabalho de Santos (2007, p.479) reflete sobre o uso de ambos os termos e afirma:

A alfabetização pode ser considerada o processo mais simples do domínio da linguagem científica enquanto o letramento, além desse domínio, exige o da prática social, a educação científica almejada em seu mais amplo grau envolve processos cognitivos e domínios de alto nível.

No presente trabalho adotamos o termo Letramento Científico, inspirados pelo trabalho de Shamos (1995) *apud* Santos (2007) no qual apresenta que um cidadão letrado não apenas sabe ler o vocabulário científico, mas é capaz de conversar, discutir, ler e escrever coerentemente em um contexto não-técnico, mas de forma significativa. No presente trabalho adotaremos o termo, já que a oficina por nós realizada sobre corpo, sexualidade e drogas não buscava apenas o entendimento dos termos, bem como que os licenciandos, como futuros professores possam promover nos espaços educacionais que venham participar, possam sentir-se convidados e seguros para abordar e discutir das questões sobre os temas, apropriando-se de suas trajetórias somadas às leituras e atividades utilizadas na reflexão para promover futuros espaços de discussão sobre o tema.

Ainda buscamos outra citação a respeito do termo letramento Científico, para embasar a escolha por adotar o termo, as autoras Sasseron e Carvalho (2011) afirmam que duas pesquisadoras conceituadas da área de linguística Angela Kleiman e Magda Soares, o defendem. A definição presente no trabalho de Soares (1998, p. 18) para o termo:

Letramento Científico é o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

O letramento científico termo escolhido por nós, foi uma ferramenta muito importante para a construção do REA, tendo em vista que os professores em formação participantes da pesquisa de uma forma ou de outra acessam notícias e realizam trocas de informações sejam nas aulas ou em atuações que já realizam na escola e muitas vezes precisam ter contato com conteúdo atuais que circulam nos meios digitais. O letramento científico foi meio de suma importância para todos os professores em qualquer etapa de formação que se encontram, aqui na oficina na etapa inicial, já que estudam Química, uma área científica, a todo momento a Ciência se renova e perguntas surgem, estar continuamente realizando a leitura e participando de espaços como oficina, eventos, projetos e rodas de conversas sobre corpo, sexualidade e drogas favorece ainda mais no processo de promoção de espaços de escuta e aprendizado e propagação do letramento científico.

2.8 PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO REVERSO

As atividades do REA e roda de conversa foram desenvolvidas com base na ideia do Paulo Freire (1996) refletindo sobre incompletude, o indivíduo não está completo, necessita através das relações busca-se completar, sempre pode recriar e construir saberes, nas relações desenvolvidas com os outros, nas suas experiências e aprendizados compartilhados.

Durante a aplicação do REA apresentado como produto da dissertação de mestrado para os licenciandos da disciplina Química na Escola IV, foram apresentadas informações relacionadas ao tema Corpo, sexualidade e drogas. Os licenciandos ao longo dos encontros refletiram como os nossos corpos não somente ocupam lugar no espaço, mas são a representação das nossas relações com a escola, família e sociedade. A ideia foi refletirmos o “eu” como representação do corpo, que possui um papel político na sociedade. Durante as atividades os participantes licenciandos tiveram a oportunidade de refletir e expor suas vivências relacionadas aos assuntos.

A proposta foi pensada a partir da leitura de Paulo Freire (1996), na qual discute sobre a rigorosidade metódica do educador, repetição da leitura que obteve quanto pesquisador, como que se as informações forem memorizadas e têm por obrigação serem repetidas ali, pois se ponho isto em prática, fujo da realidade sobre o assunto que está sendo vivida pelos estudantes. Com foco em ambos, estudantes e educadores trabalharem, discutirem drogas na escola, quais as realidades que cada um vivencia, sem deixarem de estar atentos a realidade que os cercam.

O produto foi pensado utilizando o planejamento reverso abordado no trabalho de Wiggins & McTighe que possui a aprendizagem centrada no aluno, sendo assim as metas ou objetivos da aprendizagem são o ponto de partida para que então sejam definidos conteúdos utilizados, resultados, atividades e instrumentos avaliativos.

3 METODOLOGIA

Sobre a escola, suas funções e todas as relações que estão contidas nela, no trabalho foram utilizadas leituras dos textos do educador Paulo Freire sobre pedagogia libertadora, que afirma a educação emancipatória possibilita que os educandos tornem-se protagonistas de suas histórias (Freire, 1996), colaborando para que os educandos se percebam cidadãos, bem como apreciem suas vivências e toda cultura que possuem. A atuação parte da percepção que o educador, não seja neutro em seu papel educacional, pois como afirma Araújo (2014), que aquele que se diz neutro já tomou uma posição, a daquela que concorda com as ações que estão acontecendo no contexto em que se encontra.

A presente pesquisa utiliza-se de narrativas para promover espaços de diálogo, bem como elaboração de uma autobiografia, na qual sejam escritas narrativas e memórias sobre a ação, bem como a atuação docente a respeito dos temas corpo, sexualidade e drogas no contexto escolar. Elaborar um memorial torna-se uma fonte importante para compreender ações dos licenciandos em formação, bem como o cotidiano escolar corroborando com o estudioso sobre a escrita de memoriais educacionais, Nóvoa (1988) afirma que a autobiografia colabora para a ideia de que o processo de formação é permeado pela reflexão sobre os caminhos trilhados na vida do indivíduo.

Pensar a metodologia da pesquisa que busca trabalhar texto auto biográfico e refletir sobre as implicações de aplicação de um Recurso educacional Aberto (REA) sobre temas transversais: corpo, sexualidade e drogas, amplamente abordados e ligados à área médica e ao mesmo tempo que se relaciona ao social é um desafio, pois o trabalho está totalmente ligado a área das Ciências Sociais, mas ao mesmo tempo com assuntos que são abordados para promoção de saúde. Diante da questão, é importante definir uma metodologia que não aborde os mesmos passos seguidos e adotados pelos cientistas que atuam nas bancadas de laboratório.

Importante afirmar que o presente trabalho se classifica como uma pesquisa com abordagem qualitativa, que estuda fenômenos e questões que emergem das relações entre os seres humanos na sociedade (Lüdke e André, 2013). Existem variados métodos para realizar uma pesquisa qualitativa e a escolha dentre eles ocorre a partir da definição do problema a ser investigado pelo estudo (Stubbs e Delamont, 1976 *apud* Lüdke e André, 2013).

A abordagem qualitativa da pesquisa engloba diversos tipos de técnicas para que o estudo seja efetuado. No presente estudo a observação para coleta de dados será utilizada, segundo Lüdke e André (2013) a técnica consiste no pesquisador realizar a observação a partir da definição do objeto, do tema a ser estudado, percebendo fatos, vivências, características sobre os sujeitos a partir das relações com ou entre os sujeitos. Aliada a observação foi utilizada a metodologia da história de vida, definida como um “relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (QUEIROZ, 1988, p, 20).

Segundo Lüdke e André (2013) a observação é um instrumento potente que pode estar associada a diversas técnicas de coleta de dados, sendo possível o pesquisador com suas experiências vividas e conhecimentos prévios interpretar os dados e resultados, já que possui uma relação estreita com o objeto estudado e assim consegue perceber, interpretar e compreender intimamente resultados para sua pesquisa.

Utilizamos no trabalho a observação não participante, na qual o observador não pertence ou participa do grupo que busca observar e permite que o observador esteja no local onde o grupo de indivíduos pesquisados desenvolve suas ações (Alencar, 1999 e Santos, 1994). Aqui o grupo observado foi uma turma de licenciandos em Química, da disciplina “Química na escola IV”, da UFRJ, na qual foi aplicada a oficina nas temáticas corpo, sexualidade e drogas. A observação não participante foi direta (Santos, 1994), realizada em sala de aula, em contato direto com os licenciandos observados, no contexto da aplicação do REA.

Pode-se definir quanto a técnica de registro das atividades escolhida no presente trabalho, como a de registro de acontecimentos (Santos, 1994), durante um período de tempo pré-estabelecido, aqui, o tempo de duração de duas horas semanais, ao longo dos quatro encontros da oficina, realizados nos dias 30 de maio de 2023; 06 de junho de 2023; 13 de junho de 2023 e 20 de junho 2023, as observadoras anotaram as interações dos participantes ao longo das atividades, bem como recolheram todos os registros escritos elaborados pelos participantes em resposta às propostas. Importante também salientar que utilizamos o aplicativo WhatsApp para recolher materiais formulados pelos participantes em resposta aos encontros, sendo facultativa a devolutiva das atividades, já que não contaram como atividade avaliativa da disciplina, o intervalo de tempo da postagem foi do dia 30 de maio até o dia 30 de junho, tempo em que foi iniciada a análise dos resultados.

Aplicando o método de história de vida, realizamos a escuta das vivências e trajetórias dos licenciandos em Química, na escola, ao longo do ensino básico com recorte das relações ocorridas relacionadas aos temas corpo, sexualidade e drogas. No presente trabalho quatro encontros foram norteados por temas como corpo, sexualidade e drogas, neles os licenciandos, utilizaram-se apenas de palavras, indagações gerais sobre os assuntos, estando livres para conduzir seus relatos, contarem suas experiências, caminhos que os conduziram até ali, na UFRJ, para um curso de licenciatura em Química.

Segundo Queiroz (1988) o método de história de vida possui um enfoque no indivíduo e na sua existência. O autor Denzin (1989) chama a história de vida em alguns casos com o termo história pessoal, como no presente trabalho, o qual utilizando-se de conversas e entrevistas, obtém-se o registro escrito da vida de uma pessoa.

Ainda sobre o método de história de vida, no presente trabalho por meio das narrativas da trajetória da vida escolar obtidas por meios de atividades propostas para os licenciandos participantes das atividades surgidas dos quatro dias de aplicação das atividades relacionadas aos temas corpo, sexualidade e drogas, os licenciandos destacaram apenas aspectos que

possibilitaram a compreensão e problematização (Ferrazza e Antonello, 2017) dos temas aplicados na pesquisa.

3.1 DESENHO METODOLÓGICO DO RECURSO EDUCACIONAL ABERTO (REA)

A proposta foi pensada a partir da leitura de Paulo Freire (1996), na qual discute sobre a rigorosidade metódica do educador ao conduzir suas aulas, busca-se fugir da repetição da leitura que obteve quanto pesquisador, como que se as informações forem memorizadas e têm por obrigação serem repetidas ali, pois se prático isto, fujo da realidade sobre o assunto que está sendo vivida pelos participantes. O foco foi ambos, licenciandos e pesquisadores do presente estudo trabalharem, discutirem corpo, sexualidade e drogas abordados na escola, quais as realidades que cada um vivencia ou vivenciou em suas trajetórias, tendo em vista estar atentos a realidade que os cercam, quais as questões a política, a mídia e a sociedade como um todo colocam em pauta.

A UNESCO (2011) conceitua o Recurso Educacional Aberto (REA) como um “material de ensino, aprendizado e pesquisa em qualquer suporte ou mídia, que estão sob domínio público, ou estão licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros”. O material produzido pode estar em mídia digital ou ser impresso.

A aplicação do REA, colaborou para que ocorresse um espaço de aprendizagem. O presente trabalho, sobre a aplicação do REA “Rememorando a trajetória escolar durante a formação docente inicial, contínua e, ou, continuada: narrativas e vivências sobre corpo, sexualidade e drogas” organizou-se em quatro dias, com a duração de aproximadamente duas horas, cada encontro, aproximadamente 10 horas totais. Nos quais, participantes licenciandos em Química, matriculados na disciplina¹ intitulada Química na escola IV, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pensar as atividades também nos faz refletir Paulo Freire (1996) sobre a noção de incompletude, o indivíduo não está completo, necessita através das relações busca-se completar, sempre pode recriar e construir saberes, nas relações desenvolvidas com os outros, nas suas experiências e aprendizados compartilhados.

¹ O currículo da licenciatura em Química na UFRJ, no ano de 2002, sofreu uma reforma curricular (parecer CNE/CES 13030/2001, D.O.U. de 07/12/2001) e abandonou o modelo do 3+1, no qual anteriormente o aluno cursava três anos de bacharel e um de licenciatura. Atualmente, desde os primeiros períodos os alunos são incentivados a participar de atividades acadêmicos-científicos-culturais (ACC) em um formato de Requisitos Curriculares complementares (Projeto Pedagógico, licenciatura em Química, 2013, p. 11).

Quanto ao número total de participantes, a oficina contou em seus primeiros encontros com a participação de quatro licenciandos em Química, ao longo dos encontros, o número de participantes aumentou, passando para um total de onze.

As experiências, vivências e informações compartilhadas ocorreram de forma horizontal, nenhum dos participantes era detentor de saber e deveria ensinar aos demais, rigoroso, uma postura autoritária, mas todos os conhecimentos prévios, vivências e informações foram trocados de forma respeitosa, tendo o foco principal a amorosidade na educação, defendida por Freire (1996), buscando em cada encontro uma cumplicidade no processo de ensino-aprendizagem, uma troca afetiva.

A atividades apresentadas aqui no trabalho, estão incluídas nas ações extensionistas oferecidas pelo Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA) no âmbito do projeto de extensão PEP Ciências, projeto que trabalha a educação popular com a escola e comunidade escolar, por meio de ações que popularizam diversos assuntos científicos para todos, utilizando uma linguagem acessível, partindo dos contextos e assuntos ligados ao contexto social e escolar da comunidade.

Os trabalhos de Coelho *et al.* (2020) e Coelho, Martinhon e Sousa (2019) apresentam e discutem uma proposta de educação popular intitulada PEP Ciências, ação esta que inclui o presente trabalho. A proposta do PEP Ciências é aproximar pesquisadores de diferentes áreas da educação básica, sendo uma forma de popularizar a Ciência que estudam, possibilitando que utilizando uma linguagem acessível, dialoguem com a comunidade. Na ação, eles não falam para especialistas em suas áreas de estudo, tornam informações e dados obtidos em pesquisas disponíveis e compreensíveis por toda a comunidade escolar. Um Espaço de diálogo no qual todos são construtores de saber, levam informações que serão degustadas por todos de forma comum.

A escolha dos participantes emerge da ideia que na graduação² seja uma etapa importante para estimular a formação continuada dos professores, destacando a importância da interdisciplinaridade e de atuação com temas que muitas vezes têm sido evitados nas escolas, devido à complexidade de ações e reações que eles podem gerar no contexto social.

² Sobre as mudanças instauradas, o aluno já no primeiro período participa de palestras, visitas a espaços e seminários temáticos, voltados à licenciatura; (ACC), um Projeto Final de Curso, programas de Monitoria acadêmica e Instrumentação com Química no Cotidiano, além das novas disciplinas obrigatórias, o objetivo principal é formar um professor com atuação multidisciplinar (Projeto Pedagógico, licenciatura em Química, 2013, p. 11). Observando o documento, a proposta de reforma e precoce criação de projetos que buscam deixar os licenciandos mais próximos da escola, surge como uma tentativa de fuga do que Fernandez (2018) vem afirmar ser realidade de muitas universidades que oferecem a disciplina de estágio supervisionado na graduação, a de ter professores que não pisam na sala de aula e nem terem a licenciatura como formação, o que poderia comprometer a efetividade da disciplina, que é a vivência da escola, com todas as suas questões.

Sobre o contexto universitário a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996), no art. 52, define universidade como instituição de “formação de quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano.” Neste espaço, profissionais são formados para atuarem nos mais diferentes campos profissionais.

Na universidade encontra-se a formação docente, e ela participa do presente trabalho colaborando para discussão e elaboração da aplicação do produto. O documento de resolução nº 2, de 1º de julho de 2015 apresenta formação inicial e continuada, de maneira como complementares,

[...] § 3º A formação docente inicial e continuada para a educação básica constitui processo dinâmico e complexo, direcionado à melhoria permanente da qualidade social da educação e à valorização profissional, devendo ser assumida em regime de colaboração pelos entes federados nos respectivos sistemas de ensino e desenvolvida pelas instituições de educação credenciadas (Brasil, 2015, p.4)

A formação inicial possibilita que licenciandos reflitam diferentes autores e vivenciem diversas formas de aprendizagens. O trabalho de Mizukami *et al.* (2002, p.28) definem a educação continuada para além de ser um processo no qual o professor constantemente precisa “estar reciclando os seus conhecimentos”, surgindo como reflexão crítica sobre a prática e uma permanente (re) construção da identidade docente.

O REA ressalta a importância de se atuar nas escolas em torno de projetos ou objetos, de forma interdisciplinar, como afirmam Dimenstein e Alves (2003) o professor se vê em torno do não conhecido e terá que assumir que desconhece o assunto e terá assim que aprender. Essa forma de atuação foge da educação baseada em um programa, no qual o professor é detentor do saber, dominando a sua disciplina, sabendo o que deve ensinar.

Por ser aluna de mestrado e estar participando de debates, atividade e também discussões que se relacionam ao curso de Licenciatura em Química, o local de aplicação da atividade foi uma turma de Química na Escola: IV, do curso de licenciatura em Química, do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A disciplina está presente na grade do curso, dividida em dois momentos. No primeiro, os alunos participaram das atividades de forma presencial, durante o período entre 18:00h e 20:00h, dois tempos semanais, de aproximadamente 50 minutos cada. As atividades consistiram na leitura de textos envolvendo diferentes assuntos relacionados ao ensino de Química, de maneira geral questões que envolvem a prática docente. Na segunda etapa, os participantes concentram-se em vivenciar e observar escolas, além de confeccionar relatórios, experimentos com educandos e discussões sobre as temáticas que foram abordadas. Na época a docente da

disciplina convidou professores (as) pesquisadores (as) dos mais diferentes campos de atuação dentro do ensino de Química, foi nesta oportunidade que as atividades do presente REA foram inseridas.

Os licenciandos mantêm um grupo de mensagens *WhatsApp* para a comunicação sobre datas de entrega de relatórios, feedback das aulas e envio de alguns trabalhos da disciplina. Importante lembrar que no ano de 2020 devido à pandemia do novo Coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19), foi criada pelo MEC Parecer nº 05/20, de 28 de abril que autorizava os sistemas de ensino a níveis municipal e estadual a realização de atividades não presenciais (BRASIL, 2020b), na disciplina, que já ocorre de forma totalmente presencial, sem a necessidade de encontros remotos, o aplicativo, principalmente acessado pelo celular é um aliado para facilitar a comunicação entre os participantes pela oportunidade de rápido acesso às informações, neste contexto da disciplina e com o grupo que estava formado. Mas é de informação que a pandemia ter gerado o aumento do uso das tecnologias de informação, pensando em outros contextos, nos quais os estudantes não tenham acesso à internet, disponíveis aparelhos de celular ou computadores, compromete o aprendizado, podendo sim dificultar o andamento e qualidade das atividades, o que foi comprovado na pesquisa de Branco *et al.* (2020) sobre os desafios surgidos em torno do aumento do uso dos recursos tecnológicos, a partir da pandemia de Covid-19.

Vale destacar que devido a participação ativa nas mais diversas atividades que discutem Educação sobre drogas, sexualidade junto com o GIEESA e GIMENPEC, além das abordagens nos mais diferentes espaços, como sala de aula juntamente com os educandos possibilitaram pensar a atividade. Sendo assim, para uma ampla abordagem de cada temática, foram escolhidos quatro encontros, divididos em quatro semanas. Primeiramente foi abordado o tema corpo, no segundo encontro, semana seguinte, a sexualidade, no terceiro drogas e um quarto encontro utilizado principalmente para conclusões, *Feedback*, bem como confecção de planejamentos.

Ao longo dos quatro encontros, o tempo de duração das atividades contou com licenciandos presentes fisicamente em um laboratório da universidade, no prédio do Instituto de Química. Para além do tempo no qual o encontro perdurou, muitos assuntos e questões relacionados à disciplina foram resolvidos e até concluídos pelo uso do *WhatsApp* e do e-mail. O espaço foi adotado como extensão dos encontros, prática iniciada na obrigatoriedade do trabalho remoto, devido à pandemia, como já relatado acima.

Durante o REA foram apresentadas informações relacionadas aos temas corpo, sexualidade e drogas, os licenciandos ao longo dos encontros refletiram como nossos corpos não somente ocupam lugar no espaço, mas são a representação das nossas relações com a escola, família e sociedade. A ideia centrou-se na percepção do “eu” como representação do

corpo, que possui um papel político na sociedade, que reflete sobre a atuação na escola quanto futuro docente e também qual sua relação com os temas sexualidade e drogas para manutenção da saúde física e emocional. Três temas atemporais que atravessaram a vida docente e o cotidiano de todos os agentes que estão na escola e sociedade como um todo.

Em todos os encontros e atividades, estávamos preocupadas em fornecer um ambiente seguro, acolhedor e de respeito mútuo, partindo do pressuposto de que estavam confiando suas trajetórias de vida cercada de episódios confidenciais para que todos tivessem oportunidade de refletir suas vivências, que refletem em seus pensamentos políticos, religiosos em suas personalidades como um todo.

Nestas atividades, através do diálogo e das experiências trazidas pelos licenciandos, busca-se complementar, dar enfoque também a outros assuntos que possivelmente não estivessem sendo enfatizados na proposta de trabalho inicial, mas que possam estar relacionado ao que foi discutido ali, foram definidos objetivos colaterais, aqueles de alguma forma não traçados inicialmente, mas que possivelmente emergem dos relatos e memórias que os participante possivelmente apresentarão ao longo de todas as atividades.

Para esquematizar todos os encontros utilizamos o planejamento reverso, abordado no trabalho de Wiggins & McTighe, o qual possui a aplicação justificada na aprendizagem, ela é centrada no aluno, sendo assim as metas ou objetivos da aprendizagem são o ponto de partida para que então sejam definidos conteúdos utilizados, resultados, atividades e instrumentos avaliativos.

Abaixo serão expostas tabelas nas quais foram definidos os dias de encontros do REA, respectivamente organizados: 30 de maio, 1º encontro, (Quadro 1), segundo dia de encontro (Quadro 2), terceiro dia de encontro (Quadro 3), quarto dia de encontro (Quadro 4).

No primeiro dia de encontro os participantes foram convidados a realizar a apresentação pessoal e em seguida a narrarem e desenharem respostas pessoais em relação às indagações sobre corpo e à docência em Química/ o corpo e o ensino de Química e o corpo e a aprendizagem em Química. Através da atividade os participantes relataram vivências relacionadas ao ensino de Química. Em seguida, trabalhamos charges sobre diversos temas relacionados ao corpo na sociedade foram levantadas e continuadas no grupo de *WhatsApp* para que já fosse realizado um link com o tema sexualidade, tema do encontro seguinte (Quadro 1).

Quadro 1- Apresentação dos assuntos e recursos utilizados no primeiro encontro

Temática: corpo			
Data	Tempo de duração	Assuntos abordados	Materiais utilizados
30 de maio de 2023	2 tempos de 50 min cada	Apresentação pessoal/ troca de experiências docentes	Quadro Charges Grupo de WhatsApp Folha A4 Canetas hidrográficas e esferográficas
		Motivações pela opção da licenciatura e inspirações ao longo da trajetória do “estar docente”	
		o corpo e a docência em Química/ o corpo e o ensino de Química/ o corpo e a aprendizagem para a Química	
		Escrita/ desenho livre sobre a relação pessoal com a Química	
		Diálogos sobre memórias e vivências na escola	

Fonte: Autoria própria, 2023.

As três charges foram impressas em uma folha de papel A4 (ANEXO I), selecionadas a partir da pesquisa no Google utilizando a palavra corpo, para que imagens que tratassem questões relacionadas a ele e presentes na sociedade pudessem surgir para serem discutidas na oficina. A escolha das imagens se justifica por representarem assuntos que giram em torno do corpo e de qual forma a sociedade enxerga questões relacionadas a ele relacionadas.

No segundo dia de encontro os licenciandos, já imersos na temática Corpo, foram ampliadas as discussões sobre como a sexualidade vem sendo abordada na escola, vivenciada pelos educandos, educadores e sociedade. Os temas propostos em torno da sexualidade estão presentes nas mídias sociais e na sociedade, passados de geração em geração, sendo assim passíveis de serem discutidos pelos participantes da escola, das universidades, não somente na Química.

O encontro contou com discussões de charges (figuras 5,6,7,8 e 9), sobre o papel da mulher na sociedade, sexualidade abordada na escola, discussão sobre questões de gênero, e de maneira geral como o tema é tratado na sociedade, adolescência e juventude. Os participantes também contaram com aplicativo de mensagem para possível diálogo e devolutiva de atividades propostas para além da discussão do tema ocorrido em sala (Quadro 2).

Quadro 2- Apresentação dos assuntos e recursos utilizados no segundo dia de encontro

Temática: sexualidade			
Data	Tempo de duração	Assuntos abordados	Materiais utilizados
06 de junho de 2023	2 tempos de 50 minutos cada	Diálogos sobre realidades escolares dos licenciandos participantes da roda de conversa	Quadro Charges Grupo de WhatsApp Folha A4 Canetas esferográficas e hidrográfica
		Refletindo sobre emoções e memórias relacionadas à sexualidade	
		Tabus relacionados ao tema na escola	
		Papel da mídia e da sociedade na discussão do tema	
		Família, sociedade e escola: contribuições para discussão da sexualidade	

Fonte: Autoria própria, 2023.

No terceiro dia de encontro, dentro dos temas propostos pelo PCN, abordamos o tema drogas na educação e como a escola e sociedade percebem o tema. Importante destacar que a abordagem será por via redução de Danos, na qual o foco não é destacar os efeitos das variadas substâncias e sim discutir políticas, possíveis abusos e como cada educador deve sentir-se pronto, tendo em vista embasado em formação continuada e leitura sobre o assunto, preparado e totalmente apto a conduzir atividade em seus espaços de atuação, colaborando assim para a promoção de saúde.

Outro foco importante foi o de discussão sobre como no cotidiano substâncias que causam os mais diversos efeitos no corpo nos cercam e como lidamos com elas. Perceber que o consumo de café, cigarro, medicamentos antidepressivos, para emagrecimento são comuns dentro das escolas e residências de muitos brasileiros e do quanto a não conscientização sobre políticas e definições de uso e abuso sobre elas podem não ser refletidas pela sociedade e escolas brasileiras (Quadro 3).

Quadro 3- Apresentação dos assuntos e recursos utilizados no terceiro dia de encontro

Temática: drogas			
Data	Tempo de duração	Assuntos abordados	Materiais utilizados
13 de junho de 2023	2 tempos de 50 min cada	Diálogos sobre as experiências e memórias dos licenciandos a respeito do tema	Quadro Charges Grupo de WhatsApp Folha A4 Canetas esferográficas e hidrográficas
		Conceituando drogas e redução de danos (RD)	
		Identificando diferentes tipos de drogas no dia-a-dia	
		Medicamentos e drogas lícitas	
		Diálogos sobre memórias e vivências do tema drogas na escola	

Fonte: Autoria própria, 2023.

No último dia de encontro, todos os participantes são convidados a refletir sobre os três assuntos: corpo, sexualidade e drogas, destacando aprendizados e possibilidades de atuação a partir de reflexões experimentadas ali, ao longo dos três encontros. A partir das reflexões e colocações os licenciandos serão convidados a formarem grupos de discussão para juntos responderem uma espécie de “questionário”, que na verdade é um planejamento, de qual forma, possivelmente com suas turmas de atuação abordaram um dos temas.

Também aqui através do diálogo, trocas de vivências e experiências, buscou-se abrir espaço para um feedback, quais seriam as barreiras e possibilidades de aplicação de atividade semelhante nas escolas (Quadro 4).

Quadro 4- Apresentação dos assuntos e recursos utilizados no quarto dia de encontro

Temática: planejamento reverso			
Data	Tempo de duração	Assuntos abordados	Materiais utilizados
20 de junho de 2023	2 tempos de 50 min cada	Conversa sobre os temas corpo, sexualidade e drogas, abordados nos encontros	Quadro Folha A4 com os quadros impressos Grupo de WhatsApp Folha A4 Canetas esferográficas e hidrográficas
		discutindo e trabalhando planejamento reverso em sala de aula	
		Planejando possíveis temas e abordagens dos temas em sala de aula/ organização das duplas	
		Escrita dos planejamentos de aula com o tema escolhido pela dupla	
		Feedback e encerramento da oficina	

Fonte: Autoria própria, 2023.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escrita sobre as narrativas memorialísticas foi permeada por diversos fatos, sendo eles: pandemia, maternidade, ausência de rede de apoio, mestrado, docência e com uma dificuldade momentânea de encontrar um caminho diante de todos fatos, que somente eu pude viver e compreendê-los, na tentativa de demonstrar que por mais difícil que o processo de escrita seja, ele deve ser construído com erros e acertos, somente por você, escrevendo mais e mais a cada dia.

Registrar as memórias é demonstrar que algumas representações atribuídas por outras pessoas ou instituições pensadas a meu respeito, sobre a minha atuação enquanto pesquisadora não me definem e nem podem retirar o mérito do estar pesquisadora, errando e acertando, mas com uma infinita sede de aprender e disposta a lapidar-se para que a pesquisadora que busco, seja construída corroborando com o trabalho de Ferreira (2018).

Nas atividades do REA apresentadas abaixo, cada professor em formação durante as atividades, individualmente pode interpretá-las, podendo assim refletir e realizar comparações com as suas próprias narrativas, recheadas de fatos muitas vezes vividos por ele mesmo, como afirma Delory-Momberger (2009). Acredita-se que nas atividades, cada participante pode refletir sua atuação, contribuindo para a formação docente.

Unbehaum (2014) afirma que os PCN são utilizados como referência para professores da educação básica, mas a concepção de “transversalidade” referentes aos temas ligados principalmente à cidadania e à noção de direitos perpassa abrangendo aos cursos de licenciatura. Embasadas nessa perspectiva, tomamos como base os PCN para aplicação do REA com os licenciandos de Química.

Ao falar sobre corpo, sexualidade e drogas dois pontos importantes foram ressaltados: orientação sexual e a educação para a saúde com os licenciandos. Tendo em vista que são temas considerados tabus, já que trazem aliados a eles diversas questões que devem ser enfrentadas pela escola, como dificuldade de abertura de espaço de forma interdisciplinar por iniciativa da direção e dos docentes. Visto que o trabalho de Unbehaum (2014) na universidade possui as mesmas dificuldades de abordagem, precisando que professores pesquisadores no tema abordem o assunto ligado à sexualidade que é a questão de gênero, a partir de assuntos obrigatórios na ementa.

A escolha pela abordagem dos temas transversais neste trabalho é seguida pela importância de acreditar em uma prática que seja contextualizada com a vida social do aluno. Portanto, acreditar que seja possível realizar um trabalho interdisciplinar, por meio de conteúdos escolares e também a vivência dos alunos, seus conhecimentos prévios. O foco é abordar os temas transversais, conteúdos disciplinares ligados à sexualidade, corpo e drogas, temas presentes na realidade contemporânea das escolas, em concordância com Brasil (1998) que diz a inclusão dos temas exige uma tomada de posição diante dos problemas fundamentais e que são urgentes na vida social e escolar, então isso cobra por parte da escola. Contudo, enquanto professores, cabe a reflexão sobre aprendizagem dos alunos e ensino dos conteúdos, bem como valores, como proceder e quais concepções são criadas a partir dos temas.

4.1 O “ESTAR EDUCADORA” NA ESCOLA

Torna-se necessário demarcar o ponto de partida da escrita da pesquisa, realizar uma releitura do “estar educadora”, revisar todas as práticas compartilhadas com professores ao longo da jornada vivida, que se tornaram peças de uma espécie de quebra-cabeças, representando meu atuar docente. Apresento fatos que valem ser escritos aqui e que contribuem para o pensar deste presente projeto.

O “estar educadora”, escrito acima, surge da ideia que os “cargos” não são fixos, ao passo de que me encontro com o título e atuando em um espaço, sob qualquer prática educativa, é de modo provisório, mutável. O “estar atuando” como professora, mas “estar permanentemente” em formação continuada, com anseios e curiosidades de um eterno educando na escola seria a melhor forma de explicar o termo.

A reflexão do “estar educadora” surge a partir da leitura da obra de Paulo Freire (1996), na qual se encontra um trecho sobre o afeto na educação, ele afirma que a prática docente não pode ser separada da discente, ambas possuem alegrias e posso acrescentar desafios também, deve-se ter em mente que a atuação, bem como todas as relações que emergem dela precisam estar movidas pelo afeto

A ideia do termo “estar”, indica a relação horizontal do educador em relação ao educando, contrapondo a vertical, da autoridade do educador, como que um detentor do saber, aquele que deve transferir, autoritário e rígido. O “estar” também reconhece uma relação próxima de afeto, que a partir da compreensão da realidade vivenciada pelo educando, tem o poder de colaborar e atuar para a formação do mesmo, ousa-se dizer que do educador também, já que ambos compartilham informações, saberes e experiências na trajetória vivida.

Para aprofundar a reflexão do “estar educadora”, a obra de Freire (1996) pontua sobre a dimensão do inacabamento do homem:

Aqui chegamos ao ponto de que devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou a sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. (Freire, 1996, p.50).

A definição de “estar educadora” também se alia a ideia de inacabamento do homem lida na citação acima, onde o indivíduo, no caso o educador (a) está em constante processo de se “fazer” e “refazer”, tornando-se a cada dia crítico, aquele que vivencia um diálogo em sua prática pedagógica com os educandos e a sociedade.

O “estar educadora” é um termo flexível, muda-se o título, dependendo de onde o indivíduo se encontre. Também emerge da ideia de que se eu “estou educadora”, meu título não é fixo. Busca-se aqui, dialogar que na graduação se inicia a construção de uma trajetória, cuja jornada, não possui uma data de término. O professor (a)/ educador (a) deve estar sempre aberto a construir-se e reconstruir-se a cada novo ano, nova turma e novo espaço que se encontra atuando, novas experiências vivenciadas. Não se está “terminado”, “acabado”, mas o educador é um eterno aprendiz. O educador não se diferencia dos seus educandos, no sentido de que ambos estão na constante busca e partilha de informações, na jornada pelo conhecimento.

O “estar docente” deveria ser um constante na vida do educador (a), já que ao mesmo tempo que estou atuando frente a uma escola, estou educando (a) na mesma ou em outro espaço, tendo em vista a relação horizontal vivenciada naquele espaço, defendida por Paulo Freire e pelo construtivismo. Esse “estar” e não “ser”, surge no pensar sua atuação, perceber-se educador-educando, como afirma Périssé (2004) embasado nos escritos da educação popular defendida por Paulo Freire, que durante o processo o educador e o educando constroem juntos o aprendizado, todos trabalham em prol de uma ação.

Cabe também refletir para além deste “estar professora”, que ocorre aqui neste momento, de escrita, quanto educadora popular e mestranda, utilizo palavras, para pensar sobre educação, emergindo do “estar” educadora, que realiza escrita e também reflexão dos conteúdos que foram escolhidos para serem trabalhados através da aplicação de um Recurso Educacional (REA), aqui proposta, a ser explicada a frente, bem como das experiências e conhecimentos adquiridos ao longo da trajetória de vida, da relação com os educandos. Atuo mediando aprendizados, tenho em mim a certeza que não posso deixar que as reflexões através de leituras bibliográficas se sobreponham, retire o valor das experiências compartilhadas e saberes dos educandos, como afirma a citação de Freire e Nogueira (1989), p. 30-31:

Ora... se o discurso do acadêmico soa alto e dominante *sobre* a fala popular, esse discurso congela-se em conceito, congela a inteligência, faz com que esta adormeça no interior de frases feitas. Desaparece a ênfase na luta, entendida como curiosidade interrogadora e crítica da ordem. Permanecerão somente os pacotes de frases feitas.

Também vale refletir sobre essa atuação e quanto aos que se dizem fazer educação pautados nos ensinamentos do Paulo Freire, precisam estar em constante vigilância, pois quando ela se realiza, no papel, na teoria, em seus discursos, não se deixe perder da prática, ou seja, escrevendo obras e sintetizando produções acadêmicas, pautadas na educação popular emancipação como afirma Freire (1996), na beleza da libertação vivida por um educando oprimido, pautado no construtivismo, percebendo ser um educador que pode mediar a

construção do conhecimento pelo educando. E nas ações práticas, se perca, por não conseguir perceber que o oprimido não está somente dentro daquelas fábricas ou periferias trabalhadas por Paulo Freire, podendo ele estar no seu grupo científico, na escola, sendo um colega que cursa disciplina ou dentro do curso e projeto pensado de forma colaborativa.

Hoje, “estar educadora”, nas escolas torna possível pensar os temas corpo, sexualidade e drogas diariamente, já que os educandos trazem questões que emergem dos diálogos e das vivências que os cercam, na verdade também se apresentam a todos nós, como sociedade e tudo que emerge dela, na mídia, na política, na escola e nas famílias.

4.2 NARRATIVAS E MEMÓRIAS DO “ESTAR DOCENTE E PÓS-GRADUANDA”

Ao falar sobre memórias autobiográfica docente é muito importante abrir um espaço para as narrativas das professoras, ceder espaço à docência feminina, pois corroborando com o estudo de Gomes, Assis e Soares (2022) sobre trabalhos que envolvam o assunto, existe uma necessidade de uma renovação de literatura e que seja conhecida de forma ampla a realidade vivida na docência. Os autores defendem que a memória das educadoras, tenha muito valor histórico para a sociedade, já que para eles a falta de representação na historiografia se justifica de duas formas: devido a ser um grupo que sofre constante exclusão e opressão ou por suas memórias não serem de interesse investigativo.

Escrever as memórias da constante busca por uma docência reflexiva é o que move toda a fase de professora agora adentrando pelo universo da formação continuada. A palavra universo é utilizada, pois existe uma infinidade de assuntos e temas que o educador ao sair da universidade e atuar efetivamente em sala de aula, com uma turma numerosa que pode se deparar. O início dessa caminhada é desafiador, é perceber-se agora como alguém que precisa ser criativo e propor temas, atividades para que todos realizem em determinado período de tempo semanal. O que dizer? Será que estão dispostos a ouvir? Quem são esses estudantes que se propõem a estarem ali entre as paredes da sala para que juntos possamos construir algo que faça sentido para todos.

Durante a graduação na faculdade de educação, cursei uma disciplina muito interessante, a qual abordava exatamente as inquietações que o professor recém formado enfrenta. As discussões não se baseiam somente em literatura, textos da área, mas por uma parte prática, na qual deveríamos planejar uma aula para cada segmento, fundamental, médio e superior. Todos eram alunos e professores, as trocas eram maravilhosas e ali, muitos relataram

suas realidades e nós todos naquele espaço curto de tempo expomos nossas memórias e colaboramos para formação de memória nos outros também.

Hoje, quase quinze anos após as aulas, lembro das dicas dos colegas e falas do professor, e uma que me marcou muito e vale retomar, foi que para ele, o professor que sai da universidade, precisa participar ou lecionar em alguma escola ou projeto de educação gratuita, muitas vezes com poucos recursos tecnológicos e materiais, o professor pode ser criativo e utilizar de determinação e ousadia para criar um projeto ou aula que brote das reais necessidades do contexto escolar na qual os alunos estão inseridos.

Assim, tive a oportunidade de lecionar em cursos pré-universitários sociais, atuei como mediadora do Museu da Vida Itinerante, viajando por cidades que não tinham museus, estagiei no museu nacional, estagiei em escolas estaduais em São Gonçalo, logo nos primeiros anos como formada, nos projetos realmente pude observar o quanto criativo o professor precisa ser para frente aos desafios que surgem no caminho, colaborar para uma educação pública de qualidade. Não que observando amigos em instituições de ensino particulares e tradicionais os professores não contassem com desafios, acredito que os desafios são diferentes, mas não menos difíceis.

Com três anos de formada, adentrei pelas veredas do ensino na rede particular nas cidades de São Gonçalo, Niterói e Maricá, que muitas vezes possui recursos sim, mas os professores precisam lidar com o desafio de serem livres para conduzir projetos e mediar discussões de temas que não estão presentes nas temidas apostilas e densos livros que visam somente o preparo para o vestibular.

O ensino particular foi o berço das inquietações que me levaram a buscar a formação continuada, a inquietação da tentativa de sempre ouvir os alunos e a cada ano levar para os próximos o que deu certo e abandonar as práticas e certezas que não funcionaram bem. Então fiz especialização em Ensino de Ciências, investiguei professores que acompanhavam seus alunos durante as visitas mediadas, percebendo que os professores ao buscarem esses espaços querem proporcionar aos alunos espaços de troca e aprendizado dos conteúdos que muitas vezes não são abordados em aula. Neste período percebi o quanto é desafiador o professor atuar tanto no ensino básico e ser aluno de pós-graduação ao mesmo tempo. O quanto uma jornada diária de estudo pode ser um desafio para que todas as atividades sejam executadas em conformidade, como a função exige.

Os dias de um professor que trabalha e continua a formação em uma sala de universidade ou virtualmente começam muito cedo, durante a madrugada e só terminam, ao fim da noite, sendo assim, pouco descanso e a repetição da rotina gera um cansaço que pode levar a baixa da

criatividade e muitas vezes ao adiamento de um projeto, escrita, leitura. Entretanto, em meio a este ambiente, a rotina deve seguir, a apostila precisa ser dada, a prova aplicada, a turma aguarda a condução das discussões dos conteúdos semanais.

O professor precisa pensar formas de equilibrar todas as atividades, sobre essa sobrecarga docente Nóvoa (2007) fala que “aos professores são atribuídos uma série de tarefas, vindas de diferentes esferas, da escola, sociedade e secretaria de educação e isso leva os professores a acumularem funções e terem dificuldades em definir quais são suas prioridades”. O autor nomeia o fenômeno como "transbordamento da escola" e como consequência acúmulo de função docente e também ao professor ser visto como mão de obra assalariada, proletarização. Exatamente assim que muitas vezes os professores da rede privada sentem-se frente à suas escolas. Por mais estranho que possa parecer, acrescento um desabafo ouvido em sala dos professores e também de um período que pude estar diretora do sindicato dos professores da rede particular de Niterói, o SinPro-Niterói e região, observava professores sendo demitidos e pressionados a participar de eventos, aplicar atividades nas quais muitas vezes não tem a menor ideia da finalidade ou não fazem parte da sua função.

Eis que este trabalho surge, exatamente compartilhar as memórias e vivências diárias com seus pares é uma ferramenta muito eficaz para fazer com que tomemos doses de ânimos em meio a vida. Escrever memórias docentes e compartilhar um espaço com outros docentes que também compartilham práticas e podem refletir sobre elas é de suma importância e colabora para a formação do professor reflexivo. Nóvoa (2007) ao palestrar no sindicato para professores, afirma que os professores possuem um desafio, o de romper com as práticas tradicionais, e afirma que a formação docente se prende muito às teorias e textos, e esquece muitas vezes da prática e mais do que isso, de refletir sobre as práticas docentes. Sendo assim, a oficina e rodas de conversas elaboradas aqui, seriam um espaço no qual os licenciandos pudessem refletir sobre as suas práticas, reviver memórias e por meio de trocas, relatos e experiências trazidas pelos demais professores e atividades realizadas refletissem sobre a prática.

4.3 NARRATIVAS DO “ESTAR DOCENTE” E APRENDIZADOS PELO CAMINHO DO “MATERNAR”

Escrever narrativas, memórias sobre o estar docente e também pós-graduanda, não se torna possível, caso não escreva sobre a importância do meu “maternar”. Pois nada se isola,

todos esses lugares em que me encontro se interligam e se completam, um apoia o outro e assim sigo o meu caminho.

Ingressei no programa Pós-Graduação em Ensino de Química do Instituto de Química da UFRJ (PEQui-UFRJ), no início de 2020, professora atuante em Ciências e também em Química para o ensino fundamental, na época atuava no ensino privado, era solteira e tinha acabado de cursar a especialização em ensino de Ciências. Muitas questões cercavam minha atuação, e na tentativa de responder algumas questões com assuntos ligados principalmente a temas transversais, como sexualidade e drogas, sentia que não sabia o que responder, muitas vezes que questionada sobre como ao assunto poderia ser apresentado em uma feira, dentro de uma escola particular, cercada por uma comunidade de São Gonçalo-RJ, tendo alunos que faziam uso de substâncias ou tinham seus familiares atuando diretamente com o tráfico de drogas? Como falar sobre gravidez na adolescência em outra escola que atuava, sendo que os pais e direção solicitaram que o assunto não fosse abordado a pedido dos pais, que em muitos casos eram adeptos da educação tradicional.

Então, participando dos eventos ligados ao GIEESA, palestrando sobre diversos assuntos, pude perceber que o que após a leitura de Dimenstein e Alves (2003) na qual dialogando sobre a escola falam que a educação por projetos ou a partir de um objeto faz com que os professores por meio da interdisciplinaridade abandonam a ideia de que são detentores do saber, sabem o que vão ensinar, eles enfrentam o desconhecido e a inquietação do não-saber, já que saem dos laboratórios e grupos de pesquisa, na qual falam com seus pares e se veem compartilhando informações com outros professores e educandos, e assim cedem espaço para aprendizagem.

Adentro ao curso de mestrado, atuando em escolas, grupo de pesquisa e ao longo do curso adentro no Ensino de Química, me deparando com algumas disciplinas específicas atuantes na área, sendo eu bióloga, saí da zona de conforto e percebi que não sabia muitos termos e fórmulas, e como Dimenstein e Alves (2003) afirmam, a liberdade de assumir que precisa aprender e não domina um assunto é exatamente o que o professor deve entender e assumir, pois esse é o ponto de partida para aprendizagem.

Outra informação que vale muito ser escrita é que adentrar em um curso de mestrado estando professora e ao longo do curso, entramos na pandemia e ser educadora no novo mundo que enfrentava uma pandemia de um vírus e ter que lecionar e estudar de forma remota também deve ser levada em conta, os desafios eram novos e desconhecidos por todos. Foi um exercício em que cada pessoa teve que lidar com perdas, adiamentos e desafios de não saber como funciona um programa e como ensinar por meio do ambiente virtual.

Ao longo do curso, no término das disciplinas me tornei mãe, dentre todos os locais que estou, esse é o que mais permanece, “estar mãe “é integral, é pessoal, intransferível, de forma tão profunda que só sabe quem teve a oportunidade de todas as formas. Acredito que ser pai, ou qualquer outro cuidador que assume o papel de cuidado com uma criança perpassa por questões de forma parecida, aqui não cabe dissertar sobre, por não assumir essas funções, até para não dizer algo que não vivo, do que apenas posso me compadecer e tudo terminar em um discurso vazio.

Falar sobre o “estar aluna de pós-graduação/ mãe” são locais que necessitam de dedicação, ainda mais como mãe, em uma sociedade na qual ainda se cobra uma dedicação exclusiva à criança, como afirma Saalfeld (2019) em seu trabalho sobre maternidade e vida acadêmica.

O trabalho também apresenta outras informações que pude experimentar durante o período de pós-parto, no qual tive que entrar em licença maternidade e adiar participação em eventos, leitura de trabalhos, escrita, andamento da pesquisa, tendo em vista que os cuidados com um recém-nascido são intransferíveis, requer estudo, paciência, alimentação e saúde mental e física, afinal um ser depende de você. Independente do quanto se tenha estudado, preparado e esperado, alguns desafios cercam e questões urgentes relacionadas aos cuidados básicos surgem e fazem que o projeto acadêmico seja adiado, não por escolha, mas por não poder contar muitas vezes com uma rede de apoio familiar que forneça um ambiente propício para o avanço da pesquisa. Saalfeld (2019) afirma que ao longo do período acadêmico a mãe pode enfrentar preconceito que pode vir de diversas esferas, como a acadêmica, é lidar com olhares de julgamentos sobre ter que deixar a criança para retornar à universidade, segundo ela no imaginário existe uma incompatibilidade entre estar em período de formação acadêmica e viver a maternidade.

Urpia e Sampaio (2009) escrevem sobre os dilemas presentes na vida das mães universitárias e pontuam que o acesso das mulheres ao mercado de trabalho e universidades não faz com que elas deixem de cuidar de seus filhos, existe uma divisão sexual do trabalho, o que ocorre principalmente em mulheres mais jovens é a flexibilização da carga horária e até a opção por uma pausa na vida acadêmica ou profissional ou nas duas acarretando para a mãe profissional ou mãe universitária essa pausa para se dedicar aos cuidados do seu filho (a), gera uma desaceleração das atividades e seu retorno é cercado de impasses e dificuldades. As palavras soam como algo familiar para muitas mães, e no meu caso é uma realidade, tendo em vista que não possuo rede de apoio e nem formas de ter assegurado o direito de realizar as

atividades tendo a certeza que o bebê está aos cuidados de uma pessoa de confiança como a família, em um berçário ou creche próxima da minha residência.

Urpia e Sampaio (2009) falam sobre a importância de criar mecanismo para apoio às mães universitárias, que aqui cabe muito para as pós-graduandas também, como a criação de horários diferenciados para que a mãe amamente seu filho sem deixar de cursar as disciplinas do curso; apresentar uma flexibilidade de horário para as mães que estão em processo de entrada da criança na creche, bem como entender que a criação nesse período pode vir a adoecer e a mãe terá que se ausentar por alguns dias; justificando suas faltas, evitando assim a reprovação.

Mesmo sendo em 2009, o trabalho em questão participando do grupo de pesquisa do Núcleo Materna-UFRJ e conhecendo as mães na universidade-UFRJ, através de relatos e leituras como os trabalhos de que questões ainda engatinham, mas que existem grupos que discutem e lutam por todos esses direitos é o que afirmam os trabalhos de Silva e Salvador (2021); Calmon *et al.* (2022).

Para mim, fundamental foi conhecer e adentrar no grupo de mulheres e mães da UFRJ, participando do projeto mães na universidade: acesso, permanência e progressão de mulheres, no qual fui entrevistada em uma pesquisa de mestrado, vinculada ao curso de psicologia. Nela, percebi que mulheres de diferentes estados e universidades passam por questões como estas supracitadas e encontram ali apoio nas vozes de outras mães, nas leituras de textos produzidos por pesquisadores que lutam dentro da universidade pela causa e assim buscam um caminho dentro de suas realidades para seguir.

Li uma a frase que me marcou muito em um dos encontros que participei de autoria da Marcela Sadim, psicóloga que conduziu a pesquisa que diz: “idealizações rompidas pela vida concreta e desafiadora de uma sociedade que ainda tem dificuldades em acolher os diferentes aspectos do papel social da mãe”, meditando sobre ela e no discurso do qual essa frase foi retirada fala muito da frustração e ansiedade que emerge na mãe por se ver diante de tantas questões e expectativas que a cercam em torno da carreira, criação dos filhos e futuro profissional.

Realizando uma comparação sobre a gestação em dois momentos, o primeiro pós-graduanda e o segundo como pós-graduanda/mãe, refletimos sobre duas citações, Urpia e Sampaio (2009) na qual afirma os pensamentos que cercam o processo de tornar-se mãe, dúvidas de como será o bebê, se conseguirá conciliar todas as atividades com os cuidados que o bebê requer cercam todas as mães, ali se referindo às universitárias, mas aqui faço uma expansão para as pós-graduandas também, esses questionamentos geram tensões nessa recém-mãe que além de ter as obrigações diárias, poderá ser acometida por uma ansiedade. Aqui

adiciono que esse período foi de inquietação, mas ao mesmo tempo para mim, um momento feliz de imenso aprendizado, principalmente enquanto cursava disciplinas do curso de mestrado. Durante as aulas fui acolhida por professores, colegas e orientadores. Confesso que observar e sentir muito acolhimento durante as aulas me fortalecia quanto mãe/pós-graduanda.

O trabalho de Silva e Salvador (2021) afirma ainda que alguns dos coletivos de mães universitárias estudados na pesquisa, alguns lutam pelo acesso a creches que possuem vagas escassas, acesso à bandeirão com as crianças e fraldários e espaços infantis nos campos universitários, dentre outras necessidades. Percebendo assim que a questão da mulher e mãe na universidade ainda é algo a ser enfrentado. Percebi através da participação neste coletivo, que existe ao longo da trajetória mãe/ pós-graduanda que optar dar continuidade aos estudos, é continuamente recusar os convites explícitos ou por vezes velados-em forma de burocracias, discursos ou pessoas com suas opiniões- ao abandono do sonho da sua pesquisa.

A intenção aqui, nesse tópico, não é lamentar, mas apontar que por mais que existam lutas, e para todas elas existam, há sempre uma oportunidade de recomeçar, muitas vezes é sobre ter um novo olhar sobre a mesma situação. Buscar apoio e saber que não estamos sozinhos na luta.

4.4 A DOCÊNCIA NA TRÍADE DISCENTE~DOCENTE~APRENDENTE

Refletir sobre a trajetória do “estar educadora” juntamente com tantos locais que a docência me conduz é um privilégio, pois tive a honra de estar cercada de educadores e educadoras que possuem uma prática amorosa, como afirma Paulo Freire e ao mesmo tempo com olhar crítico e reflexivo buscando sempre trocar experiências e potencializar assim aprendizados com os educandos, mestrandos, doutorandos, graduandos, em qualquer que seja a etapa da caminhada.

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. (FREIRE, 1991, p. 52). O exercício da autoreflexão no educador deve ser constante.

Com alegria tenho a possibilidade de perceber que a maioria dos educadores que me acompanharam em toda a jornada de constante construção e reconstrução da prática docente esteve cercada de educadoras e educadores que sempre destacaram a importância de não estar sempre repleto de certezas sobre o que se ensina e como se ensina, em outras palavras, entender que seus saberes adquiridos pela escolarização ou pela experiência de vida não devem

sobressair sobre os demais saberes, nas mais diversas trocas com demais educadores ou educandos. É preciso estar atento para não se tornar indiferente frente a novas oportunidades de trocas, diálogos e novos aprendizados nos mais diversos espaços que a trajetória nos permite estar presente.

Enquanto educanda do ensino fundamental e médio, tenho memória de diversos professores e professoras que não somente estavam preocupados em lecionar seus próprios conteúdos, a maioria buscava parcerias, diálogos com demais disciplinas, quando não em projetos, feiras e encontros na escola, buscando comentar sobre os acontecimentos da atualidade, ou comentando jornais e novelas que nos levassem a refletir os acontecimentos e a sociedade. Essa prática foi muito importante para que eu pudesse perceber que não somente os conteúdos que ele traz consigo era importante de ser trabalhado, mas sim buscar aplicar os ensinamentos no cotidiano, na vida real, hoje percebo a atuação colaborar com a Educação defendida por Paulo Freire na qual se encoraje a participação ativa dos educandos, para que sejam questionadores, colaborando para um pensamento crítico.

Durante a licenciatura em Ciências Biológicas, tive o privilégio de cursar em uma Faculdade de Educação, então desde o princípio todos que iniciam o curso esperam que a trajetória seja repleta de vivências na escola, com diferentes educadores, e já no início, àqueles que ainda não se imaginam atuando na escola, podem desistir da permanência no curso ou já desde o início se deixar apaixonar pela licenciatura e todas as maravilhas que ela poderá proporcionar à sua vida acadêmica até a constante construção da docência que não termina nunca, pela minha interpretação, só se torna educador, aquele que termina sua trajetória aqui na Terra.

Sobre todos os educadores (as) que me acompanharam até aqui, a minha atuação de uma forma ou de outra tem um pouco deles (as), seja a partir das trocas, vivências compartilhadas ou pela apresentação de um novo mundo de bibliografias, projetos, que possibilitaram sempre buscar refletir todo fim de ano vivenciado enquanto docente, abandonar o que não foi proveitoso, mas proporcionou aprendizado e levar o que me possibilita ter uma melhor prática, trazendo comigo os ensinamentos do Paulo Freire, de que um educador é um facilitador que colabora para que os educandos compreendam a realidade social que os cercam.

O educador busca a transformação social e em suas trocas com os educandos colabora para que estes superem a opressão. Mas a opressão aqui, pode ser apresentada de diversas formas, não somente pela falta de acesso à escola, fome, desemprego, falta de saneamento básico, moradia, enfim, pode ser de várias ordens. Neste trabalho foi discutido principalmente

o quanto a falta de acesso a informações sobre sexualidade, corpo e drogas pode sim afetar a vida dos educandos, e tornar-se uma forma de opressão.

O “estar professora”, atuando em diferentes espaços sempre é um grande desafio. Tendo em vista que quanto mais os anos de atuação passem, a busca de uma relação horizontal de colaboração entre educando e educador, se renova, tendo em vista Paulo Freire sobre a educação emancipatória devendo ser refletida a cada ano. Pensar a cada término de bimestres e ano letivo, será que diálogo, reflexão e ação estavam presentes nas ações concretas e atividades vivenciadas?

Tendo em vista diálogo, reflexão e ação, a tríade Discente~Docente~Aprendente torna-se possível, quando pensamos na escola, pois o educador com o passar dos anos, a cada atuação, obtém contato com uma maior quantidade de informações e conceitos, adquire e troca experiências. Em outras palavras o educador através de ações desenvolvidas colabora para que sejam dialogados, refletidos diversos assuntos. Considerando aqui a temática do presente trabalho- corpo, sexualidade e drogas, e a partir delas os participantes, aqui os licenciandos em Química, podem conscientizar-se politicamente, para então colaborar para uma atuação que foge da opressão.

Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do oprimido* reflete sobre a opressão que alguns estão expostos, mas que é necessário que os sujeitos se conscientizem dela, o educador crítico por meio de sua atuação colabora para que ela não ocorra, buscando uma atuação que vise a emancipação dos sujeitos, que ao perceberem como determinadas políticas, atuações e esferas podem impor ao outro a falta de acesso à informação ou serviço que seria direito de todo cidadão. A atuação do educador crítico, Discente~Docente~Aprendente, colabora para a emancipação dos educandos.

A ideia Discente~Docente~Aprendente emerge também dos escritos de Paulo Freire, em suas cartas para os educadores alfabetizadores, intitulados, animadores culturais, dos círculos de cultura de São Tomé e Príncipe (Brandão, 1980), nas quais afirma que os que ensinam aprendem algo com os seus educandos também. Na educação revolucionária que para ele substituirá aos poucos a colonial, em todos os níveis de ensino, não conseguimos separar o aprender do ensinar, o ato de educar do ato de ser educado. Paulo Freire utiliza a expressão educador-educando para denominar o animador cultural, e educando-educador para nomear o alfabetizando, educando.

Paulo Freire afirma ainda em suas cartas (Brandão, 1980) que o animador cultural, termo dado aos alfabetizadores, em suas relações com alfabetizando, não possuem um papel de quem

“transfere o conhecimento, mas o de quem, através do diálogo, procura conhecer com os alfabetizando”.

Mas a perspectiva Discente~Docente~Aprendente não se aplica somente aos educadores, educandos, e sim a todas as pessoas que colaboram para que ocorra a emancipação de outros sujeitos (Rocha, *et al.*, 2021 e Tamiasso-Martinhon, 2019). Tamiasso-Martinhon (2019) define ao adotar a perspectiva de atuação, o agente assume uma postura ativa, caleidoscópica de si, que não foque nas disciplinas, na qual continuamente amplia seus conhecimentos sobre variados assuntos, ao longo de toda sua trajetória de vida e atuação, na qual entende que quando leciona, ensina-aprende ao mesmo tempo.

A grafia do termo deve ser escrita com o símbolo do til, que representa uma “onda”, para afirmar que o indivíduo na atuação, possui a característica de educador e educando internamente, ele em dado momento é “docente”, em outro “aprendente” em uma constante oscilação, como uma onda que se inicia e propaga.

A perspectiva de atuação Discente~Docente~Aprendente muito se relaciona com a ideia do estar educadora que defendo, pois não sou fixo, de forma que ocupo somente aquele lugar na sociedade o tempo todo, posso ocupar vários ao mesmo tempo, estou docente, estou discente, estou educadora, estou professora. Mas sempre tendo em vista que o estar professora aqui se faz contínuo, colocaria um infinito, pois quando me coloco em diferentes posições elas seguem sempre o sentido horizontal, baseado na educação emancipatória que Paulo Freire defende de que os diálogos educador e professor é horizontal, todos possuem conhecimentos que ali serão compartilhados, mas nunca sobrepostos.

4.5 CONCEPÇÕES SOBRE CORPO E A DOCÊNCIA

Um dos temas abordados presente trabalho é o corpo, e como professora de Biologia e Ciências, a temática já começa a ser discutida lá no ensino fundamental I, para então propriamente no atual quinto ano, concepções de como somos gerados e então concebidos ganhar maior profundidade. Nos sétimo e oitavo anos são discutidas temáticas como aparelhos reprodutores masculinos e femininos e gestação.

Importante escrever quais foram as duas justificativas principais para abordar a temática corpo e sexualidade no presente projeto. A primeira está relacionada à importância de trabalhar o tema para prevenção das Infecções sexualmente transmissíveis (IST), já que os adolescentes e jovens na fase inicial da vida sexual somada a ausência de informação e experiência, podem estar vulneráveis a contrair infecções causadas por vírus, bactérias ou protozoários e

transmitidas através do contato sexual, ou também acontecer uma gravidez não planejada. Como podemos perceber no trabalho de Feitosa (2018) que ao investigar os conhecimentos dos adolescentes de uma escola pública de Fortaleza, sobre IST/HIV/aids, constatou que a prática sexual insegura pode levar à IST e à gravidez não planejada, podendo trazer algumas consequências de cunho social para estes adolescentes.

Outra justificativa da temática corpo e sexualidade é pelo fato de através da prática em sala de aula nesse caminho de construção docente, refletir a abordagem do corpo em sala de aula, percebendo que frequentemente ele vem sendo discutido nas disciplinas que tradicionalmente abordam o corpo humano, já que em seus currículos mínimos possuem ao menos um assunto ligado ao tema. Somadas à Biologia, temos Educação Física e Química. Então, uma indagação que cabe aqui é como a escola, contendo suas disciplinas curriculares, buscam visualizar o corpo humano? já que constam assuntos em seus materiais didáticos, refletir como os educadores e seus educandos dialogam com a temática.

Neste caminho a pesquisa de Santos (1998, pág. 80) discute exatamente como a escola aborda por meio do ensino/ aprendizado o corpo humano, e um destaque importante que ele faz é que existe uma diferença entre organismo e corpo, sendo o primeiro, todas as funções biológicas que ele (o corpo) apresenta e o segundo, uma construção que que não apresenta apenas suas funções vitais, mas leva em conta as vivências e cultura, aspectos sociais, estéticos e econômicos na qual (o corpo) participa. Para o autor a escola padroniza o corpo humano levando apenas em conta sua Biologia, seu funcionamento como uma maquinaria, não busca destacar em seus currículos e livros didáticos o corpo levando em conta aspectos que os ajudam a serem formados e modificados na sociedade, seus aspectos sociais.

Por perceber exatamente isso ao longo dos anos do estar docente em diferentes escolas, públicas e particulares, o material fornecido e as trocas e diálogos compartilhados com educandos e educadores as constatações são estas, pouca escuta e muita aula expositiva sobre como funcionam os aparelhos reprodutores, como prevenir a gravidez, quais doenças acometem esses aparelhos e menos ainda espaço para que os jovens e adolescentes conversem sobre como sentem todas as mudanças hormonais e psicológicas que ocorrem em seus e de forma geral em todos os corpos, principalmente no mundo atual, repleto de informações trazidas de forma rápida, não sendo possível processá-las ou muitas vezes interpretar criticamente a maioria delas.

Como os adolescentes e todos nós, de forma geral, estamos percebendo nossos corpos? Será que os adolescentes e jovens educandos, docentes, bem como a escola num todo está colaborando para que os corpos sejam ouvidos? Questões e contextos sociais são notados e acolhidos quando falamos dos corpos, incluso suas sexualidades também. Exatamente isso que

o presente trabalho busca destacar ao propor abordar corpo, somado a sexualidade, através de narrativas, e rodas de conversas, dar espaço para que os licenciandos reflitam exatamente como essa visão está sendo implementada em suas práticas na construção de suas docências e também como viveram em suas escolas, enquanto educandos, o quanto essas questões sobre as diferentes formas de abordagem do corpo humano foram refletidas.

Importante também destacar aqui que pensar corpo humano somente com a visão “biomédica”, olhando somente para as funções dos órgãos e tecidos que o compõe, Santos (1998) afirma ser uma constante tentativa da escola. Oposto ao que buscou-se abordar no produto elaborado no presente trabalho, que será exposto nos resultados.

Todas as discussões e indagações aqui presentes buscam exatamente destacar possíveis visões que podemos ter do corpo humano, pensando e levando em consideração exatamente os corpos com suas trajetórias vividas, frutos das relações tanto de ordem emocionais, sociais quanto biológicas que os compõem. Discutir de que forma todos os corpos têm um papel e importância em diferentes esferas da sociedade e o quanto não valorizarmos todas as suas amplitudes, podendo assim impactar atuação na atuação na sociedade, podendo talvez comprometer a manutenção da boa saúde.

Santos (1998, pág. 81) afirma que a escola em seus currículos aborda o corpo humano como organismo, dando destaque para a área biomédica, ensino a dimensão biológica e funcionamento do corpo, não fornecendo espaço para outras áreas. Enquanto docente de Ciências e Biologia, concordo que a escola nos dias atuais ainda oferece destaque para essa abordagem do corpo, principalmente no ensino fundamental II, na qual o educando geralmente no auge da adolescência se encontra em diversas mudanças hormonais e físicas, comuns da idade. Acaba que materiais e escolas buscam fornecer orientações e respostas, direcionamentos para o adolescente/ jovem que está ávido por ter espaço no qual possa ouvir sobre o que está surgindo de novo em seu corpo, mudanças hormonais e seus efeitos como se encontrasse alguém que através da Ciência, com fontes confiáveis, com respaldo científico, pudesse tranquilizá-lo e responder perguntas pessoais que certamente poderão impactar em sua saúde mental, nas relações pessoais e assim na atuação dele na sociedade.

Santos (1998, pág. 83) afirma que “o currículo escolar, e o discurso que a escola produz privilegia e destacam algumas narrativas sobre corpo, como a da saúde, heterossexualidade, ser branco e o discurso da religião, dentre outros, sendo legitimados, mesmo que não concordem/conversem entre si, muitas vezes, não fornecendo espaço para outras narrativas como a do corpo negro, gay, dentre outros”. Sendo assim, a escola favorece e torna visível discursos de determinados grupos sociais em detrimento de outros, levando em conta que alguns

discursos naturalizados na sociedade como os costumes da cultura europeia, ocidental, prevalecendo sobre as demais, como a cultura do povo africano, por exemplo.

No presente trabalho e em escolas de atuação, nestes dez anos “estando docente”, as concepções citadas estavam presentes de forma objetiva, pois em algumas delas os membros da direção e coordenação ao entenderem que determinados anos escolares como sétimo, oitavo do ensino fundamental II e segundo ano do ensino médio trabalhavam o tema, não somente em sala mas também em feiras de ciências, devido a isto, constantemente indagavam aos professores e alunos a respeito dos materiais utilizados em sala.

Os educadores constantemente estavam sendo observados e seus materiais até por vezes revistados, não oferecendo aos profissionais da educação segurança e incentivo para que discutam em sala outras formas de atuação sobre corpo inovadoras, diferentes das constantemente apresentadas nos materiais didáticos e no que a direção de uma forma ou de outra impõe que o docente trabalhe. Muitas vezes o educador envolvido na luta por colaborar para que ocorra a discussão dos temas no espaço escolar, não se atenta ao que muitas vezes os educandos estão expressando em suas atitudes e muitas vezes em suas falas que são silenciadas.

No presente trabalho também vale destacar, sem aqui ser objeto do nosso trabalho, que existe uma concepção de corpo trabalhada na representação cultural, ela não percebe o corpo somente na visão científica, biológica, com todas as células e órgãos que em conformidade possibilitam a vivência dos seres vivos, e sim como um elemento que colabora para construção das identidades destes(Santos, 1998), sendo assim constituídos e modificados de acordo com os discursos presentes na sociedade a qual se encontra .

4.6 REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DO TEMA SEXUALIDADE NA ESCOLA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) afirmam que a escola é o espaço que tem responsabilidade de construir relações de confiança para que nela os educandos possam manifestar suas características culturais que partilha com o grupo de sua origem, de maneira a possibilitar o desenvolvimento pessoal e que se sinta acolhido, percebendo-se assim um ser em formação, na construção de sua trajetória de vida.

Os PCN (Brasil, 1997) ainda afirmam ser a escola o local no qual se deve reconhecer, trabalhar e valorizar as diversidades culturais para que os educandos superem as discriminações que possam ocorrer. Nela também regras de convivência em espaços compartilhados de uso comum a todos os cidadãos são trabalhadas visando uma boa convivência entre todos com suas

diferenças, reforçando a importância do respeito mútuo possibilitando assim um espaço democrático.

Segundo o trabalho de Argenti e Milani (2017) a escola é o local no qual diversos conhecimentos gerais sobre o mundo e o lugar no qual os educandos pertencem são trabalhados pelos educandos, isso fornece um ambiente propício para questões sociais serem debatidas, dentro das diversas questões possíveis, a sexualidade, questões de gênero e leis, conceitos relacionados ao pleno exercício consciente da cidadania, cumprindo deveres, e lutando pela garantia de seus direitos.

Percebemos assim que a escola possui uma importante função na percepção de sociedade e formação pessoal dos educandos, também na construção de como eles se veem diante da sociedade, percepção das características que os constituem. Aí entra a percepção do corpo e sexualidade, os educandos possuem uma percepção plena de si, mais do que as características que possuem, do corpo humano, percebem sua sexualidade, quais questões a sociedade apresenta e de qual forma as questões relacionadas a temática se apresentam, para então se posicionarem.

A temática sexualidade está totalmente atrelada ao corpo, já que ambas estão associadas muitas vezes, sendo os aparelhos reprodutores, gravidez, IST e bem-estar temas trabalhados nas disciplinas pertencentes à área do conhecimento Ciência da Natureza e suas tecnologias, tendo em vista colaborar com a promoção de saúde dos educandos, nas escolas brasileiras.

Os PCN afirmam que a educação sexual e sexualidade devem ser abordadas na escola, por meio dos temas transversais, em todas as disciplinas escolares, por meio de ações educativas e didáticas. A pesquisa apresentada por Quirino e Rocha (2012) afirma que o desenvolvimento destas ações que visem a abordar e discutir o assunto, muitas vezes encontra resistência em determinados espaços.

O trabalho da Louro (2000) destaca que a sexualidade é uma questão política e social, perpassando a ideia de questão pessoal, “aprendida” ao longo da vida de cada indivíduo, que a constrói de diversos modos na trajetória vivida. Sendo assim, é importante trabalhar o assunto nas escolas, promovendo debates e colaborando para que os espaços ocorram. Nos mais diversos espaços escolares de atuação como educadora nas adolescentes se veem imersos em diversas mudanças corporais e hormonais, uma fase de transição no qual muitas vezes não conseguem interpretar como e porque elas estão presentes em seus corpos. É nesta fase que é importante ter espaços de diálogo e muitas vezes conhecimento de assuntos que irão acompanhá-lo por toda a fase da vida adulta para que tenha uma trajetória de vivência com seus corpos de mais valorização pessoal, compreensão e que se entenda que muitas vezes as

mudanças de procedimentos estéticos, padrões corporais, procedimentos e até ampla comercialização de medicamentos para determinadas doenças de mais variadas ordens são frutos de ações políticas na sociedade do tempo histórico vivido.

Refletindo sobre a abordagem no tema sexualidade no meio acadêmico, o trabalho de Souza, José e Barbosa (2013) afirmam que a transição da fase jovem para adulta, somada ao ingresso no curso de Ensino Superior ocasionam uma série de mudanças que requerem adaptações para os adultos-jovens que ingressam na universidade, tornando-os vulneráveis a situações de riscos à saúde, como abuso de drogas e possíveis práticas sexuais desprotegidas. Diante da afirmativa destacamos a importância de abordar o tema na formação inicial docente, nos cursos de graduação. Não somente para os professores em formação inicial trabalhem o tema com suas turmas, mas também para que se conscientizem para redução de riscos à saúde e ao discutir questões de gênero não ocorram casos discriminação ou homofobia dentro do ambiente acadêmico.

As autoras Rizza, Ribeiro e Mota (2018) destacam que o tema sexualidade com o passar dos anos vem se tornando fonte de discussões e debates nas universidades federais. Na atualidade, as autoras conferem o fato às demandas sociais que visam à promoção da cidadania, dos direitos humanos e da diminuição da violência e discriminação aos grupos sociais formados pelas minorias sociais e a políticas de formação de docentes, as quais têm priorizado a construção de uma agenda educacional em que temas como sexualidade sejam pautas no debate.

A questão apresentada pelas autoras de ampliação de espaços de debates e modificações do foco das abordagens, antes mais pautadas em IST, atualmente incluindo questões de gênero, é relevante. Agora, os educadores necessitam sentir-se seguros para dialogarem sobre o tema, necessitando cada vez mais de espaços que promovam debates, frente a diminuição de espaço para diálogo frente a BNCC.

4.6.1 Breve análise sobre a abordagem do tema educação sexual na atual BNCC

A sexualidade está presente em todas as fases da vida humana, segundo a Organização Mundial de saúde (OMS, 2017), “influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, também a saúde física e mental”.

Na adolescência a maioria dos indivíduos inicia sua vida sexual, um terço dos adolescentes não faz uso de um método contraceptivo eficaz, o que pode gerar gravidez indesejada e/ou Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) (PEnSE, 2019).

A educação sexual é uma das ferramentas utilizadas para prevenção e enfrentamento do abuso sexual. A escola é um ambiente propício ao diálogo sobre o tema, o que colabora para promoção da saúde sexual, emocional e física dos adolescentes e jovens.

Bertasso (2013) afirma que a sexualidade pode ser percebida na escola por meio de diversos comportamentos dos alunos, presentes nas situações do cotidiano, conversas, brincadeiras, além de comportamentos transgressores, como as pichações nas portas dos banheiros, carteiras e muros, dentre outros. A escola é o espaço no qual questões que envolvam a sexualidade devem ser abordadas.

O documento da BNCC teve sua última versão atualizada em 2018, desde então o tema sexualidade, antes com a abordagem contemplada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), por meio dos temas transversais, orientação sexual, continua sendo silenciado nas escolas brasileiras.

O trabalho de Hames e Kemp (2019) destaca a necessidade de que diversas disciplinas escolares abordem temáticas ligadas a educação sexual, pois essas questões vão além do aspecto biológico, uma vez que “inserem-se na cultura e são produtoras de subjetividades”.

A educação sexual deve ser concebida como parte da formação integral do indivíduo, não pode ser separada desta (FIGUEIRÓ, 2010). Todo o indivíduo em seu desenvolvimento, nas diversas dimensões carecem de formação e informações a respeito da sexualidade, e a escola é um espaço ideal para que questões ligadas ao tema sejam discutidas, para se auxiliem os educandos em formação a se informarem, já que na fase adulta a sexualidade será um fator que o acompanhará de maneira mais intensa, refletindo em suas atitudes, opiniões e valores na sociedade.

Importante citar trechos do documento da BNCC, no qual retrata sobre a abordagem dos temas referentes a educação sexual na escola:

“Nos anos finais, são abordados também temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde,

saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira.

Pretende-se que os estudantes, ao terminarem o Ensino Fundamental, estejam aptos a compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança do seu próprio corpo.

É também fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva (BRASIL, 2018, p. 325).”

Nos escritos acima pode-se perceber que a abordagem da questão sobre corpo, inserida na educação sexual e sexualidade são muito relacionadas a abordagem pelo viés biológico, destacando muito a funcionalidade, como a autora Louro (2001) discute em seu trabalho, as questões emocionais e sociais relacionadas ao corpo não são destacadas.

Também pode-se perceber que as discussões sobre sexualidade são tratadas no documento como um meio apenas de promover saúde, os temas orientação sexual e gênero foram retirados do currículo. Sendo assim podendo-se dar margem a interpretar que a família, os responsáveis legais e as organizações da área da saúde devem ser os agentes principais na discussão do tema.

O trabalho de Silva (2020) afirma que ocorreu um retrocesso referente às temáticas ligadas à sexualidade. Na última versão do documento da BNCC com a exclusão de termos ligados às temáticas gênero e orientação sexual, cada vez menos os educadores encontram espaço para dialogar com as temáticas nas escolas, culminando assim em uma escassez de abordagem e discussão.

Para Sartori (2022) “a sexualidade é algo inerente à saúde e à vida, devido a este fato durante o cotidiano escolar surgem diversas questões relacionadas à sexualidade”. O silenciamento na BNCC, acaba não possibilitando o encorajamento dos professores a buscar espaço para dialogarem sobre educação sexual. Para o autor, a sexualidade é um dos temas mais abordados no meio social.

Com o apagamento das discussões, impactos na saúde dos adolescentes e jovens, como gravidez na adolescência, aumento de IST e problemas nas relações humanas futuras podem surgir a longo prazo na população brasileira (SILVA, 2020 e RANGÉ 2001). Sem contar que a falta de diálogo sobre a temática sexualidade pode gerar traumas emocionais e psicológicos resultados de experiências sexuais frustrantes.

Sartori (2022) destaca que a BNCC necessita se atualizar, inserindo temas ligados a Sexualidade na escola com a amplitude que se deve. A temática é importante para colaborar

com a diminuição de todos os problemas que os educandos possam deparar-se devido à falta de informação.

A escola é um dos principais ambientes no qual os educandos constroem sua identidade (Reis, 2018), sendo assim é necessário que ocorram ações de debate sobre a temática sexualidade, despertando para uma consciência crítica e respeito aos direitos humanos.

4.7 DROGAS E REDUÇÃO DE DANOS: REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DO TEMA

De acordo com o II relatório sobre o uso de drogas no Brasil de 2021, existem diversas drogas em uso entre os escolares, podemos destacar o álcool, a maconha e o cigarro dentre tantas.

Dados fornecidos pelo segundo relatório brasileiro sobre drogas, as substâncias lícitas mais consumidas pela população são o álcool, o tabaco e os medicamentos sem prescrição médica, entre as ilícitas encontramos a maconha (IBGE, 2022). O uso das presentes substâncias atinge jovens, adolescentes e adultos.

A pesquisa PENSE (2021) aponta que na fase da adolescência os indivíduos apresentam, um aumento em sua autonomia, bem como um aumento na experimentação de novos comportamentos, podendo estar expostos a fatores de risco que propiciam o contato com substâncias consideradas nocivas ao organismo, como o álcool etílico. Os autores Marques, Doneda e Serafin (1999) afirmam que condições sociais frágeis podem tornar jovens e adolescentes expostos a riscos à saúde, sendo substâncias consideradas drogas um deles.

O trabalho de Acselrad (2015) afirma que o Brasil desenvolveu a sua Política Nacional Sobre Drogas tomando como base políticas internacionais, pautadas no proibicionismo, no qual os Estados Unidos da América (EUA) por meio de interesses políticos e financeiros, permitem o uso de algumas drogas, como o álcool, e proíbe outras, como a maconha, por exemplo.

Atualmente, a proibição de algumas substâncias e a liberação de outras foi sustentada por justificativas e resultados pautados na política de “Guerra às drogas”, originada nos Estados Unidos da América (EUA), que reprime e combate o uso e abuso de drogas, utilizando desde ações dentro da escola até leis e políticas que punem e criminalizam, aplicando penas a seus usuários. No Brasil percebemos uma clareza nas substâncias que são drogas lícitas, de uso permitido, com leis que regulam a venda e ilícitas, de uso proibido, sendo permeadas por leis que regulam e punem seus usuários pela venda e uso, elas também possuem suas ações pensadas a partir dessa política.

No nosso país, quando se pensa em política sobre drogas, entende-se que as ações se organizam em um equilíbrio entre o que se deve prevenir e reprimir, pouco se utiliza outras ações como a Redução de Danos (II relatório sobre o uso de drogas no Brasil de 2021).

O estudo de Costa *et al.* (2022), analisou um curso *online* sobre a maconha e a sociedade oferecido aos professores, acredita que ações de discussões e atividades que envolvam o tema drogas nas escolas pode colaborar para promoção do ambiente em que se toleram diversas realidades sociais.

O presente texto busca, através da narrativa, fazer uma espécie de comparativo entre a história vivida, individual e o contexto histórico do tema na sociedade, acreditando no que defende Bueno (2002) ao falar sobre o método biográfico de escrita acadêmica que ao narrar a trajetória docente posso contribuir para que outros professores percebam seu papel de protagonista. Ainda por meio da atuação desenvolvida, possibilito espaços de debates e ações posso gerar discussões relevantes para o contexto educacional e sociedade relacionadas ao tema discutido.

A discussão do tema drogas com licenciandos em formação docente inicial colabora para que mais professores sejam encorajados a por meio de leituras e formação continuada, a desenvolverem ações educativas de reflexão sobre o tema, possibilitando que mais professores não sintam a insegurança de pensar necessitar de outros agentes para coordenar as atividades que emergiram das reflexões entre educandos e educadores, pensando muitas vezes o outro ser mais preparado, levando muitas vezes a escolher pessoas com experiências de vida de abuso de substâncias consideradas drogas ou mesmo alguma função na segurança pública para desenvolverem a atividade em sua escola de atuação, refletida no trabalho de SILVA (2015).

É preciso perceber que o agente que está de fora da escola que o docente atua, sequer entende o contexto escolar e as relações tecidas ali relacionadas ao tema. E desde o início da discussão, nos anos 1970, sobre o tema drogas na escola, foi propagada a ideia de que para falar sobre drogas é necessário ser especialista (SILVA, 2015), sendo assim o professor não estaria legitimado a falar sobre o assunto.

A ideia central da abordagem do tema foi colaborar com a proposta de que o tema drogas pode sim ser discutido na escola e quem deve possibilitar e requerer a abertura dos espaços são os professores, que estes possuem voz para defender que ações ocorram.

A atuação com o tema drogas, foi pautada na política de Redução de Danos (RD). De acordo com a Plataforma Brasileira de Política de Drogas (2017) a política de Redução de Danos (RD) define-se como “um conjunto de políticas e ações de saúde pública visando reduzir os danos à saúde do usuário de substâncias classificadas como drogas, àquelas que em contato

com o organismo podem causar algum efeito, gerando dependência ou não”. As ações da política (RD) são voltadas para àqueles que possuem histórico de abuso de drogas, mas não conseguem e/ou não desejam parar de fazer uso delas.

Cabe ressaltar que as ações da política (RD) quando comparadas às que possuem um viés proibicionista não convergem. A primeira, a (RD), visa a promoção da saúde (Plataforma Brasileira de política de drogas, 2018), discutindo políticas que controlam a oferta, bem como efeitos das substâncias, mas não entende que seja efetiva uma ação realizada em determinado espaço, somente se o indivíduo interromper o uso da substância, se isso ocorrer é um resultado positivo, mas o foco é promover uma melhoria no dia-a-dia do indivíduo, desde as suas relações sociais até a sua saúde.

Já a segunda, as proibicionistas possuem um foco em evitar o uso, também deixa claro quais efeitos e políticas controlam a oferta de drogas, mas o foco é informar que caso ocorra o uso, leis aplicam penalidades para os usuários, então o foco é evitar o uso devido principalmente às penalidades.

A atividade da oficina presente no trabalho foi pautada na (RD), com intuito de promover saúde e discutir políticas e definições que permeiam os usos de drogas no Brasil, apresentando uma proposta que pode ser um caminho que colabore para a existência de espaços de discussão na escola e universidades.

Pensando no espaço universitário, local de aplicação do produto analisado no presente trabalho, os dados apresentados pela pesquisa de Borges *et al.* (2015) afirmam que o ingresso na Universidade pode ser considerado um fator impulsionam-te proporciona às jovens vivências e novas experiências, nas quais o uso de bebidas alcoólicas e outras drogas ocorrem. O espaço universitário proporciona novas experiências antes proibidas ou limitadas pela proximidade familiar.

A pesquisa de Borges, *et al.* (2015) ainda afirma que o ingresso na Universidade tem impacto na vida sexual dos jovens e, em particular, daqueles que se encontram nos períodos iniciais e têm maior disponibilidade para participarem de festas e eventos noturnos.

Atuações que promovem discussões sobre o tema drogas nos espaços escolares podem ser uma oportunidade para os jovens trocarem informações e construam um aprendizado partindo das suas realidades de vida (Martins *et al.*, 2020). Colocar o tema em debate na escola, se configura como caminho interdisciplinar, pois envolve diversas temáticas perpassando diferentes disciplinas escolares, tornando possível assim emergir reflexões, entendimentos históricos, culturais e científicos relacionados com a apropriação da planta e de seus derivados

(SILVA, 2015), implicando para que o compilado de saberes que aportam dimensões políticas e socioeconômicas

Projetos que trabalhem o tema drogas na escola, podem ocorrer nas escolas brasileiras, geralmente as abordagens do tema envolvem alguns mitos e preconceitos, gerados pela abordagem proibicionista, o que acarreta uma certa resistência e dificuldade em trabalhar o tema na escola, principalmente com estudantes. pois nos espaços existem discussões acerca do uso recreativo, medicinal e também sobre políticas, incluindo assuntos como a repressão ao uso citados nos trabalhos de Silva (2015).

Valem ser destacados aqui, ações pontuais e importantes dentro dos nove anos de atuação docente e no qual pude vivenciar o tema, aqui pode parecer um tanto diferente relatar a atuação no tema, levando em conta o início da atuação docente, mas foi exatamente lá, em 2015, com uma turma de sétimo ano do município de Maricá, Rio de Janeiro, que ocorreu o início da busca de referências que pudessem colaborar com a prática sobre o tema drogas.

Ocorreu um episódio no qual o aluno da disciplina Ciências, lecionada a época, ao trabalharmos o capítulo de Botânica, ao folhear o livro, ele expos seus questionamentos sobre quais seriam os efeitos da planta maconha e o porquê de não estar encontrando a planta dentre as demais abordadas ali, já que ela apresentava efeitos medicinais e também possuía flores como outras angiospermas (plantas com flores). Diante da pergunta eu fiquei muito surpresa, pois não havia pensado sobre a possibilidade. Então, discutimos sobre a planta, seus efeitos, políticas e esse foi assunto para mais de dois tempos de aula. Desde então busquei formações e informações que me permitissem pensar maneiras de trabalhar em sala de aula o tema drogas.

Nos anos seguintes, sempre encaixava um espaço no planejamento escolar para discutir sobre drogas, nos livros e escolas, nas quais não consigo abertura, inseria o tema nos assuntos alimentação e Botânica. Todas as ações realizadas, na maioria das escolas que atuei em Maricá, Niterói e São Gonçalo, eram pontuais e nem sempre bem vistas pelas escolas, já que as escolas particulares que lecionei o tema não era aceito, pois as diretoras tinham medo de que os pais reclamassem e tentassem prejudicar a escola, já que “*–muitos poderiam interpretar a aula como apologia*”, palavras das diretoras de duas escolas que atuava.

Nos anos seguintes muitos foram os relatos que ouvi de alunos com episódios de usos, abusos de drogas por familiares e sempre buscava informação de qualidade e colaborar para ocorrência espaço de debate. Mas confesso que fui pesquisando melhor que em 2017, refleti e observei na atuação que não havia me atentado para o fato de observar muitos episódios de abuso de outras substâncias além da maconha, cigarro e álcool, os abusos principalmente eram

com antidepressivos. Estava ali percebendo um uso exagerado de uma droga liberada e que pode causar danos iguais ou até mais negativos que as de uso proibido.

Em 2019, lecionei em uma escola para alunos com um poder aquisitivo elevado, no ensino médio, pude ouvir relatos dos meus alunos sobre abuso de antidepressivo ocorrendo hospitalização. Ali obtive o pontapé para discutir o tema em sala também. Pois até então sempre incluía drogas nos capítulos de Botânica e nos alimentos, por mais que falasse de medicamentos, a depressão bem como o uso de medicamentos, foram o foco da minha fala também.

Resolvi dialogar sobre muitas dúvidas presentes nas formas de uso e efeitos dos componentes da fórmula, acreditando que é preciso informar para que o uso seja consciente. Não só isso, pensar sobre as emoções deve estar aliada o que leva ao uso e o que é possível ser feito.

4.7.1 **Drogas e educação: breve reflexão sobre a abordagem do tema na atual BNCC**

A BNCC não apresenta o termo drogas, em sua última versão, no entanto para o sexto ano do ensino fundamental, apresenta os termos substâncias sintéticas e psicoativas quando apresenta no componente curricular Ciências para o sexto ano do ensino fundamental. São suas as unidades temáticas que abordam o tema Matéria e energia e vida e evolução. Veja abaixo as descrições das habilidades:

(EF06CI04) Associar a produção de medicamentos e outros materiais sintéticos ao desenvolvimento científico e tecnológico, reconhecendo benefícios e avaliando impactos socioambientais.

(EF06CI10) Explicar como o funcionamento do sistema nervoso pode ser afetado por substâncias psicoativas. (BNCC, 2018, p. 343)

Percebe-se que ao longo do documento que eles citam medicamentos, associado a sustentabilidade e saúde. A BNCC pretende levar o estudante a refletir sobre o tema saúde não somente do corpo, mas de forma abrangente. Medicamentos são considerados substâncias que causam algum efeito no organismo e devido a isso podem ser considerados drogas.

De acordo com Silva e Coelho (2022) os medicamentos são citados além do 6º ano do ensino fundamental, nas habilidades do 2º ano, 4º ano, 8º ano e 9º ano, com as mais diversas associações, sendo elas, a prevenção de acidentes domésticos, substâncias onde proliferam microrganismos e problematizar usos para transformar o corpo.

Para os autores, a abordagem do tema drogas, no caso referindo-se somente aos medicamentos nas áreas de ciências da natureza, reforça a abordagem da educação tradicional

de classificar as drogas a partir dos efeitos e danos no organismo não nos saberes e experiências dos jovens, como parte a política da Redução de Danos (RD).

A política nacional antidrogas (2001) afirma que um caminho para a prevenção ao abuso do consumo de drogas nas escolas, seja a implementação de uma educação preventiva, o que requer um eficiente planejamento de atividades a serem desenvolvidas pela por toda a comunidade escolar (Brasil, 2001).

No entanto existe uma carência de discussão sobre o assunto nas escolas, os autores Coelho, Monteiro e Barros (2017) sinalizam sobre a carência que estudantes enfrentam na própria escola para dialogar sobre informações científicas sobre a temática drogas. Os autores também afirmam que embora as informações encontradas em meios de comunicação da mídia sobre o assunto, caso sejam pouco dialogados nas escolas ou pela abordagem presente na política do proibicionismo que prevalece na sociedade atual, podem colaborar para segregação ou casos de discriminação.

4.8 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RECUSO EDUCACIONAL ABERTO (REA)

Para ordem de organização, os resultados da aplicação do REA foram escritos por ordem cronológica de ocorrência dos encontros, em cada dia foram descritas todas as atividades respectivamente na ordem de sua ocorrência, bem como reflexões e diálogos com a bibliografia a respeito dos materiais produzidos pelos participantes.

4.8.1 1º dia de encontro - discutindo o corpo e a Química

O perfil da turma no primeiro encontro foi composto por licenciandos, três mulheres e um homem, todos adultos jovens, variando entre 20 anos e 30 anos, moradores dos bairros do Rio de Janeiro. Importante destacar que todos os participantes já vivenciaram ao menos uma vez a ações com educandos nas escolas, nos mais variados sentidos, em projetos de extensão como Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no Laboratório Didático de Química (LADQUIM), em cursos pré-vestibulares ou as escolas.

Durante o encontro falaram sobre suas memórias das trajetórias de estudantes das escolas públicas, estaduais, federais ou particulares da cidade, até o ingresso na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de licenciatura em Química. Alguns licenciandos já possuem atuação em projetos de extensão universitária e também lecionam nas escolas e pré-universitários do Rio de Janeiro.

Importante afirmar aqui, que a oficina e atividades que ocorreram em cada encontro emergem da crença que enquanto professores em formação inicial é crucial despertar e destacar a importância para a formação continuada ao longo da vida enquanto professor, como afirma Nóvoa (1992) que a formação do professor não se constrói apenas na acumulação de informações, cursos de formação e técnicas, mas de uma contínua reflexão crítica a respeito das práticas e de um contínuo reconstruir-se, uma permanente reconstrução da identidade pessoal. Vale salientar que todos os participantes puderam refletir sobre a prática, através da evocação de suas trajetórias, podendo refletir assim de que forma elas colaboram para construção da docência e o quanto a cada ano que passa, menos se está “pronto”, “acabado”, destacando assim a importância da vida docente ser um eterno reconstruir-se, no sentido de reconstrução da própria prática, abandonando o que não foi efetivo e o percebendo o quanto aquela experiência vivida pode ser um despertar para uma nova forma de ação e abordagem de determinados temas.

Ainda sobre o eterno reconstruir-se como docente, escrevo aqui uma pequena citação do livro *A Arte de ensinar* de Jay Parini, no qual o autor escreve uma carta para um jovem professor contendo conselhos e reflexões que ele gostaria de ter ouvido no início da carreira docente,

[...] a viagem essencial nesta profissão é para o autoconhecimento; isso envolverá perder-se a fim de encontrar-se, perdendo seu fio da meada, tendo de revisar seu senso de realidade vezes seguidas, frequentemente ajustando-se à nova informação, a novos contextos. Ao modelar este caminho de revisões, você ajudará os seus alunos a aprenderem a construir seus próprios caminhos (PARINI, J. p. 131-132, 2007)

Na primeira parte do encontro, os licenciandos realizaram uma apresentação pessoal, optamos por deixar um espaço para que os licenciandos contassem seus caminhos, trajetórias vividas na escola enquanto educandos, que para eles foram importantes na condução de um caminho até a licenciatura em Química. Os trabalhos de Magalhães & Lacerda (2019) e Nascimento (2018) refletem sobre a importância do uso da oralidade na escola, apontando que a escrita culturalmente tem sido valorizada em relação às atividades que envolvam a oralidade e na presente pesquisa inauguramos a oficina com o exercício da fala e também da escuta, acreditando ser importante na formação inicial despertar sobre o assunto, pois como afirma Magalhães e Lacerda (2018) para que o ensino da oralidade seja implementado na escola, é importante ao professor em formação inicial, graduando, ter a oportunidade de participação nas atividades que envolvam linguagem e a interação social, por exemplo seminários, palestras, debates, para que vivenciando e aprendendo com as ações, elas possam ser levadas à sala de aula, ou seja, as ações vivenciadas sejam repercutidas na escola.

Destacando a importância de se realizar a apresentação pessoal, Nascimento (2018), em seu trabalho sobre o assunto na escola, afirma que a fala é antecessora à escrita, e na escola, estendemos aqui para a universidade, é fundamental proporcionar as atividades de oralidade aos alunos, criando situações reais, como a da apresentação pessoal, tendo em vista que em diversos momentos em situações do cotidiano, dentro e fora da escola os alunos terão contato com o fato de ser necessário realizar uma apresentação pessoal. Na oficina realizada transcrevemos (anexo A) trechos das apresentações pessoais dos quatro participantes.

A escola deveria propor situações nas quais os alunos reflitam como devem realizar sua apresentação pessoal de acordo com o contexto, seja em atividades, apresentações de seminários, nos processos seletivos ou entrevistas para mercado de trabalho.

Refletindo sobre as questões destacadas a respeito da oralidade na escola, universidade e vida docente, aqui nos resultados transcrevemos recortes das trajetórias narradas pelos quatro participantes, as quais são seus perfis pessoais. Durante o diálogo, os alunos foram apresentados à temática do corpo e sua relação com a sociedade e a Química, então, três frases foram escritas em um cartaz: o corpo e a docência em Química O corpo e a aprendizagem em Química e por último o corpo e o ensino da Química. Logo em seguida todos falaram suas trajetórias bem como motivações para escolha da licenciatura em Química.

Nesta etapa, decidimos atribuir substantivos para nomear todos os quatro participantes, baseando-se na interpretação de suas trajetórias de vida esquematizadas em desenhos, narradas e somadas à apresentação pessoal, os termos escolhidos foram: **Resiliência**, **Esperança**, **Perseverança** e **Motivação**. Entendemos que ao atribuímos os termos que nomeiam os licenciandos estamos acolhendo cada participante, com o mesmo efeito de dizermos pessoalmente estas palavras para cada um deles, não traçando um perfil, mas sim exaltando qualidades. Anexos, apresentaremos os desenhos e transcreveremos as interpretações compartilhadas por eles.

Tendo renomeado os participantes, não utilizaremos aqui imagens para identificá-los, os rostos foram borrados pelo *Photoshop* versão 7, devido às normas da pesquisa, tidas no termo de assentimento (APÊNDICE B) e também pela crença de que seus discursos e produções falam muito, suas falas, narrativas, possuem um grande potencial, ecoam tanto quanto suas imagens, os identificando, deixando aqui registradas partes de suas histórias. Acreditamos ainda que suas memórias são pessoais, fortes e que muito representam as realidades de algumas escolas aqui do Rio de Janeiro. Admiramos a coragem de cada um ao colocar com sinceridade e profundidade suas vivências e superações diárias.

As narrativas dos participantes a respeito das relações com a Química e à docência estão marcadas por reflexões sobre a maneira como eles se relacionavam com seus ex-professores, sendo perceptível como muitas vezes as falas, conversas e acolhimentos conferidos à eles enquanto estudantes impulsionaram suas trajetórias profissionais, sendo algumas vezes os professores/educadores principais incentivadores, àqueles que impulsionam a carreira de seus educandos, como o caso do participante *Motivação e Esperança*. Mas vemos também que outras vezes quando não conseguimos ter uma relação mais horizontal, como fala Freire e Nogueira (1989), com os nossos professores, as trocas em sala de aula relacionam-se de forma verticalizada, na qual o educador tende a ser o detentor de todo o saber, pode acarretar no impacto negativo à carreira e vida pessoal, nos levando a aceitar muitas vezes o juízo que fazem de nós, que querem nos rotular em bons ou ruins, nos levando a não acreditar e muitas vezes não reconhecer as nossas potencialidades, como o caso da *Perseverança e Resiliência*.

Observando os (ANEXO B), contendo narrativas e desenhos elaborados pelos participantes *Resiliência e Motivação* percebemos que elas remetem à apresentação de suas trajetórias enquanto educandos do ensino Médio Técnico, ambos do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), o da participante *Esperança*, do Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a *Perseverança*, de uma escola da Rede particular em Duque de Caxias, não nomeada por ela.

A participante *Resiliência*, ao narrar a trajetória ainda fala sobre uma prática que marcou a sua vida escolar, na qual ela percebeu como prática algumas turmas estarem organizadas por aproveitamento escolar ou acadêmico, as notas bimestrais, exaltando assim a avaliação somativa ou classificatória, onde os educandos recebem notas e conceitos de acordo com níveis de aproveitamento previamente estabelecidos em avaliações (Santos, 2016). O que se tem, são quatro métodos avaliativos, não se tem um certo ou incorreto, deve-se ocorrer uma articulação entre as modalidades (Santos, 2016).

Alguns professores deixaram até de aplicar conteúdos analisando o rendimento e a área do curso técnico, alegando a incerteza de um bom rendimento dos participantes. Podemos observar o quanto nos dias atuais alguns educadores utilizam apenas notas bimestrais para avaliar a aprendizagem como efetiva ou não, indo totalmente contra a percepção do Paulo Freire quando afirma que a avaliação da aprendizagem analisa os sujeitos envolvidos como inacabados (educador e educando, ao perceberem que estão em constante construção, são mais tolerantes e respeitosos (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2018).

Ainda sobre a questão da preocupação apenas com os conteúdos, podemos fazer uma conexão com a falta de apoio, talvez incentivo da escola e do sistema de distribuição das

disciplinas do ensino médio Técnico podem ocasionar à repetência dos anos escolares, no presente trabalho o licenciando *Motivação* relatou que essa foi a sua vivência. Sobre a questão, o trabalho de Gadotti (2003) levanta algumas intuições que o Paulo Freire possuía sobre a prática pedagógica da escola como um todo, criticando o ensino conteudista, que é centrado apenas no conteúdo e livro didático, para ele nesse modelo os educandos não são chamados a enriquecer seus conhecimentos, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador (FREIRE, 1996).

As vivências relatadas pelos participantes *Resiliência* e *Motivação* são reflexos do que Freire (1996) afirma no seu trabalho que a educação não é a transferência de conhecimentos, mas criação de possibilidades para a sua própria produção ou construção. A escola muitas vezes encara a educação como somente a transferência de informações, privilegiando os conteúdos, acreditando ser o mais importante, não refletindo sobre o papel que possui na cidadania, no caso do participante *Motivação*, podemos perceber, pois enquanto alunos e uma escola federal se via imerso em muitas demandas, muitos conteúdos, sem possuir incentivo de professores ou dos profissionais da educação da escola. E a participante *Resiliência* Também reflete em sua trajetória que a educação foi vista na mesma escola, o CEFET que a própria construção do conhecimento de forma reflexiva e crítica não era um dos pontos mais importantes dos professores e da instituição, já que observavam as notas da prova.

No caso da licencianda *Resiliência*, podemos perceber também o que Luckesi (1999, p. 34) afirma sobre avaliação classificatória

A atual prática da avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente. Ou seja, o julgamento de valor sobre o objeto avaliado passa a ter a função estática de classificar um objeto ou um ser humano histórico num padrão definitivamente determinado. Do ponto de vista da aprendizagem escolar, poderá ser definitivamente classificado como inferior, médio ou superior.

Observando as narrativas e *Resiliência* e *Motivação*, podemos perceber que à época na qual os participantes cursaram o ensino médio, pela idade dos participantes nos anos 2000, os educandos do CEFET, estavam sendo classificados de acordo com as notas e até as turmas eram agrupadas de acordo com a avaliação realizada e a nota nos instrumentos de avaliação de zero a dez, alcançando uma média que levará a ser agrupada uma turma de educandos com rendimento acadêmico comuns. A avaliação não pode ser excluída, ela faz parte do comportamento de todo ser humano, e deve ser utilizada de forma proveitosa, como ainda diz Luckesi (1999), então a avaliação pode demonstrar como alguns fatos ocorrem na escola, por exemplo, então a avaliação dos fatos pode indicar caminhos a serem seguidos, mas que depende

da ação dos participantes do processo educativo, a avaliação facilita e possibilita a tomada de uma decisão. Utilizamos o verbo no passado, pois não realizamos um estudo atual para fazer as afirmativas sobre classificação das turmas.

A licencianda *Esperança*, vale destacar a importância de já atuar desde a formação inicial, enquanto licencianda em Química, em projetos de alfabetização científica, um termo adotado por ela, mas aqui no trabalho adotamos letramento científico. Ela destacou o quanto a participação nas ações colabora para que reflita ainda mais sua prática docente e ajuda a apropriar-se de assuntos que se relacionem ao ensino de Química.

A participante *Perseverança* atua no Laboratório didático de Química (LADQUIM-UFRJ), atuando no ensino, pesquisa e extensão, e busca desenvolver novas metodologias didáticas. Nas palavras dela, as ações desenvolvidas no espaço com os educandos, bem como licenciandos e professores têm colaborado na troca de novas informações, contribuindo para popularização das Ciências e divulgação da Química, Física e Biologia. A licencianda relatou que os educandos que adentram o museu do LADQUIM e participam das atividades, experimentam o conhecimento de forma lúdica, já que participam de experimentos. Enquanto participante do projeto a licencianda, futura professora de Química afirma que realizar experimentos com os educandos percebe que eles se veem incentivados a conhecer a universidade, bem como o curso de Química. Para nós, mais do que isso, ocorre uma educação crítica e o educando acredita que pode sonhar em cursar uma universidade também.

Juntamente com os participantes *Motivação*, *Resiliência*, a licencianda *Perseverança* em sua trajetória contaram com o apoio e incentivo de educadores que apresentaram a universidade, os trâmites de acesso e todos os passos que devem ser seguidos para que seja possível a permanência no ensino superior sem desanimar. Pelos relatos identificamos que alguns educadores possuem prática aliada à da pedagogia da autonomia, do Paulo Freire, agindo assim com amorosidade, definida em seguida

A amorosidade na educação transita pelo diálogo aberto, instituindo-se a empatia recíproca, instigando-se, assim, a troca de saberes, promovendo o diálogo reflexivo e crítico. Na relação entre estudante e professor, a amorosidade pode proporcionar vínculos afetivos e uma identificação com o outro, reforçando a relação de ambos. “Fala com sabedoria, ensina com amor. (FREIRE, 1996, p.11)

Para Paulo Freire a relação entre o educador e educando se consolida por meio da amorosidade, como nos relatos dos licenciandos, ela proporciona a ambos a troca de vivências na trajetória vivida, proporcionando um diálogo pelo viés crítico e reflexivo, no qual as

experiências trocadas cria ou reforça vínculos afetivos, ocorre a identificação mútua. Percebendo assim a horizontalidade nesta relação.

Nas vivências com a Química (ANEXO B), a licencianda **Resiliência** destacou que durante as aulas de um educador, sentiu-se instigada a entender que os componentes formavam uma cadeira, a maçã, diversos utensílios que estavam no cotidiano dela, percebemos que a relação entre educador e educanda ocorreu de forma horizontal, amorosa, dialógica, reflexiva e ativa defendida por Paulo Freire. Percebemos também que ele encorajou a participação ativa da educanda, levando-a ao questionamento e construção de um pensamento crítico. O educador se tornou facilitador possibilitando que a licencianda compreendesse sua realidade social.

A licencianda **Esperança**, em seu desenho (ANEXO B) representou sua relação com a Química e todos os sentimentos aflorados a partir de suas vivências, ela esquematiza uma seta representando o equilíbrio, a partir da conscientização sobre diversos assuntos, no caso o uso de medicamentos, hábitos alimentares, torna-se possível uma vida saudável. A licencianda narrou medicamentos como possível droga de abuso, exatamente o grupo já iniciou o discurso sobre como no dia-a-dia temos acesso a diversas substâncias que possuem potencial efeito sobre o nosso corpo e o quanto não são divulgados os efeitos que podem causar na saúde. O que exatamente no terceiro dia de encontro da oficina discutimos, sobre a importância da Redução de Danos (RD) em detrimento da prática proibicionista, espaços de diálogo como o da presente oficina proporcionam acolhimento, incentivam o diálogo e reflexão sobre informações científicas acerca de assuntos do cotidiano.

Ainda pelo desenho da licencianda **Esperança**, ocorre a comparação da profissão professor a um labirinto, pela justificativa de que representa a eterna busca por caminhos frente às questões trazidas pelos educandos em seus cotidianos. A citação dela referente ao desenho pode se relacionar ao que Freire afirma (1996) afirma sobre a importância de o educador continuamente estar em formação para melhor mediar os aprendizados dos alunos, ele afirma “o professor que não leva a sério sua formação, que não estuda, que não se esforça para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”. A incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor.”

Freire (1991) “[...] A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”, sendo assim acreditamos que todos os licenciandos a partir das atividades vivenciadas na oficina possam colaborar para a reflexão da prática docente, para os licenciandos a oficina reforça a importância da formação continuada.

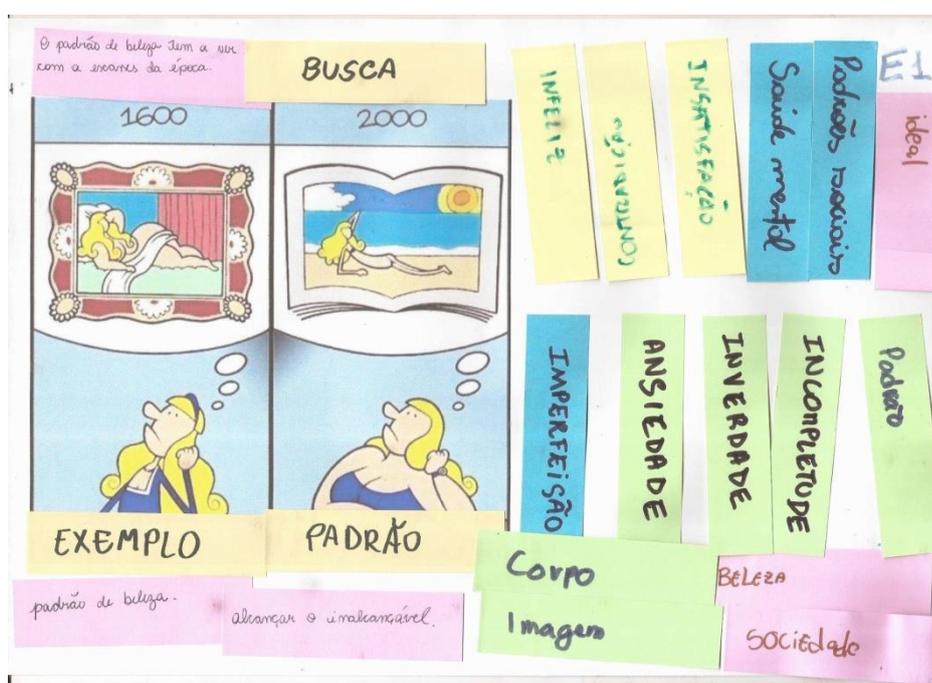
4.8.1.1 Trabalhando charges para abordar corpo e a Química

Neste momento os licenciandos tiveram acesso a três charges que foram impressas em uma folha de papel A4 (ANEXO C), a escolha das imagens se justifica por representarem assuntos que giram em torno do corpo e de qual forma a sociedade enxerga questões relacionadas a ele relacionadas. A tentativa foi gerar a discussão de forma interdisciplinar, fornecendo uma gama de oportunidades de temas que podem ser abordados. Os assuntos também se relacionam a Química, de maneira que os alimentos, medicamentos, saúde mental, indústria da beleza com todos os cosméticos são assuntos que podem ser utilizados para justificar as charges. A escolha também se justifica pelas imagens apresentarem uma gama de possibilidades de discussão, não se esgotando facilmente, estimulando a imaginação dos licenciandos.

A partir das três charges, cada participante, utilizando *post-it*, escreveu três palavras pensadas a partir da interpretação pessoal sobre a temática. Após as escritas, cada participante em voz alta explicou a escolha das palavras e forneceu suas apreensões a respeito da charge.

Abaixo, a representação esquemática de todos os *post-it* colados pelos alunos das palavras que surgiram após a interpretação individual. Os comentários e resultados das discussões serão apresentados abaixo de cada figura (Figura 1, Figura 2, Figura 3).

Figura 1- Quadro confeccionado pelos licenciandos com interpretações sobre a charge sobre padrões corporais



Fonte: Blog bicho da goiaba, 2023.

As palavras explicadas na discussão sobre a primeira charge giraram em torno da culpabilização do próprio indivíduo em torno do seu aumento de peso ou situação de obesidade. Os participantes também discutiram como com o passar dos anos e décadas os padrões de beleza mudam de acordo com a sociedade na qual os jovens, adolescentes e adultos se encontra. E o quanto muitos de nós pertencentes a essas sociedades, como aqui no Brasil temos padrões de corpos magros e em forma, sendo expostos em diversas mídias e pela moda e muitas vezes alguns de nós tentamos nos encaixar neste padrão que imposto. Devido a uma certa influência da mídia muitas vezes adolescentes, jovens, adultos, mulheres e homens podem utilizar remédios, fazer dietas, utilizarem anabolizantes e esteroides ou até realizarem procedimentos estéticos em locais ilegais, ocasionando danos e riscos à saúde física e mental.

O trabalho de Conti, Bertolin e Peres (2010) estudou a relação entre o corpo do adolescente e a mídia, por meio da pesquisa obteve que a maioria dos adolescentes perceberam que as revistas e a televisão externalizam a mensagem de que existe um ideal físico de corpo magro, o que pode levar principalmente meninas a desencadearem sentimentos autodepreciativos ocasionando doenças físicas e psicológicas. O estudo foi realizado na escola, com educandos, também apresentamos um realizado na universidade que apresenta resultados concordam com os dos educandos, aqui o estudo de Alvarenga (2010) expõe dados de uma pesquisa que foi realizada com universitárias de diferentes regiões do Brasil sobre a influência da mídia em seus corpos, e constatou que em todas elas as adultas jovens apresentam forte influência da mídia, sendo que até mesmo as que possuem o “peso idealizado pela mídia” acreditam não estarem no peso que idealizaram, acarretando descontentamento e utilizando-se de diferentes receitas e fórmulas para que seja alcançado o corpo que idealizaram.

Os estudos relatados anteriormente demonstram que existe uma eterna busca pela beleza, imposta pela mídia, o que leva muitas vezes à infelicidade, insatisfação, gerando um ciclo de compulsão por alimentos industrializados, ganho de peso, infelicidade e ansiedade.

A segunda charge (figura 2) gerou discussões em torno dos hábitos alimentares presentes na sociedade atual, como a evolução da indústria gerou um aumento de alimentos com poucos nutrientes e alto teor de açúcares, além de condimentos e acidulantes que não são de conhecimento da maioria das pessoas. O quanto uma ausência de alimentação balanceada associada a uma vida sedentária pode contribuir para casos de obesidade e doenças cardiovasculares.

As palavras escritas pelos participantes, segundo eles remeteram a quanto uma alimentação desregrada ou a ansiedade pode levar a uma compulsão alimentar, muitas vezes justificada como gula ou uma hipocrisia e incoerência com as informações que muitas vezes

são relatadas em pesquisas, mas mesmo sendo de acesso fácil à maioria da população através de jornais, revistas ou pela televisão, a pessoa continua tendo uma alimentação ruim.

Figura 2-Quadro confeccionado pelos licenciandos contendo interpretações sobre a charge obesidade



Fonte: Blog do AFTM, 2023.

As falas dos participantes sobre a terceira charge (figura 3) giraram em torno da questão do quanto os valores da sociedade atual podem nos levar a um consumo exagerado, ansiedade, ao pensamento de insuficiência, obsessão pela beleza idealizada muitas vezes em padrões e pessoas que não são reais, pois também sofrem modificações de seus corpos ou recorrem a uso de medicamentos ou anabolizantes para terem seus corpos “perfeitos”.

Os licenciandos também discutiram sobre a necessidade de reconhecer que muitas vezes estamos imersos nesse mundo de frustração e busca que leva a um ciclo de crises existenciais, podendo ocasionar até casos extremos de depressão. A pessoa imersa no ciclo não reconhece que a sua vida precisa ter um propósito que vá além de seguir corpos expostos nem revistas e programas de televisão, aceitar seu corpo, sua forma, sua cor de pele, seu cabelo e buscar ser feliz, sentir-se belo ou bela com o que você possui, suas características. Muitos exemplificam suas falas com canais de influencers ou *YouTubers* que lutam sobre os mais diversos assuntos, como Corpo, sexualidade, questão de gênero.

Figura 3- Quadro confeccionado pelos alunos contendo informações sobre a charge Ser magra



Fonte: Humor na Net, 2023.

4.8.2 2º dia de encontro- discutindo sexualidade na escola

Neste segundo dia de encontro da oficina, os alunos discutiram sobre sexualidade. Quatro dias antes do encontro utilizamos o grupo de mensagens *WhatsApp* para propor uma pesquisa nas mídias sociais um vídeo, *reels* ou recorte de vídeo que abordasse os temas corpo e sexualidade. Como inspiração para a proposta, as charges trabalhadas no primeiro encontro foram utilizadas. A ideia era refletir e pesquisar mais sobre o assunto e também trabalharmos o tema a partir de propostas trazidas principalmente pelos licenciandos.

As respostas foram postadas ao longo da semana, e em sala de aula, foram justificadas e abertas para discussão com todo o grupo e apresentadas no quadro 4.

No segundo encontro, observamos um aumento na procura pela participação na disciplina, de um total de quatro participantes, passamos a contar com sete licenciandos participantes. Aqui deixando um adendo neste resultado, a participação neste bloco da disciplina, como citado no tópico sobre a disciplina, não era de caráter obrigatório e ocorria no período noturno. O resultado é de caráter importante, já que os licenciandos queriam estar presentes, para nós de alguma forma as discussões e participação fazia sentido e despertava interesse.

Mas o que os atraiu? Muitas respostas poderiam ser levantadas que justifiquem, mas já aqui apresentamos dados da pesquisa de Rizza, Ribeiro e Mota (2018) que investigou quais campos do saber discutem sexualidade dentro de universidades federais e seus currículos e como resultado obteve uma quantidade de disciplinas nas licenciaturas que abordam o tema, nesse sentido a disciplina que aplicamos a oficina vem confirmar com o trabalho das autoras, já que se trata de uma disciplina da licenciatura em Química.

Para as autoras Rizza, Ribeiro e Mota (2018) a sexualidade vem se tornando um tema de extensa abordagem nas universidades federais brasileiras, sendo trabalhadas de forma obrigatória ou optativa em diversos cursos de graduação. Refletindo sobre a UFRJ, no ano de 1985, foi criada uma disciplina ofertada pela Faculdade de Medicina, para trabalhar sexualidade, com o tema “sexualidade humana”, segundo Serapião (2020) nela, discentes de medicina e outros cursos relacionados ao centro de Ciências da Saúde (CCS), dialogavam sobre aspectos de anticoncepção e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Serapião (2020) afirma ainda que ao longo dos anos, por meio de seminários, as discussões em torno da sexualidade ocorreram de forma interdisciplinar, contando com a participação de profissionais das mais diversas áreas, incluindo Filosofia e Educação. Os eventos culminaram com ações e uma das propostas do II Seminário sobre Sexualidade Humana, ocorreu uma tentativa de criação de uma disciplina na grade curricular em caráter indisciplinar, o que não teve êxito, resultando ao longo dos trâmites, na vinculação da mesma ao departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina da UFRJ. Atualmente a disciplina é eletiva, não sendo ofertada a todos os cursos, somente da área da saúde e nela, estão incluídas discussões acerca de questões de gênero.

Atualmente na Universidade existem diversos cursos de graduação e pós graduação, em Biologia, a Faculdade de Educação, o Centro de Ciência e Saúde (CCS), departamento de Química, Instituto de Estudo em Saúde Coletiva dentre outros, ofertando oficinas, disciplinas na graduação e pós-graduação, cursos e seminários que abordam e debatem o tema Sexualidade e corpo.

Importante também pensar na escola, temos a pesquisa de Santos *et al.* (2023) com estudantes do ensino médio de uma escola no Ceará, apontando que a maioria dos estudantes buscam informações sobre sexualidade na internet, corroborando com os estudos de Marola, Sanches e Cardoso (2011) e nenhum deles buscou discutir em sala de aula com professores, a justificativa de alguns foi devido não ser um assunto comumente discutido ficam tímidos e com receio. Promover este espaço já na universidade pode ser convidativo e fonte de curiosidade

para os licenciandos que ao longo de suas trajetórias escolares podem não ter encarado a escola como ambiente receptivo para discussão do assunto.

Observando o APÊNDICE A, percebemos fotografias, e a partir dela um aumento na quantidade de licenciandos, passando para um total de 11 participantes. Como não identificamos os seus rostos, da mesma forma do primeiro encontro, os renomeamos com substantivos. Ao lado de *Resiliência, Esperança, Perseverança* e *Motivação*, aparecem os licenciandos de codinomes: *Confiança, Paciência, Liberdade, Felicidade* e *Coragem*, todos ali somados foram importantes na escrita deste trabalho, assim como seus nomes, cujos significados na vida do professor e acredito de todo ser humano são essenciais para trajetória de luta diária.

Importante colocar aqui, os vídeos que foram postados pelos participantes, em resposta à proposta para o grupo. No dia do encontro, todos iniciaram comentando as justificativas sobre as escolhas. Observe a lista no Quadro 2.

Quadro 5- Vídeos apresentados pelos participantes para a discussão sobre corpo e sexualidade

Links dos vídeos apresentados no grupo do <i>WhatsApp</i>	
plataforma <i>Youtube</i>	plataforma <i>Instagram</i>
LE COQ FILMES. Meninas – Gravidez na adolescência documentário completo. <i>YouTube</i> , 23 de maio de 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dnZyW-C998o . Acesso em: 26 de junho de 2023.	PEREIRA, B. Quantos empreendedores trans ou travestis você conhece? <i>Instagram</i> , 03 de maio de 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CryzQB7ITO4/?igshid=MzRIODBiNWFIZA= . Acesso em: 26 de junho de 2023.
AUARART FILMES. Sobre Vivências-Documentário LGBT. <i>YouTube</i> , 18 de dezembro de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3HpfRWEYVqM . Acesso em: 24 de junho de 2023.	IARA, C. Será que existe mesmo “destransição” de gênero? <i>Instagram</i> , 22 de janeiro de 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CtM6Z6sLw9p/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng= . Acesso em: 27 de junho de 2023.
LADQUIM UFRJ. Docência em Foco! – Questões de Gênero na Educação. <i>YouTube</i> , 14 de fevereiro de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PyBf_4xYQI0 . Acesso em: 06 de maio de 2023.	KHALIL, H. Episódio 4: EDUCAÇÃO SEXUAL. <i>Instagram</i> , 12 de maio de 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CsJZgWrZgX/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng= . Acesso em: 27 de junho de 2023.
LASCENE PRODUÇÕES. A mulher no mercado de trabalho/ desigualdades de gênero no mercado de trabalho. <i>YouTube</i> , 23 de julho de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xSyXSiEycs . Acesso em: 06 de maio de 2023.	

Fonte: arquivos da autora, 2023.

Os licenciandos consultaram sites como *YouTube* e *Instagram*, ambos programas utilizados para divulgação de informações e vídeos sobre os mais diversos assuntos. As postagens abordaram temas como gravidez na adolescência, questões de gênero na sociedade e educação, questões acerca do da comunidade LGBTQIA +, a questão da mulher na sociedade e a igualdade de gênero, transexual e os Travestis na sociedade e educação sexual na escola.

As discussões da atividade em roda de conversa permearam todas as questões citadas acima e ao longo das falas, muitos relataram como os temas foram abordados em suas trajetórias escolares e nos contextos familiares. Em muitos momentos era consenso de que todas as questões são tabus ainda na sociedade atual e que a escola, bem como os professores independente de qual etapa de formação se encontram precisam estudar e fomentar espaços de debates sobre todos os temas.

Uma outra questão abordada foi o quanto a questão de trabalhar a sexualidade na escola, ainda está muito atribuído aos professores de disciplinas como a Ciências e a Biologia, sendo a estes professores a real responsabilidade de fomentar e fornecer espaços de debates, não se atribui a função à família e também a todas as outras disciplinas. Uma professora, relatou sobre sua atuação nas escolas que trabalha, citando o documentário *Meninas*, que se passa com jovens periféricas do Rio de Janeiro e a partir das suas histórias de vida, estando grávidas na adolescência, todas as dificuldades e carências de diálogo familiar e na escola, ainda acompanha a questão. A partir dele, o conteúdo, bem como um espaço de roda de conversa se inicia e assim, estudantes podem refletir sobre o assunto e o quanto as histórias podem se repetir também, tendo os próprios jovens relatado com frequência que em suas casas não possuem abertura para dialogar com o tema também.

Outra questão muito discutida é o quanto carece na sociedade e em diversos meios de comunicação, a visibilidade de travestis e pessoas trans em diversos campos de trabalho, político e educacional. O canal apresentado pela participante, a Bielo, apresentadora intersexual (podendo apresentar variações nos cromossomos e/ou órgão genital, que não permite que seja identificar como masculino ou feminino) que milita pela causa LGBTQIA+ oferecendo voz e visibilidade para questões sobre o assunto na sociedade. Os participantes relataram como o assunto é pouco abordado e visto pela sociedade, principalmente no contexto escolar. Quanto abordar a questão na escola sem o prévio estudo do professor, pode acarretar mais preconceito do que uma real oportunidade de diálogo efetivo concedendo visibilidade à causa, aí destaca-se a importância da formação continuada do professor.

Sobre a mulher no mercado de trabalho foi destacado o debate anterior no qual o próprio curso objeto de estudo, a Química, em muitas ações e muitas vezes colabora para a desigualdade entre homens e mulheres, por ser uma área sempre falada por vozes de Cientistas homens, um erro que muitas vezes possui um estímulo da sociedade na qual pertencemos. A mulher em muitas profissões não é valorizada e não acaba encontrando espaço para atuação, não somente nas áreas exatas, como na aviação, construção civil, por exemplo, o quanto nós todos enquanto licenciandos ou professores atuantes podemos colaborar para que nas próximas gerações estas questões não sejam mais encaradas como problema a ser enfrentado. As mulheres ganham espaços, entendendo que não é só discursar, é trazer para dentro da sala de aula as questões e de forma transdisciplinar abordá-las gerando ricos debates.

A questão das mães no mercado de trabalho também foi abordada, um *reels* postado, apresenta dados como 70% das mães sentirem dificuldade de retorno ao trabalho e 47% sentem que foram rejeitadas por empresas, após a maternidade ou quererem engravidar. O vídeo ainda

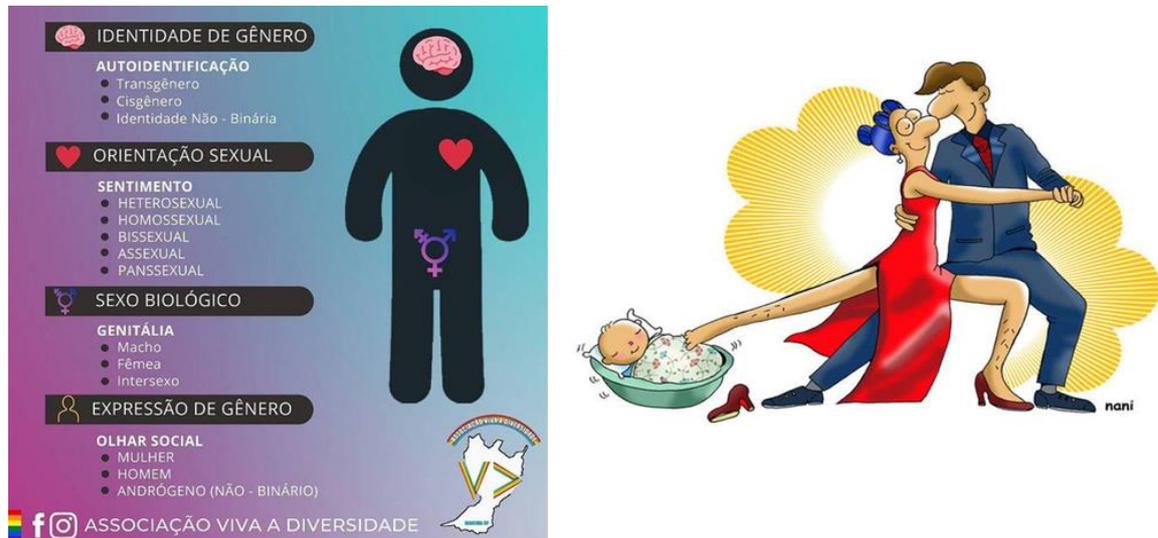
discute sobre como a sociedade atribui a maior responsabilidade no cuidado dos filhos às mães e o quanto os pais que cuidam das suas famílias e cumprem funções de forma igual com as mães de seus filhos (as) é ovacionado e exaltado como exemplo de homem a ser seguido pela sociedade. O quanto a questão da sobrecarga materna deixa a mãe em desvantagem no sentido de conseguir conciliar trabalho, estudo, tarefas domésticas e ainda terem um desempenho, e são cobradas a exercer todas as funções em igual dedicação, não podendo em momento algum se ausentar de uma delas. Neste momento, as participantes relataram o quanto a trajetória de amigas mães na universidade e em seus empregos é difícil, pois muitas vezes não encontram uma rede de apoio eficaz, ou nem podem sequer contar com o pai de seus filhos para dividir as tarefas e cuidados com a criança.

Também foi discutido o quanto a sociedade não enxerga que a mãe pode conciliar estudo e a maternidade de forma eficaz, pois a esta mãe ao se ver grávida, precisa entender que agora, sua vida não poderá ser dividida entre estudo e maternidade, pois ela não dará conta, já que a mãe precisa cuidar totalmente do filho, e se casada, à família como um todo. Aqui, neste momento, a questão atravessa também a autora do trabalho, tendo em vista como mãe e pós-graduanda, buscou ao longo do “maternar”, incentivos e parcerias que tornasse o mestrado um sonho possível. Entendendo que quando uma mãe vence, consegue alcançar um sonho, todas as mães vencem também! Apropriar-se de leituras e de alguma forma estar participando de um coletivo de mães (Silva e Salvador, 2021), contar com parcerias familiares e universitárias tornou toda a continuidade deste trabalho possível! Abandonar o curso de mestrado é dizer para todas as mães universitárias ou pós-graduandas como eu, que este espaço não é para elas! Que deixaremos pessoas que não são mães, não possuem leitura e nem conhecem a história de luta dos coletivos pelas universidades em todo país opinem e retire elas deste lugar, julgando o que não conhecem e dizendo que este lugar não foi feito para mãe e principalmente para suas filhas também, tendo em vista que aqui, relatando memórias, as histórias ficam vivas ao longo das gerações.

Como segundo momento de discussão, várias charges, listadas abaixo, foram distribuídas aleatoriamente e cada licenciando teria a oportunidade de relacionar à um dos temas trabalhados no encontro. O objetivo desta apresentação de charges, foi demonstrar que utilizando recursos comumente presente em escolas, que são folhas de papel A4 e contando com a impressora é possível encontrar recursos imagéticos para compor e auxiliar a discussão em sala de aula. Também foi possível demonstrar que recursos são importantes, mas que muitas vezes o mais importante é a disponibilidade do professor e educando realizarem trocas de informações, experiências e vivências, o estar disponível para ouvir e enxergar os educandos,

seus conhecimentos prévios e suas questões muitas vezes pode ser mais efetivo do que qualquer exibição de vídeo ou imagem. É se fazer presente a ouvir o aluno, acolhendo seus anseios e suas questões. Muitas vezes isso fica esquecido na correria diária das realidades escolares brasileiras. A tentativa aqui foi de sensibilizar e despertar a atenção para a questão.

Figura 4- Charges utilizadas para reflexão sobre gênero e mulher no mercado de trabalho



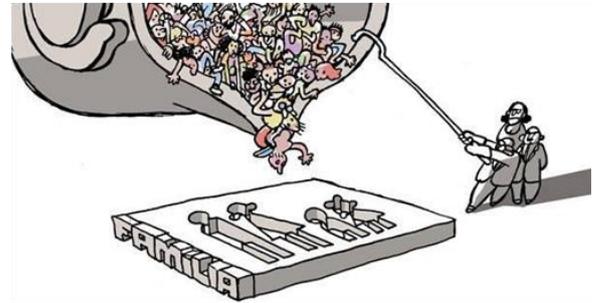
Fonte: Compilado de-vivadiversidade.org e ONU Mulheres.com, 2023.

Figura 5- Charges utilizadas para reflexão sobre mercado de trabalho e casamento



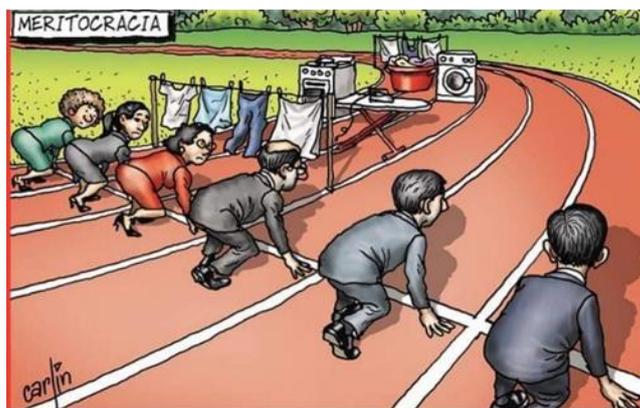
Fonte: Compilado de - ONU Mulheres, 2023.

Figura 6- Charges utilizadas para reflexão mulher e o mercado de trabalho e formatos de família



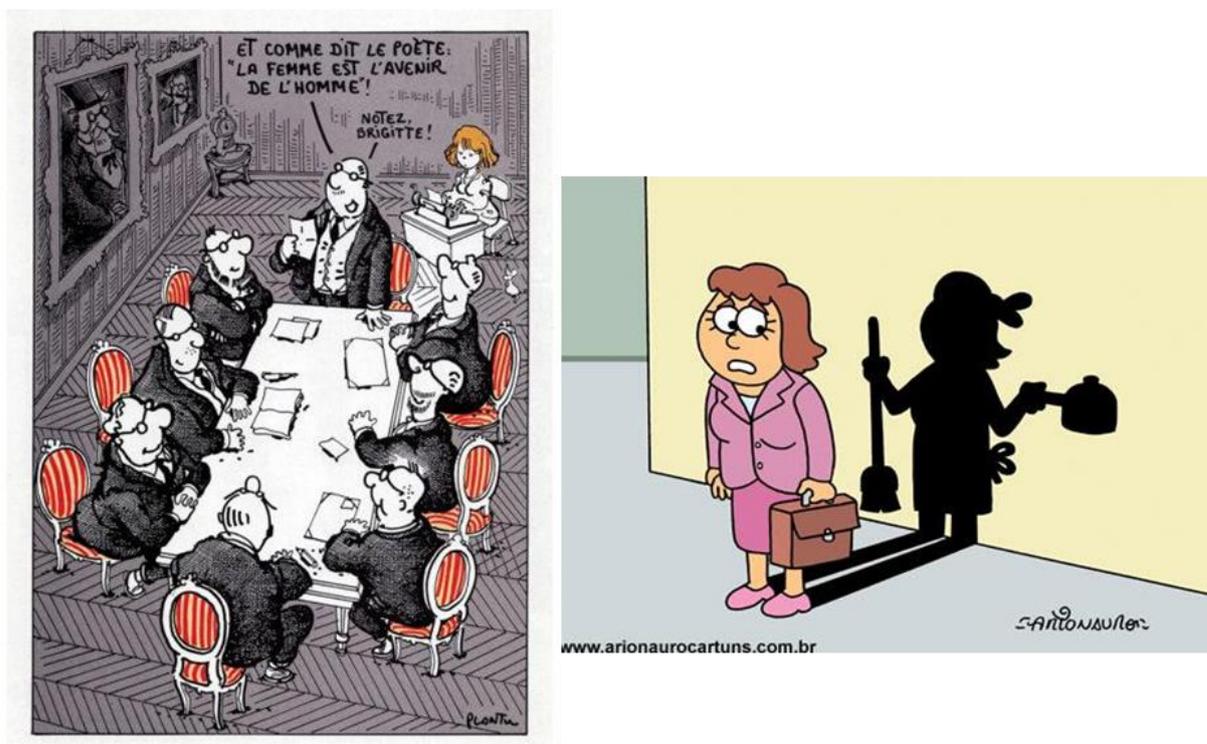
Fonte: Compilado de - CEEJA ciências humanas blogspot e Redação em rede, 2023.

Figura 7- Charges utilizadas para reflexão sobre mulheres no mercado de trabalho



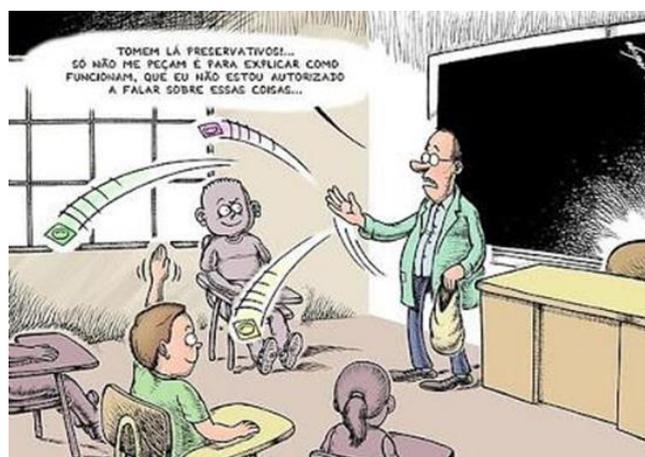
Fonte: Compilado de - Primistili.com.br e Naomekahlo.com, 2023.

Figura 8- Charges utilizadas para reflexão sobre o lugar da mulher no mercado de trabalho



Fonte: Compilado de- ONU Mulheres e Arionauro cartuns, 2023.

Figura 9- Charge sobre sexualidade na escola



Fonte: Ops quebrou blogspot, 2023.

4.8.3 3º dia de encontro- trabalhando educação e drogas na escola

No terceiro encontro, os participantes discutiram sobre o tema drogas e educação, ou educação para trabalhar o tema drogas no contexto educacional. Como ponto de partida foi importante relatar um pouco do que se tratava o campo de educação e drogas e também as diferenças existentes nas diferentes abordagens a Redução de Danos (RD) e o proibicionismo.

Como citado anteriormente antagônicas, uma mais repressiva e a outra mais humanizada, devido a isso, a ação deste dia de encontro seguiu a abordagem da RD visando a promoção de saúde dos educandos.

Os recursos utilizados no encontro (APÊNDICE A), foram um quadro branco, no qual escrevemos frases provocativas para debate: o que consideramos como drogas e a questão do abuso de medicamentos. Após este momento, foi utilizado um *slide*, no qual projetamos dois vídeos: um demonstra o médico Dráuzio Varella dialogando com um repórter sobre as questões que cercam o debate sobre o tema drogas na sociedade e no Brasil e o segundo, sobre todas as problemáticas e questões envolvidas na política do proibicionismo e “guerra às drogas” no Brasil, sendo uma produção da Plataforma Brasileira de Política de Drogas (PBPD), conhecida por promover debates e políticas sobre o tema (Quadro 6).

Quadro 6- Vídeos do *YouTube* exibidos para os participantes durante as discussões sobre o tema drogas e educação

Vídeos que colaboraram na discussão sobre drogas e educação
VARELLA, D. Por que esse debate sobre drogas não avança? YouTube, 15 de julho de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R1eiC2h3FYg . Acesso em: 01 de julho DE 2023.
PLATAFORMA BRASILEIRA DE POLÍTICA DE DROGAS. Animação sobre guerra às drogas PBPD. YouTube, 08 de abril de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q68jiRRPNKw . Acesso em: 01 de julho de 2023.

Fonte: Autoria própria, 2023.

No primeiro momento do encontro cada licenciando definiu o que eles consideram drogas e como foi a abordagem do tema ao longo da trajetória escolar e acadêmica. Neste dia os participantes (APÊNDICE A) consideraram drogas de forma consensual definiram droga como algo que pode gerar alteração na estrutura ou no comportamento do indivíduo que a utiliza. Podendo estar presente em diversos contextos sociais do mais pobre ao mais rico, e que para o tratamento de doenças utilizamos drogas, consideradas por eles medicamentos. Existe uma questão que o medicamento promove saúde, mas o seu uso indiscriminado, pode gerar danos ao organismo e muitas vezes gerar uma dependência.

Neste momento, uma participante relatou seu histórico de uso de medicamentos antidepressivos e o quanto os efeitos da medicação podem atrapalhar sua rotina. Aproveitando

o espaço, uma professora relatou o quanto o uso de medicamentos por crianças e jovens está se tornando algo comum nas escolas, eles aparecem na forma de melhoria da atenção de alunos identificados hiperativos ou até como para tratar transtornos ligados à ansiedade e depressão. E o quanto isso não pode ser um mal da sociedade cada vez mais agitada e com uma rotina lotada de obrigações e atividades a serem cumpridas, ela fez aqui uma crítica às crianças desde muito cedo serem lotadas de atividades e o quanto muitos acabam cobrando alto desempenho nelas, e sem a real maturidade para entender o significado delas, pode levar ao adoecimento da criança, adolescente ou jovem.

Nos debates também surgiram questões relacionadas ao quanto a sociedade faz um julgamento do público que é apreendido com o porte de drogas e acaba cumprindo pena e o quanto em gramas isso pode ser considerado crime. Segundo o debate, há um consenso entre os licenciandos participantes do debate de que se o indivíduo possui um alto poder aquisitivo e uma situação econômica favorável, a sua penalidade é outra, quando comparada a um indivíduo pobre, morador de comunidade. A lei existe, mas não é aplicada de forma igual para todos pertencentes à sociedade.

Como atividade ao final da aula, foi proposta a formulação de um texto sobre o tema educação e drogas, nele os alunos poderiam utilizar qualquer temática relacionada ao tema. Observe abaixo a mensagem escrita no grupo de *WhatsApp* da turma. Importante destacar que nenhuma das atividades e propostas elaboradas durante a aula foi pontuada, visando aprovação ou reprovação na disciplina.

Em resposta à proposta, os licenciandos escreveram um pequeno texto livre na temática principal educação e drogas, podendo incluir todas as questões discutidas, vídeos assistidos ou qualquer assunto que seja do interesse pessoal ou particular na trajetória de vida. Os licenciandos, conforme seus interesses, devolveram seus textos. Importante informar que nenhuma atividade foi proposta de forma obrigatória, tendo em vista que muitos participantes do segundo bloco da disciplina, que compareceram em grande maioria não tinham o horário da disciplina livre, muitos realizando estudos e demais atividades no horário da aula. Nem foi atribuída pontuação à mesma.

Nos anexos, serão representadas as imagens dos textos devolvidos pelos dos licenciandos *Perseverança* e *Paciência*. A devolutiva escrita não era de caráter obrigatório.

4.8.4 4º dia de encontro - confecção dos planejamentos e *Feedback*

Neste quarto dia de encontro os licenciandos puderam refletir todas as vivências realizadas nos últimos encontros, sobre suas aprendizagens e se caso desejarem acrescentar alguma questão para discussão naquele dia de encontro.

Alguns pontuaram que espaços para debater temas ligados à sexualidade e drogas eram escassos dentro da escola, e continuam sendo, em muitas realidades brasileiras, e que refletir sobre os temas é algo fundamental para atuação de cada um deles, que estão no início, inseridos ali na academia, e o quanto esses espaços de discussão estão longe de muitos professores, devido à rotina de seus trabalhos em busca de um salário digno para conseguir arcar com seus custos de vida e de seus familiares.

Aqui decidimos não transcrever suas falas na íntegra, devido ao fato de ter sido em formato de roda de conversa, uma síntese geral iria funcionar melhor para a compreensão do contexto como um todo.

O mais importante neste momento de *feedback* foi perceber que de uma forma ou de outra as contribuições de cada participante compartilhadas através de vivências, indagações, memórias e trocas de informações todos saímos diferentes dos encontros. Experimentando na prática que espaços de trocas de experiência e aprendizado como estes são fundamentais para o professor, essas respostas apareceram para nós, aqui, nas imagens seguintes sobre os planejamentos de atividades dos estudantes.

Eles não só foram ouvintes, mas foram capazes de pensar contextos dos estudantes que já tiveram oportunidade de atuar seja como estagiários ou com suas turmas em diferentes esferas, públicas ou particulares, reproduzir a partir disso planejamentos reversos, no qual o centro da atuação é o contexto do aluno, suas experiências e necessidades.

Inicialmente, os licenciandos montaram planejamentos de atividades a serem desenvolvidas com estudantes do ensino básico, tendo como inspiração os temas discutidos nos encontros anteriores, relacionados a corpo, sexualidade e drogas, indicando qual a faixa de idade e série dos educandos; objetivos da aprendizagem e quais seriam os instrumentos avaliativos utilizados para avaliar a aprendizagem dos alunos. Para a conclusão da atividade os alunos utilizaram 20 minutos do encontro. Abaixo estão apresentados os quadros dos participantes.

Os resultados apresentados nos quadros acima foram: energia; conhecendo as drogas pelo olhar da Química Orgânica; drogas; padrões, pressão social e “papel social”, todos eles discutidos de alguma forma ao longo dos encontros anteriores.

Na segunda parte das atividades, os participantes receberam um quadro no qual deveriam preencher um quadro com tópicos relacionados à organização de uma aula para o ensino médio, contendo compreensões e objetivos da aprendizagem que serão abordadas na aula. Observe abaixo, nas próximas imagens que os licenciandos, se organizaram em três duplas e um trio, com a duração da atividade em torno de 20 minutos.

Os temas abordados nos planejamentos foram educação sexual; estrutura social e o contexto da sociedade; tabela periódica e a forma como a Química pode se relacionar aos temas sociais; as reações químicas presentes no corpo humano e a forma como relacionamos os sentimentos e as formas de senti-los.

A atividade proposta seguinte, foi o planejamento dos conteúdos que serão abordados, tempo de duração da aula, organização de tempo para cada atividade, quais recursos serão adotados e como o professor irá apoiar a execução da proposta em sala e por último utilizando a avaliação formativa, que na prática avalia a aprendizagem do aluno por meio de atividades ao longo dos bimestres, avaliar se o aluno está conseguindo ter um aproveitamento do que estava sendo trabalhado e quais foram as possíveis dificuldades encontradas. Os quadros foram apresentados abaixo, cada trio ou dupla teve aproximadamente 15 minutos para trabalhar na elaboração e preenchimento do quadro.

Como última atividade, cada dupla ou trio de licenciandos preencheram um organizador gráfico com características das atividades que planejam desenvolver com suas turmas de alunos. A tabela apresenta cinco características principais a serem pensadas ao avaliar a atividade que planeja desenvolver, sendo elas: as atividades oferecem diversas possibilidades para que os educandos resolvam e exercitem seus aprendizados; a atividade possibilita trabalhar múltiplas habilidades; o conteúdo abordado na atividade se relaciona com os conceitos presentes na disciplina; os educandos podem atuar de forma colaborativa na atividade; quais serão os critérios utilizados para avaliar as produções dos educandos; as instruções das atividades bem como materiais utilizados estão estruturados de forma que possibilitem a interpretação e discussão do tema. Abaixo, os cartões preenchidos pelos estudantes serão apresentados.

Em todas as atividades, através do diálogo e das experiências trazidas pelos licenciandos, foi possível complementar, dar enfoque também a outros assuntos que não estavam sendo enfatizados na proposta de trabalho, entendendo assim que as temáticas não só estavam relacionadas temáticas, mas sim era um tema que pode estar relacionado ao que foi discutido ali, sendo eles, uso de medicamentos anticoncepcionais sem receita médica e uso de novas drogas sintéticas, foram eles, sendo então alcançados os objetivos colaterais, aqueles não

são traçados inicialmente, mas emergem dos relatos e memórias que os participantes poderão remeter ao longo de todas as atividades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizando uma análise sobre a importância do memorial, momento no qual o professor reflete sobre a prática e a aplicação da roda de conversa, na qual poderá ouvir experiências de atuações e outras informações e aprendizados, vale retomar as apreensões sobre Paulo Freire (1996) educar requer disponibilidade, compromisso, diálogo, afeto, seriedade e sempre quanto educador e pesquisador refletir sobre sua prática, entendendo que não posso apresentar e querer obrigar a todos a aceitar “minhas verdades”, o curso é uma possibilidade treinar a habilidade de escuta, para fugir destas verdades absolutas que cada um traz consigo.

O memorial de atuação docente reflete a importância de pensar em uma atuação reflexiva, percebendo o valor de cada troca de informações, experiências de vida entre educador e educando para que cada vez mais se busque formações científicas para realizar uma educação popular com valorização dos conhecimentos dos estudantes e colabore e valorização da autobiografia dos professores, da importância de o professor refletir sobre a prática e conscientizar-se das políticas que o cercam.

A narrativa memorialística desses dez anos de atuação contribuiu para que estando professora repense minha atuação, ao passo que a cada ano finalizado tenha uma oportunidade de recomeçar, um novo ciclo se inicia, aproveitando as práticas que foram frutuosas e retirando das que não foram tão significativas como lições para atuação docente.

Em relação ao século XXI, no qual me encontro, a escola apresenta novas questões a cada ano, por isso refletir a prática se faz cada vez mais importante. Políticas educacionais mudam, se renovam e muitos assuntos podem surgir como questões desafiadoras em determinada comunidade escolar, o exercício de observar a prática faz com que o educador esteja cada vez mais preparado para novas questões no novo século.

Em relação as questões iniciais da pesquisa, os licenciandos participantes das atividades, de uma forma geral não realizaram discussões amplas envolvendo os temas sexualidade, drogas e corpo em suas escolas enquanto estudantes. Também na universidade, não ocorrem muitos espaços nos quais o tema seja discutido, demonstrando que muitas vezes a temática ainda seja considerada tabu, mas que existem nos meios de comunicação, principalmente internet, nas redes sociais como Instagram e canais de vídeos, como YouTube uma abordagem e discussão,

sendo também fontes de divulgação de informações e políticas sobre os assuntos e de fácil acesso para os jovens com acesso à internet.

Sobre o produto educacional, o REA, ele se configura como uma proposta, um caminho pedagógico acessível para os professores desenvolverem em suas aulas, considerando as particularidades regionais e as experiências dos estudantes, a ementa apresenta um diálogo que estimula a crítica e a autonomia na tomada de decisões. As atividades visam possibilitar que o estudante e o professor adaptem a realidade e desafios presentes naquela escola, levando em consideração que cada turma e escola é única, com questões próprias, não podendo assim apresentar uma única proposição de condução do curso.

Na ação foram utilizados materiais de baixo custo e de fácil aquisição, tornando o REA de fácil aplicação, já que não foi necessário adquirir materiais. A intenção principal foi que a aquisição de recursos não fosse um fator que levasse a não aplicação do mesmo, já que os materiais são facilmente encontrados nas escolas particulares e públicas, pois nas escolas da prefeitura e do estado o material escolar contém folhas e caneta hidrocor para a maioria dos educandos bem como escolas. Já para exibição dos vídeos, o vídeo poderá ser gravado no celular ou pen-drive e exibido em um computador da escola ou televisão com porta USB.

Não sendo o material a principal preocupação para aplicação do REA, sobra espaço para espaço para que os aplicadores através da interação com os participantes transformassem o espaço em um ambiente acolhedor, no qual os licenciandos pudessem sentir-se seguros, pautados na política de Redução de Danos (RD), por meio das suas narrativas e apresentação pessoal fossem protagonistas de suas histórias, através da narrativa autobiográfica, produção de ilustrações, escrita de texto e trabalho em grupo refletissem sobre as temáticas corpo, sexualidade e drogas colaborando para que discussões relevantes e promoção de saúde fossem vivenciadas.

Outro fato importante é que o REA pode ser adaptado a diferentes disciplinas, buscando assim a interdisciplinaridade do tema e também troca de saberes entre os educandos e educadores. A Redução de Danos (RD) é fundamental nesta proposta, pois torna possível através do diálogo, estímulo ao respeito, estimular a troca de experiências entre professores e alunos e também entre professores, sobre suas atuações. Pode-se considerar que a roda de conversa não demanda materiais e pode ser realizada pelas escolas mais carentes, nem demandando muitos recursos tecnológicos, algo que poderia inviabilizar o uso em determinados espaços, tendo em vista o possível custo.

A aplicação do REA, foi objeto de reflexão e discussão tornando possível observar como assuntos presentes na sociedade e escolas foram vivenciados pelos licenciandos

proporcionando um espaço de diálogos sobre informações científicas a respeito dos temas e colaborando para promoção de saúde.

A ementa dos temas, bem como atividades pensadas convidam o educador a distanciar-se da ideia de uma educação tradicional, na qual ele levará todas as informações aos educandos, sem considerar os conhecimentos prévios e seus saberes. Também reforça a importância de espaços de diálogo sobre os temas nas escolas e com docentes em formação.

No primeiro e segundo dia os temas corpo e sexualidade foram abordados de forma consecutiva e em diversos pontos ambos se relacionaram, a discussão realizada sobre as charges apresentadas sobre corpo foram citadas no encontro sobre sexualidade, assuntos como padrão de beleza e distúrbios na saúde; obesidade; mulher no mercado de trabalho e maternidade foram discutidos em ambos os dias de encontro.

Na abordagem do tema drogas, terceiro encontro, a via da Redução de Danos (RD), foi a estratégia de abordagem possibilitou um espaço de debates sobre quais substâncias podem ser classificadas como drogas, deixando claro a ideia de que o assunto está mais presente no cotidiano da sociedade do que se imagina, já que drogas são substâncias que podem causar algum tipo de efeito no organismo, um simples café, ingerido em excesso pode ser de uso contínuo, gerando vício.

No terceiro encontro, os licenciandos refletiram sobre como em suas trajetórias de vida escolar ocorreram o contato com o tema, constatando que a maioria das escolas negligenciam a abordagem do tema, sendo assim foi possível constatar que a abordagem proibicionista prevalece nas escolas, ela não fornece espaço para discussão das questões em torno do uso ou política sobre o tema drogas.

Tendo em vista a perspectiva do professor Discente~Docente~Aprendente a aplicação do REA, possibilita que o conhecimento científico seja abordado de forma horizontal, ao passo que todos os participantes com suas narrativas, vivências, aprendizados sobre os temas colaborem para o ensino e aprendizado.

Relacionando o REA com a alfabetização científica percebe-se que ele permite aos licenciandos discutir e compreender conhecimentos relacionados às temáticas corpo, educação sexual e drogas, o quanto as informações sobre os temas são úteis na Ciência e quais aplicações possuem para melhoria da qualidade de vida, possibilitando a tomada de decisões sobre saúde e bem estar físico e emocional.

6 PERSPECTIVAS

Espera-se propagar o produto educativo criado, o REA para professores das mais diferentes disciplinas e profissionais da educação, divulgando em meio virtual e aplicando nas ações do grupo de pesquisa GIEESA e GIMENPEC nas escolas públicas do Rio de Janeiro.

Na divulgação do REA para conseguir alcançar um número significativo de pessoas, é necessário a divulgação em massa, sendo necessário então que estas ações educativas sejam realizadas em locais distintos e instituições distintas. Portanto, para alcançar esta meta, uma possibilidade é a criação de redes colaborativas, em geral envolvendo professores em diferentes locais de ensino e diferentes níveis escolares.

Também por ação futura aplicar o REA com demais professores em formação continuada, com experiências educacionais diversas, para assim formar um maior acervo de narrativas, tornando possível assim documentar e eternizar as histórias vividas por mais educadores brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Lavras: UFLA, 1999. 125 p.
- ALVARENGA, M. Dos S.; DUNKER, K. L. L.; PHILLIPI, S. T.; SCAGLIUSI, F. B. Influência da mídia em universitárias brasileiras de diferentes regiões. Artigos originais - **Jornal brasileiro de psiquiatria**, 59 (2). 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/PJSGFnx8RkDczjzJwSJ7rxR/?lang=pt#>. Acesso em: 20 de maio de 2023.
- ANDRADE, A.G; DUARTE, P.C.A.V; OLIVEIRA, L.G. **I Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Brasília: Secretaria Nacional de políticas sobre Drogas; 2010.
- ARGENTI, P. C; MILANI, D. R. Da C. Educação sexual e docência: as relações de gênero, a diversidade e a sexualidade dentro da escola. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v.19, n.2, p. 212-223, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10901>. Acesso em: 20 de novembro de 2023.
- Arionauro Cartuns. Charge sobre discriminação da mulher no mercado de trabalho. 20 de abril de 2016. Disponível em: <http://www.arionaurocartuns.com.br/2016/04/charge-discriminacao-da-mulher-trabalho.html>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista de Estudos Históricos**. 1998, nº 21, p. 9-34.
- AYALA, F. J. Introductory essay: the case for scientific literacy. World Science Report, Paris: UNESCO, 1996. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000102930>. Acesso em: 10 de agosto 2023.
- Avaliação da Aprendizagem (na visão de Paulo Freire). Secretaria de Gestão e Governo Digital. Governo do Estado de São Paulo. 2018. Disponível em: [http://vclipping.planejamento.sp.gov.br/Vclipping1/index.php/Avalia%C3%A7%C3%A3o_da_Aprendizagem_\(na_vis%C3%A3o_de_Paulo_Freire\)#:~:text=A%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20processo,diversos%20saberes%20de%20cada%20um.>](http://vclipping.planejamento.sp.gov.br/Vclipping1/index.php/Avalia%C3%A7%C3%A3o_da_Aprendizagem_(na_vis%C3%A3o_de_Paulo_Freire)#:~:text=A%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20processo,diversos%20saberes%20de%20cada%20um.>) Acesso em: 10 de abril de 2023.
- BARROS, M. G. F. B. e MIRANDA, J. C. Abordagem do tema sexualidade no ambiente escolar. **Revista Educação Pública**, v. 19, nº 4, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/4/abordagem-do-tema-sexualidade-no-ambiente-escolar>. Acesso em 03 de outubro de 2023.
- BERTASSO, S. C. Estratégias de ensino na abordagem de conceitos sobre sexualidade e formação de valores. **Cadernos PDE – Versão Online**. v. 2. p. 1-16. Paraná, 2013.

Blog Bicho da goiaba. Padrões de beleza ao longo dos anos. 20 de junho de 2019. Disponível em: www.bixodagoiaba.com.br-padrao-de-beleza-ao-longo-dos-anos.html. Acesso em: 03 de fevereiro de 2023.

Blog do AFTM. Obesidade. 07 de agosto de 2021. Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charge-obesidade/>. Acesso em 10 de março de 2023.

Blog Não me KHALO. A divisão sexual do trabalho e a Covid-19 no Brasil. 02 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://naomekahlo.com/a-divisao-sexual-do-trabalho-e-a-covid-19-no-brasil/>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Tema Transversal Saúde**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL, 1996. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União. Brasília, nº 248, 23/12/1996.

BRASIL. 1995. **Proposta de Emenda à Constituição nº 233-A, de 1995**, do Poder Executivo, Mensagem nº 1.078. Modifica o artigo 34 e o Capítulo II, Seção I, da Constituição Federal e o artigo 60 do Ato das Disposições Transitórias; tendo parecer da Comissão de Constituição e Justiça e Redação. Câmara dos Deputados. Brasília, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) ou Qualificação Profissional**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cursos-da-ept/formacao-inicial-e-continuada-ou-qualificacao-profissional#:~:text=A%20forma%C3%A7%C3%A3o%20inicial%20e%20continuada,trabalhadores%20no%20mundo%20do%20trabalho>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

BRASIL. MEC. CNE. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP Nº 2 de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 jul. 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>>. Acesso em: 21 de abril de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria Nacional Antidrogas. **Política Nacional Antidrogas**. Brasília- DF, 2001.

BRASIL. **Parecer CNE/CP Nº 05/2020**. Brasília: Ministério de Educação/Conselho Nacional de Educação. 2020b.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Editora da USP. 1987.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

BRANCO, E. P.; ADRIANO, G.; BRANCO, A. B. de G.; IWASSE, L. F. A. Recursos tecnológicos e os desafios da educação em tempos de pandemia. **Anais do Congresso Internacional de Educação e Tecnologias**- Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1736>>. Acesso em: 16 julho 2023.

CALMON, L. S; CORRÊA, M. S., *et al.* Maternidade e Universidade: a experiência de um projeto de extensão focado no acesso, permanência e progressão de mulheres-mães. **Expressa Extensão**. ISSN 2358-8195, v. 27, n. 1, p. 108-117, janeiro/abril de 2022.

CAMPOS, H. M.; SCHALL, V. T.; NOGUEIRA, M. J. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a pesquisa nacional de saúde do escolar (PeNSE). *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos de Saúde - Cebes, v. 37, n. 97, p. 336-346, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010311042013000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

CARLIM. Meritocracia. 19 de março de 2019. Disponível em:<https://www.primistili.com.br/charge-de-cartunista-peruano-sobre-dupla-jornada-feminina-viraliza>. Acesso em: 04 de julho de 2023.

CATANI, D. B. CATANI, D. B., BUENO, B. O., SOUSA, C. P. de, & SOUZA, M. C. C. C. De. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: CATANI, D. B. *et al.* (Org.). **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. p. 13 a 48. São Paulo: Escrituras, 1997.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação, ANPED**, n. 26, p. 89-100, 2003.

CHAUÍ, M. (1987). Apresentação: os trabalhos da memória. In BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras.

COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S.; BARROS, M. D. M. Papo aberto sobre *Cannabis*: o uso de charges como estratégia educativa para estimular debates sobre drogas nas aulas de Ciências e Biologia. In: IV Encontro Regional de Ensino de Biologia da 4ª regional. Minas gerais, 2017. Anais. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1RAVW4qxd-pKN2doy0zzWocAxm8NAZqDK/view>>. Acesso em 25 de maio de 2024.

CONTI, M. A.; BERTOLIN, M. N. T.; PERES, S. V. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? **Temas Livres- Ciências em saúde coletiva**, 15 (4).2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/V9gG6CJFt3gVTY3b7st4Yxf/#>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016. Acesso em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/download/2526/1711/>>. Acesso em: 20 agosto de 2023.

DELORY-MOMBERGER, C. Biografía y educación: figuras del individuo proyecto. Buenos Aires: **Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires / Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, 2009.

DENZIN, N. K. **Interpretive biography**. Newbury Park: SAGE Publications, Inc., 1989.

DIMENSTEIN, G. ALVES, R. **Fomos maus professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FERRAZZA, D. S.; ANTONELLO, C. S. O Método de História de Vida: Contribuições para a Compreensão de Processos de Aprendizagem nas Organizações. **Revista Gestão.Org**, v. 15, n. 1, 2017. p. 22-36. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.21714/1679-18272017v15n1.p22-36>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/gestaoorg/article/view/22246>. Acesso em: 20 de dezembro de 2023.

FERNANDEZ, C. Formação de professores de Química no Brasil e no mundo. **Ensino de Ciências- Estudos avançados** 32 (94). Setembro-dezembro de 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/8wzGrXHcTNc5WqY9NgTPMjm/>>. Acesso em: 30 agosto de 2023.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio. **Cadernos De Pesquisa**, (101), 103. 2010. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1885>. Acesso em 20 de agosto de 2024.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, P. **Educação com prática da liberdade**, 16a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 1ª ed. Editora: Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Professora Sim, Tia Não**. 10. ed. São Paulo: Olho D'Água, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Freire, A. M. A. (Org.). São Paulo: Editora Unesp, p. 109. 2001.

FREIRE, P. Quatro cartas aos animadores de Círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe. In: BRANDÃO, C.R (org). **A questão política da educação popular**. São Paulo: Editora brasiliense, 1980. p. 136-194.

GARCIA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Portugal: Porto Editora. 1999.

GATTI, B. A. **Escola: multiculturalidade e universalidade**. In: SCHWARTZ, C. M. *et al.* (Orgs.). Desafios da educação básica: a pesquisa em educação, v. 1. Vitória: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2007. p. 17-27.

GATTI, B A. BARRETO, E. S. de S. (Coords.). **Professores do Brasil: Impasses e desafios**. Brasília: Unesco. 2009.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. de S. e ANDRÉ, M. E. D. de A. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011.

GOTLIB, N.B. **Teoria do conto**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOMES, J. de O.; ASSIS, F. A. N.; SOARES, M. V. R. Memórias e trajetória docente: relatos de uma professora. **História e Cultura**. Artigos Livres e Resenhas. v.11, n.2, dezembro de 2022.

Histórico da BNCC. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>>. Acesso em: 20 novembro de 2023.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA. 1990.

HAMES, C.; KEMP, A. T. Diversidade de gênero e sexualidade no processo formativo docente. *Revista Insignare Scientia*, v. 2, n. 1, janeiro/abril, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/10664>. Acesso em 20 de julho de 2024.

Humor na net. Ser magra. 06 de dezembro de 2004. Disponível em: <https://humornanet.com/?s=ser+magra>. Acesso em: 04 de abril de 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde do escolar: Análise de indicadores comparáveis dos escolares do 9º ano do ensino fundamental municípios e capitais 2009- 2019**. Rio de Janeiro: IBGE: 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101955>. Acesso: 20 de fevereiro de 2024

LAERTE. Charge sobre a lei do estatuto da família. 29 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://redacaoemrede.blogspot.com/2015/10/ideias-charge-de-laerte-sobre.html>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

LIBÂNIO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 8 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** / Guacira, Lopes Louro (organizadora). Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1999.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E.D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ª edição. São Paulo: EPU, 2013.

MAGALHÃES, T. G., & LACERDA, A. P. De O. Concepções e práticas de oralidade na escola básica na perspectiva dos docentes. **Periódico Horizontes**. vol. 37. Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo. 2019. Doi.org/10.24933/horizontes. v37i0.664. Disponível em: <<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/664>>. Acesso em: 20 julho de 2023.

MARCONDES. D. **Iniciação à história da Filosofia dos pré-socráticos a Wittgenstein**. São Paulo: Editora Zahar. 2010.

MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da Educação**, nº 33, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/28531>. Acesso em: 4 de junho de 2023.

MARCELO GARCIA, Carlos. **Formação de professores. Para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

MARCELO GARCIA, Carlos. Desenvolvimento Profissional: passado e futuro. **Sísifo – Revista das Ciências da Educação**, n. 08, p. 7-22, janeiro/abril de 2009.

MIZUKAMI, M. G. *et al.* **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. 1ª reimpressão, São Carlos/SP: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2002.

NARDI, M. Mulheres no mercado de trabalho. 06 de março de 2018. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-e-cartunistas-divulgam-charges-para-criticar-desigualdades-de-genero/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

NAVA, P. **Capítulos da história da medicina no Brasil**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003c.

NÓVOA, A. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosal. p. 107-129 In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.) **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. O regresso dos professores. **Livro da conferência Desenvolvimento Profissional de Professores para a Qualidade e para a Equidade da Aprendizagem ao longo da Vida**. Lisboa: Ministério de Educação, 2008.

NÓVOA, A. Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo. Sindicato dos Professores de São Paulo (SINPRO). Palestra proferida em outubro de 2006. Disponível em: <https://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em: 05 de setembro 2023.

Ops Quebrou blogspot. O tabu da sexualidade nas escolas. 11 de junho de 2006. Disponível em: <https://opsquebrou.blogspot.com/2012/11/o-tabu-da-sexualidade-nas-escolas.html>. Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

PAIVA, E. V. A formação do professor crítico-reflexivo. In: PAIVA, E. V. **Pesquisando a formação do professor**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003, p.47-66.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura: filosofia e educação**, v. 14, n. 2, 2009.

Plantu. As mulheres são o futuro da humanidade. 06 de março de 2018. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-e-cartunistas-divulgam-charges-para-criticar-desigualdades-de-genero/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

PORTO, P. **Narrativas memorialísticas: por uma arte docente na escolarização da literatura**. 1ª ed. Curitiba: Editora CRV, 2010.

PRÉ-SOCRÁTICOS. **Vida e obra. Coleção Os Pensadores**. Tradução José Cavalcante de Souza e outros. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

QUIRINO, G. S.; ROCHA, J. B. T. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 205-224, janeiro/março de 2012. Editora da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/rXwRNn9Lhr5Q9MJgMgZgMsL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: set. de 2023.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. (Org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Pedro: Vértice, 1988.

RANGÉ, B. **Psicoterapia Comportamental e Cognitiva de Transtornos Psiquiátricos**. Editorial PSY. 1995.

REIS, J. F. S. A importância das discussões de gênero e sexualidade no ambiente escolar. **PET Pedagogia**. Bahia, 30 de jan. de 2018. Faculdade de Educação (FACED). Disponível em:

<https://petpedagogia.ufba.br/importancia-das-discussoes-de-genero-e-sexualidade-no-ambiente-escolar>. Acesso em: 20 de julho de 2024.

RICHARDSON, R. J.; PERES, J. A. De S.; WANDERLEY, J.C.V.; CORREA, L.M.; PERES, M. De O. De M. **Pesquisa Social- métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RIZZA, J.L; RIBEIRO, P.R.C; MOTA, M.R.A. A sexualidade nos cursos de licenciatura e a interface com políticas de formação de professores/as. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/9WGxvy5RfrCNCNsstbGYzr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

ROCHA, A. S.; LOPES, E. G. M.; PAZUTTI, L. V. B. VITAL, N. De A. A.; TAMIASSO-MARTINHON, P.; SOUZA, C. Planejamento Pedagógico Reverso Aplicado ao Experimento “Método da Fronteira Móvel”. **Revista Virtual de Química (PROFQUI)**. v.13 n.3 (2021). doi.org/10.21577/1984-6835.20210034. Disponível em: <https://rvq-sub.sbq.org.br/index.php/rvq/article/view/4207> Acesso em: 20 de dezembro de 2023.

SAALFELD, T. Maternidade e vida acadêmica: limites e desafios das estudantes mães na Universidade Federal do Rio Grande- FURG. **Dissertação (mestrado)**- Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e sociedade, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande/RS,112p. 2019.

SANTOS, B. K. C.; PAULA, F. W. de S.; NOGUEIRA, A. P.; PAULA, L. de S. Obstáculos para a dialogicidade entre a escola e os adolescentes sobre sexualidade. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, nº 9, 14 de março de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/9/obstaculos-para-a-dialogicidade-entre-a-escola-e-os-adolescentes-sobre-sexualidade>. Acesso em: 29 de abril de 2023.

SANTOS, L. A articulação entre a avaliação somativa e a formativa, na prática pedagógica: uma impossibilidade ou um desafio? **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.24, n. 92, p. 637-669, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/ZyzyxQhwSHR8FQTSxy8JNczk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

SANTOS, L. H. S. Dos. Um olhar caleidoscópico sobre as representações culturais de corpo. Porto Alegre: UFRGS {FACED, 1998. 207 p. **Dissertação (Mestrado)** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/246275>. Acesso em: 20 de novembro de 2023.

SANTOS, M. **A observação científica**. Centro de psicologia social: Porto. 1994. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/54055>. Acesso em: 20 de dezembro de 2023.

SARTORI, T. L. Análise da educação brasileira em face ao estudo da sexualidade: marginalização da educação sexual na BNCC. **DOXA – Revista Brasileira de Psicologia da Educação**, janeiro de 2022. Disponível em:

https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/15558/15089#content/citation_reference_1
O. A. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. **Investigações em Ensino de Ciências**. Volume 16(1), p. 59-77. 2011.

SEABRA, G. De F. **Pesquisa Científica: o método em questão**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SILVA, D. M. Gênero e orientação sexual na Base Nacional Comum Curricular. *Anais da Educon*, São Cristóvão, v. 14, n° 5, p. 1-17, set. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13781/4/3>. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

SILVA, M. de L. Da, & COELHO, F. A educação sobre drogas no Brasil diante do novo ordenamento legal. *Linhas Críticas*, 28, jun. de 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/42176>. Acesso em: 10 de julho de 2024.

SILVA, J.L.C.; GOMES, H. F. A informação em devir(es): uma reflexão filosófica no contexto da(s) disciplina(r)idade(s). **DataGrama Zero - Revista de Informação**. - v.14, n.2, abril de 13. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/7660>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

SILVA, J. M. S., SALVADOR, A. C. Coletivos De Mães Universitárias Rompendo Com A História Da Exclusão Feminina Nas Universidades. **Anais do 31° Simpósio Nacional de História [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia** / organização Márcia Maria Menendes Motta. - 1. ed. - São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica. 1998.

SOTO, A. M. Igualdade das mulheres no mercado de trabalho. 06 de março de 2018. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-e-cartunistas-divulgam-charges-para-criticar-desigualdades-de-genero/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285/5958>. Acesso em: 26 de outubro de 2023.

SOUSA, T.F; JOSÉ, H.P; BARBOSA, A.R. Condutas negativas à saúde em estudantes universitários brasileiros. **Ciências e Saúde Coletiva**. 18(12):3563-75, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/cy93Q63wnjw6F7Zpd7hhJvr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

SUPRANI, R. O papel social da mulher e o casamento. 06 de março de 2018. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-e-cartunistas-divulgam-charges-para-criticar-desigualdades-de-genero/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

TAMIASO-MARTINHON, P. **Indisciplinaridade no Ensino de Química. Seminários e Atividades em Ensino de Química**, Seminários do Programa de Pós Graduação em Ensino de Química (PEQUI), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

TAVARES, B.F, BÉRIA, J.U, LIMA, M.S. Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares. *Revista de Saúde Pública* 38:787-96.2004.

TELES, N. C. G. Pensando a formação docente a partir da escola: um estudo sobre formação inicial de futuros professores de Ciências. 2010. **Dissertação (Mestrado)** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/15976>> Acesso em: 20 de maio de 2023.

URPIA, A.M.de O.; SAMPAIO, S. M. R. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade-vida universitária. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**, vol. 3 (2) 2009. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/reconcavos/article/view/1094/663>>. Acesso em: 20 maio de 2023.

UNBEHAUM, S.G. As questões de gênero na formação inicial de docentes: tensões no campo da educação. 2014. 250f. **Tese (Doutorado em Educação: currículo)** – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Projeto Pedagógico Curso de Licenciatura em Química, 2013. Disponível em: <<https://www.iq.ufrj.br/arquivos/2020/10/PPC-LQ-2013.pdf>>. Acesso em 06 junho de 2023.

VASCONCELOS, E. M. Educação popular como instrumento de reorientação das estratégias de controle das doenças infecciosas e parasitárias. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 14, sup. 2, p. 39-57, 1998.

VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?** 4. ed. Porto Alegre: Editora PUC-RS, 2002.

VOGEL, M.; ABREU, R. Da C. A formação docente e as narrativas (auto) biográficas: um diálogo com um licenciando em Química participante do PIBID. **Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino**, n.7, dezembro, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/25924>. Acesso em: 16 de janeiro de 2024.

WIGGINS, G.; MCTIGHE, J. Planejamento reverso. *In: Planejamento para a Compreensão: Alinhando Currículo, Avaliação e Ensino por Meio da Prática do Planejamento Reverso*. São Paulo: Penso, 2019.

World Health Organization. Sexual health [Internet]. Genebra: WHO; 2017. Disponível em: http://www.who.int/topics/sexual_health/en/. Acesso em: 06 de junho de 2023.

ZEICHNER, K. M. A. **Formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.

ZEICHNER, K. M. Contradicciones y tensiones en la profesionalización docente de las escuelas. In ÁNGULO-RASCO, J. F.; RUIZ, J.B.; PÉREZ GÓMEZ, A.I. (eds.) **Desarrollo profesional del docente: política, investigación y práctica**. Madrid: Akal, 1999.

GLOSSÁRIO

- Reels* - termo em inglês concedido aos vídeos curtos, disponibilizados no programa Instagram, geralmente combinam áudio, imagens e texto
- WhatsApp* - aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones
- YouTube* - plataforma de compartilhamento de vídeos
- Feedback* - Informação fornecida uma pessoa discutindo e descrevendo, refletindo o seu desempenho em determinada atividade aplicada
- Lan house* - estabelecimento comercial no qual os usuários podem pagar para utilizar um computador com acesso à Internet

APÊNDICE A – PORTFÓLIO MEMORIALÍSTICO DAS AÇÕES IMPLEMENTADAS

Fotografia 1 - Participantes realizando atividades do primeiro dia da oficina, discussão sobre corpo



Fonte: arquivo da autora, 2023.

Fotografia 2- licencianda explicando seu desenho sobre representações da Química



Fonte: arquivo da autora, 2023

Fotografia 3- Participantes realizando atividades propostas no segundo dia, discussão sobre sexualidade



Fonte: arquivo da autora, 2023.

Fotografia 4- dos demais participantes realizando atividades propostas no segundo dia, discussão sobre sexualidade



Fonte: arquivo da autora, 2023.

Fotografia 5- Licenciandos realizando atividades propostas no terceiro dia, discussão sobre drogas e educação



Fonte: arquivo da autora, 2023.

Fotografia 6- Recursos utilizados no terceiro dia de discussão sobre drogas



Fonte: Arquivos da autora, 2023.

Fotografia 7- Participantes do quarto dia de atividade, primeiro momento, refletindo sobre planejamento reverso e escolha do tema



Fonte: arquivo da autora, 2023.

Fotografia 8- Participantes do quarto dia de atividade, segundo momento, confecção do planejamento reverso em dupla ou trio



Fonte: arquivo da autora, 2023.

APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá, tudo bem?

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “Narrativas Memorialísticas de um devir educadora no século XXI” como parte dos requisitos exigidos pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Química (PEQui/UFRJ) para atribuição do título de Mestre em Ensino de Química. Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição Instituto de Química (IQ-UFRJ). Os objetivos deste estudo são compartilhar memórias e vivências a fim de:

1. Produzir uma oficina sobre o tema corpo, sexualidade e drogas, para que sejam escritas memórias juntamente com os licenciandos do curso de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo em vista a formulação do produto deste trabalho, tendo em vista gerar futuros diálogos entre educadores e educandos nos espaços escolares.
2. Contribuir para o desenvolvimento da pesquisa beneficiando a área de estudo temas transversais-corpo, sexualidade e drogas, universidade, escola e a sociedade.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em comparecer ao máximo possível das aulas, ao longo da disciplina Química na Escola IV, na qual você está cursando e participar das discussões, bem como realizar as atividades propostas. As informações, gravações de áudio e imagens porventura obtidas através dessa pesquisa não serão divulgadas de forma a possibilitar sua identificação.

– Caso for o desejo expresso do participante – os pesquisadores se comprometem a não utilizá-las em outras produções sem prévio aviso; Uma cópia deste termo ficará com o participante, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento com os pesquisadores responsáveis Larissa Rangel Miranda e Priscila Tamiasso-Martinhon através dos e-mails: larissarangel04@gmail.com ou pris-martinhon@hotmail.com ou pelo telefone (21) 992588435.

Li e declaro estar ciente dos objetivos, implicações e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Agradecemos muito a sua participação!

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20____.

Licenciando (a) participante _____

Pesquisadora responsável _____

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS DAS FALAS DOS LICENCIANDOS (TESSITURAS) CAPTADAS NO PRIMEIRO DIA DA OFICINA

1ª Tessitura-trecho da fala da licencianda **Resiliência**

“Estudei em diversos colégios no ensino fundamental, meu último foi um cursinho preparatório, o curso Martins, durante a apresentação descrevendo as escolas, lembro que lá, nossas notas ficavam expostas em quadros em uma espécie de ranking, nomes listados e notas atribuídos... estudei no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) no ensino médio, é uma estrutura grande e existe uma segregação dos alunos de acordo com a nota, alguns cursos como mecânica, os conteúdos eram mais puxados, já turismo, por exemplo, o professor não aplicava tanto conteúdos, então a gente comparava os conteúdos e existia uma diferença, mas tive sorte! Lá é maravilhoso, muitas memórias foram boas no meu ensino médio e fundamental no curso Martins...

Agora com relação a Química. Sou técnica e bacharel em Química, retornei à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para concluir a licenciatura; atuo em projetos de extensão universitária, realizando atividades em escolas estaduais aqui do Rio de Janeiro. Gostaria de falar sobre a atuação que levamos aos jogos e experimentos em Química. Gostaria de falar de exemplos que fogem ao modelo clássico da sala de aula, na qual os alunos ficam sentados em fileiras e precisam estar em silêncio, entendo que seus corpos falam. Nas atuações existem formas de apresentar a Química de forma que os alunos se sintam seguros e convidados a entenderem que possuem por meio de suas linguagens entender a Química. O jogo de perguntas e respostas foi uma estratégia que ajudou; outra forma também de conhecerem a Química é o programa Conhecendo a UFRJ, na qual os alunos chegam até o Campus e são apresentados estandes com resumo do trabalho de diversos grupos de pesquisa e laboratórios”.

Fonte: arquivo da autora, 2023.

2ª Tessitura - trecho da fala da licencianda **Esperança**

“Sou estudante de licenciatura em Química aqui na UFRJ, sou técnica em Química Industrial pela UFF e bacharel pela mesma universidade. Sou aluna do Colégio de Aplicação da UERJ, tive muitas trocas e boas lembranças de atuações de professores lá conosco, em projetos. Percebo muita diferença entre as duas universidades, a atuação política dos alunos nos dois Campus se difere, acredito que pelo tamanho das universidades, ninguém se conhece direito, me perco aqui nas salas e em qual delas vou cursar a disciplina.

já estagiei em diversas escolas públicas aqui do Rio de Janeiro, mas gostaria de falar sobre identidade, como um assunto surgiu aqui, gostaria de colocar uma inquietação: estou atuando em pré-vestibular social, e lá os alunos não tomam para si uma identidade, existe caso de racismo de negros contra negros, no bairro formado por negros em sua maioria, em uma escola pública, mas lá os estudantes são estimulados a seguir carreira militar, não se divulga ENEM ou outros vestibulares, não sei como mudar essa postura de estímulo da escola e nos alunos, gostaria de discutir aqui, isso me abala muito.

Outros participantes juntamente conosco, indagamos sobre o contexto social que a escola se encontra, a aluna disse acreditar existir uma estímulo da família para seguir na carreira, e no bairro existe uma grande ostentação por ser militar, com suas posses e até com corrupções, e na verdade há uma falta de representatividade de outros membros da sociedade, que não policiais e militares. A maioria dos alunos não conhece universidades públicas, como UFRJ, Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), nem o funcionamento do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Alguns participantes também falaram sobre as ações em escolas como estagiários, os alunos não conhecem a UFRJ, que é próximo ao bairro, mas sim a faculdade chamada Universidade Augusto Motta (UNISUAM), uma universidade particular. Mas vários alunos são estimulados a cursá-la por ser algo cultural do bairro.”

Fonte: arquivo da autora, 2023.

3ª Tessitura- transcrição do áudio da licencianda **Perseverança**

“Fui estudante de escola pública, eu sofria muito bullying, por minhas características físicas e não ser aceita por minhas características e gostar de estudar, sofri muita violência física e psicológica, até que aconteceu um incidente grave comigo e minha irmã por trabalhar em uma escola particular, consegui uma bolsa.

Estudei na escola particular durante dez anos da minha vida e me formei em 2020, na pandemia, com 16 anos, refleti sobre cursar medicina, pelo incentivo da minha família, mas não queria isso na pandemia. Era muito jovem e nem conhecia sobre as universidades, mas tinha um professor de Química que era meu incentivador e minha referência de atuação e ele me falou do ENEM e disse que pela minha aptidão acadêmica e por afinidade, deveria tentar ingressar aqui na UFRJ, mas queria ser professora, entrei aqui sem saber que tinha licenciatura, descobri no segundo período e me apaixonei, achei meu lugar.

Na escola, principalmente privado, as matérias vistas na escola são somente na licenciatura, você desconhece que algumas disciplinas trabalhadas por professores na escola, são também ligadas a pesquisa, o professor não é visto como um pesquisador, e que a disciplina ensinada na escola, pode existir somente a formação voltada para a pesquisa, como bacharel.

Atuo no Laboratório Didático de Química (LADQUIM), do Instituto de Química da (UFRJ), um museu e grupo voltado na popularização da Ciências, recebemos estudantes, os olhos deles brilham ao conhecer e saber sobre a Química, e geralmente muitos deles ficam felizes e encantados o me conhecerem e descobrirem que tenho vinte anos apenas, idade próxima a deles, eles se sentem confortáveis para perguntar e interagir.

No projeto conhecendo a UFRJ, eles adoram conhecer o LADQUIM, os alunos sabem e pergunta da minha trajetória e percebem que estudei na mesma escola pública que eles e perguntam: será que eu posso chegar aqui também?

Durante a atuação, outros alunos falaram sobre o projeto conhecendo a UFRJ e informaram que existe diferença entre o Laboratório Didático de Química (LADQUIM), do Instituto de Química da UFRJ, e demais projetos, como apresentação dos laboratórios, mas o ambiente é feito para acolher, conhecer outros espaços aqui é diferente.”

Fonte: arquivo da autora, 2023.

4ª Tessitura- transcrição do áudio do licenciando **Motivação**

“Sou ex-aluno do médio técnico em Química, tive uma crise para terminar, pois sentia diferença de uma escola para o ensino técnico no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), não existe um inspetor que te obrigue a ficar em sala, repeti muitas disciplinas por não achar interessante. Então terminei, tinha mais de 18 anos, fiz o ENEM e passei em Química industrial na UFF e entrei e um professor de Química Orgânica me falou da docência em Química e conheci um novo universo. Fiquei super empolgado, mas desisti no meio, fui fazer Cinema na universidade particular, sendo os meus estudos custeados pelos meus pais.

Com um tempo me senti incomodado com a minha atitude de estar sendo sustentado pelos meus pais, fiz o ENEM, em licenciatura aqui na UFRJ, achei meu caminho. E o meu técnico, me fez conseguir trabalhar na Fundação Oswaldo Cruz e tenho atuado em projetos na docência, mas não leciono ainda em uma instituição. Estou animado para atuar em sala de aula.”

Fonte: arquivo da autora, 2023.

ANEXO B- DESENHANDO E NARRANDO SENTIMENTOS RELACIONADOS À QUÍMICA

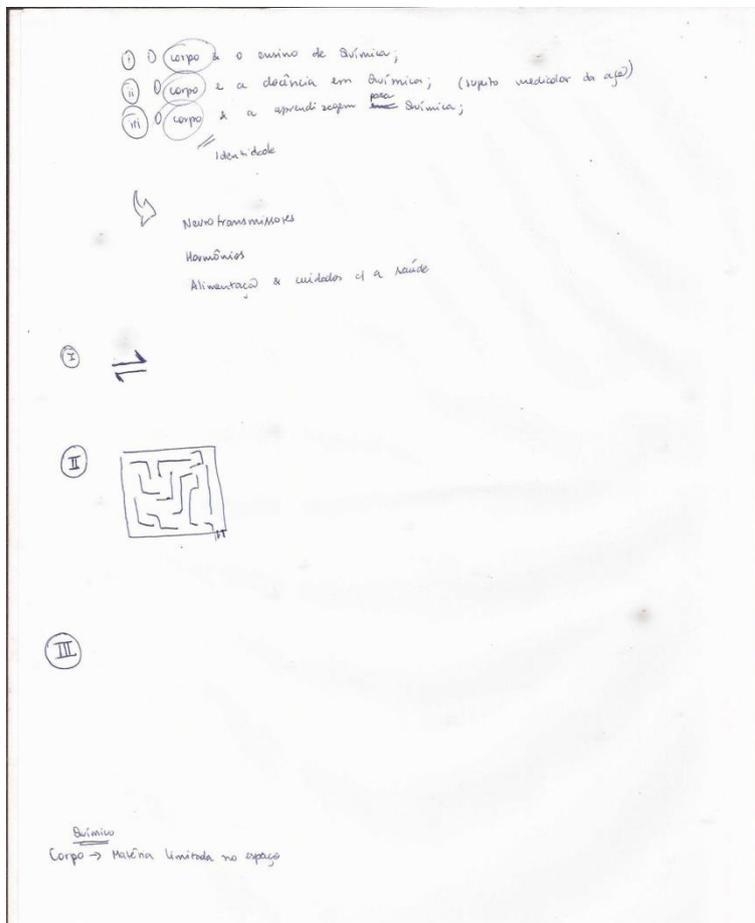
1ª autora (**Resiliência**)- memórias das vivências na escola e formação docente inicial



Fonte: arquivo da autora, 2023.

Resiliência: [...] “cursei o ensino médio no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET), quase repeti a disciplina, odiava, fiz técnico por trabalho. no segundo ano do Médio, tive um professor que me incentivou e a partir dele eu queira entender o motivo que nos leva a fazer diversos objetos, o motivo que escolhemos fazer a mesa de madeira, armário de metal e cursar a Química me trouxe as respostas. Eu cursei Química (Bacharelado), agora voltei para a licenciatura, queria entender docência, aprendizado e ensino. O meu corpo eu carrego comigo; as pessoas carregam sempre com elas. Fiz um boneco colorido e várias outras imagens que para mim tiveram a Ciência envolvida e da forma como o meu olhar para além da Química, agora permeia pela tríade Ciência, aprendizado e Química. Deixo a frase: Somos feitos de várias formas, jeitos e substância, que Ciência melhor que a Química?”

2ª autora (**Esperança**)- memórias das inquietudes sobre a docência e ensino de Química



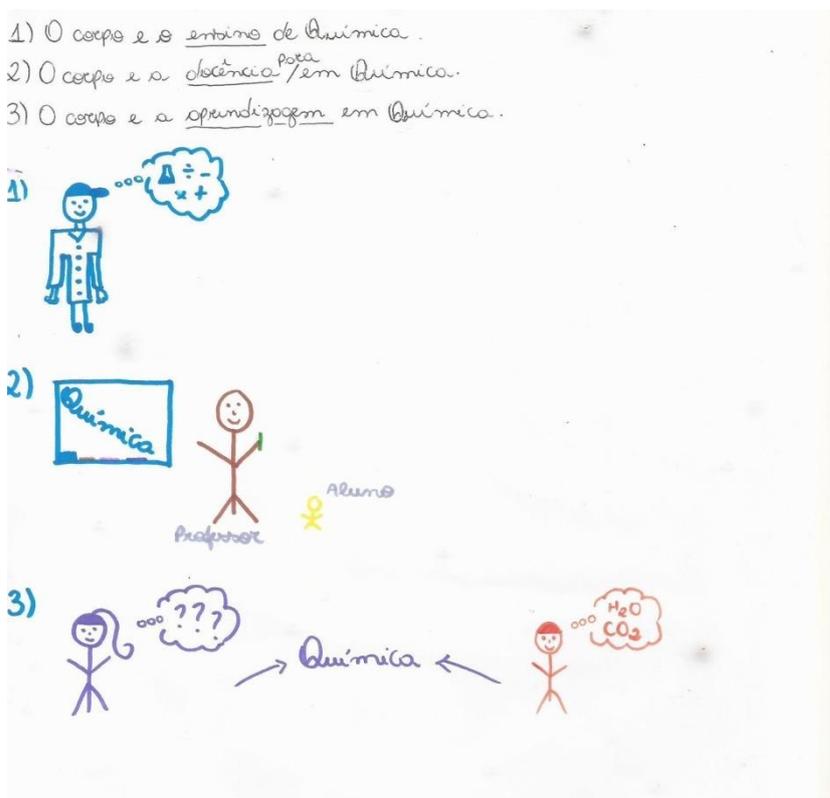
Fonte: arquivo da autora, 2023.

Esperança: “Corpo e ensino de Química- seta de equilíbrio, através do ensino da Química, oferece subsídios para entender que precisamos de equilíbrio no corpo, na alimentação, nos medicamentos para depressão ou em algum hormônio para trazer saúde; O ensino de Química promove saúde e equilíbrio.

A respeito do corpo e da docência, minha experiência na docência é algo maior, é uma docência ampla, ela é um desafio, você busca caminhos para atuar em meio a um labirinto, representado aqui, você deve achar uma saída frente aos desafios trazidos pelos estudantes.

A terceira ainda não defini, mas senti e interpretei, é preciso pensar.”

3ª autora (**Perseverança**)- memórias sobre os professores da escola e licenciatura em Química



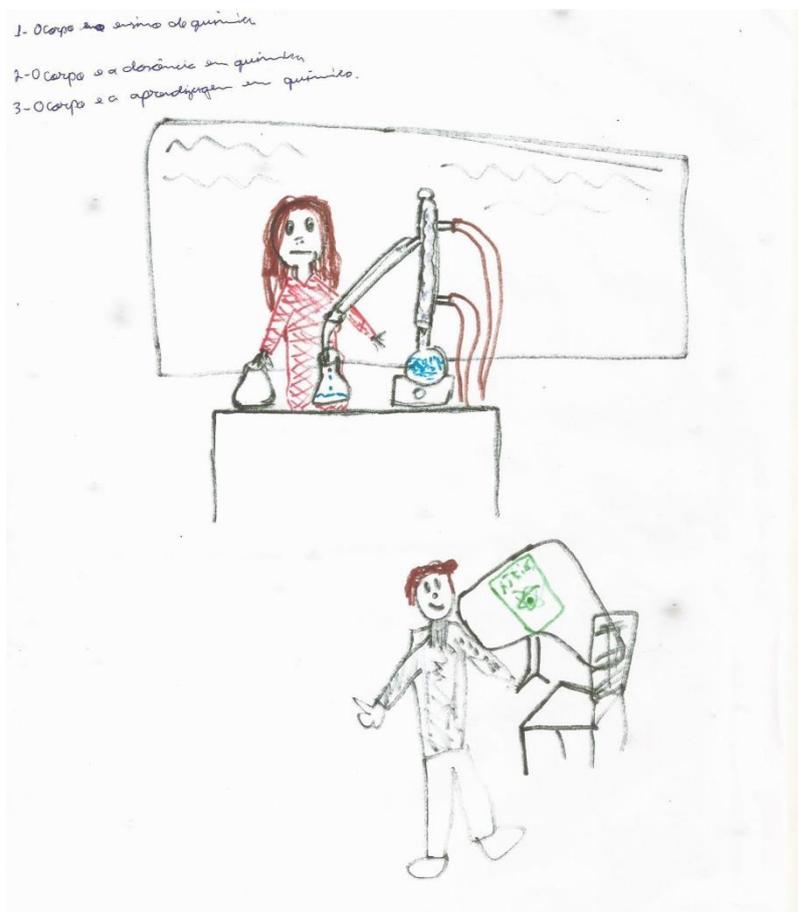
Fonte: arquivo da autora, 2023.

Perseverança: “...Corpo e ensino de Química: nunca tive uma professora de Química mulher até chegar na universidade, então ao pensar em corpo e ensino de Química sempre relaciono ao cientista homem, fui estimulada a pensar que este espaço não era para mulheres. Pensar no ensino e corpo associado, imagino um homem de jaleco branco lecionando, mesmo na universidade nós temos uma grande quantidade de professores homens.

corpo e docência- desenhei um micro aluno e um professor grande, representa algo vivido, um relato de experiência, os professores de Química, Física e Biologia quando explicavam o conteúdo, diante dos questionamentos dos alunos sobre o conteúdo, eles satirizavam e perguntava: Nossa, você não compreende este conteúdo, mas isso é básico! Na graduação isso ocorre comumente! Ao acabar a aula tenho a sensação de não saber nada.

Corpo e aprendizagem em Química: desenhei uma menina com dúvida e o menino entendendo a Química, pela minha vivência na graduação e ensino médio, fui estimulada a pensar que este espaço das exatas não é feito para mulheres! Minha experiência na época da escola me trouxe aqui para a graduação e me marcou: um professor que oferecia pontos extras para as meninas, e os meninos respondiam listas com conteúdo avançado, sentia que ele mandava uma mensagem clara de que a Química não foi feita para meninas e mulheres.

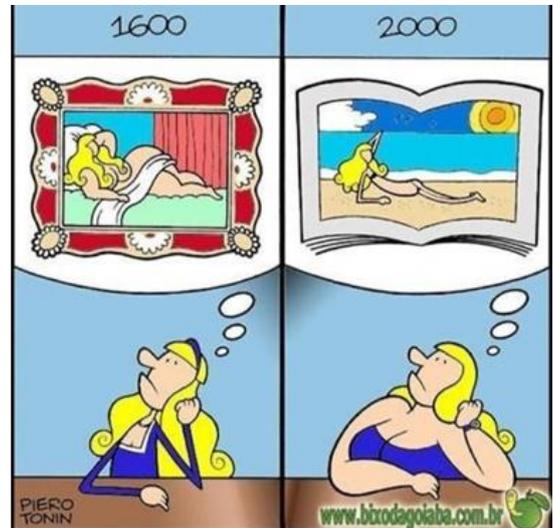
4º autor (**Motivação**)- memórias sobre professores



Fonte: arquivo da autora, 2023.

Motivação: “...Uma sala de aula com experiências em Química a professora representa a docência, e abaixo a aprendizagem com o aluno, e a representação da Química o cenário. Define assim a sala de aula.”

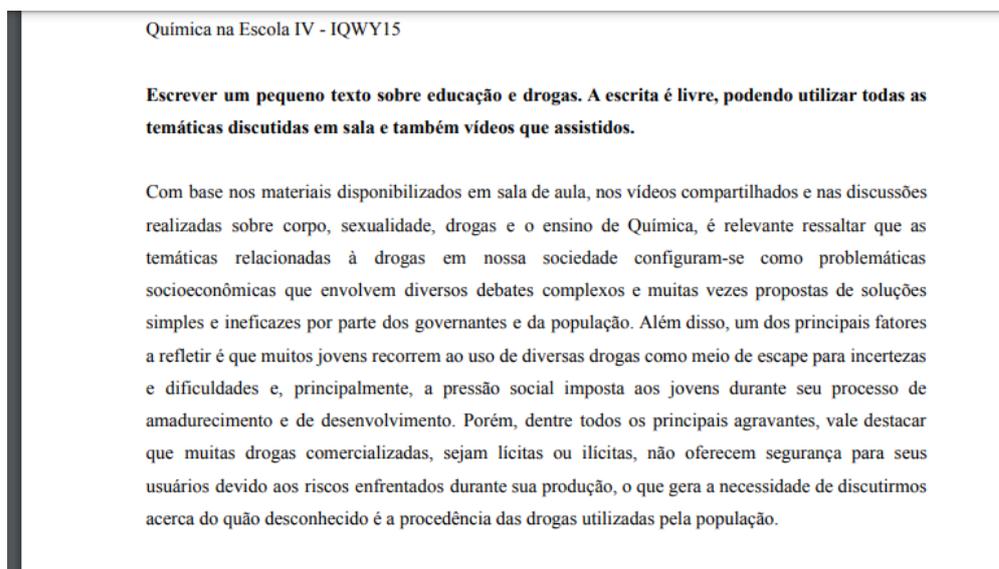
ANEXO C- COMPILADO DE CHARGES RELACIONADAS ÀS TEMÁTICAS CORPO, PADRÕES CORPORAIS E ESTÉTICOS



Fonte: compilado do Blog do AFTM, Blog. bicho da goiaba e estereótipos.net, 2023.

ANEXO D- PRODUÇÕES ENTREGUES PELOS LICENCIANDOS DURANTE O TERCEIRO ENCONTRO ABORDANDO O TEMA DROGAS

Figura 1- Material entregue pela licencianda **Perseverança**



Fonte: arquivo da autora, 2023.

Figura 6- Material entregue pela licencianda **Coragem**

Disciplina: Química na Escola 4

A discussão acerca do tema drogas é de extrema importância para que os alunos entendam quais tipos existem, desmificando a ideia de que drogas são somente as ilícitas (cocaína, lsd e etc) mas que também medicamentos e bebidas também são um tipo de drogas.

É importante trazer a participação dos alunos para que se conheça suas vivências e experiências, tornando o assunto mais palpável possível. Mostra-se também a seriedade de conversar sobre a procedência dos tipos de drogas e quais impactos sociais e políticos podem trazer.

Fonte: arquivo da autora, 2023.

Figura 2- Material entregue pela licencianda **Paciência**, página 1

Entrega – QEsc IV

Educação e drogas

Após debatermos sobre os temas corpo e sexualidade, podemos entender que o uso de drogas, principalmente na adolescência, pode ser a extensão de uma grande vontade de pertencer a algum espaço ou até mesmo, para alimentar a solidão. Pois, com tanta pressão estética, de gênero, comportamento, as pessoas não conseguem dar conta de tudo sozinhas. Existem pessoas que fazem uso de maconha para pertencerem a um grupo ou somente “relaxarem”, com seu efeito terapêutico, por conta até mesmo da pressão da sociedade, utilizam do celular para alimentar a solidão, imaginar e comparar a sua vida com a das outras pessoas, do açúcar para dar sabor à vida, alimentar a alma, do café para ser ágil e atento, produtivo, entre outras. Portanto, cabe ressaltar que todas as drogas fazem mal à saúde quando em excesso.

Contudo, podemos problematizar: Existem diversos tipos de drogas utilizadas no nosso dia a dia, no fim das contas, por que algumas drogas são proibidas e outras não? Aqui estão alguns dados:

“No Brasil, no entanto, fomos pioneiros, nos antecipando a essa política. A proibição da maconha tem origem autóctone: data de 1830 uma postura da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, considerada o primeiro documento que penalizava a venda e o uso do “pito de pango”, como era conhecida a *Cannabis* em nosso país, cujo hábito de consumo recreativo era associado aos africanos escravizados que teriam trazido essa cultura (e as sementes) de seu continente de origem.⁸ A erva tinha diversos nomes de origem africana, como diamba, banguê, maconha, fumo de angola, pito de pango, riamba e liamba,⁹ e seu uso não médico era disseminado entre os negros, que passaram a cultivá-la no Brasil. Em clara expressão de racismo estrutural, no século XIX no Rio de Janeiro punia-se com prisão, muito antes de qualquer convenção internacional, o usuário, negro escravizado ou pessoa pobre, enquanto um eventual vendedor seria punido apenas com multa.”

(Luciana Boiteux, A proibição como estratégia racista de controle social e a guerra às drogas,; <https://diplomatie.org.br/a-proibicao-como-estrategia-racista-de-controle-social-e-a-guerra-as-drogas/>)

Acredito que com somente este parágrafo do artigo de Luciana Boiteux, conseguimos entender um pouco que o combate às drogas, desde muito tempo, não é sobre drogas ou vender drogas, é sobre quem as consomem e criminalizar o uso.

Somente as pessoas pretas utilizam drogas? Não. Porém, elas que são criminalizadas.

Renan da Penha:

Fonte: arquivo da autora, 2023.

Figura 3- Material entregue pela licencianda **Paciência**, página 2

“Renan Santos da Silva, conhecido como DJ Rennan da Penha. Ele foi condenado por associação ao tráfico de drogas com pena prevista de seis anos e oito meses em regime fechado.”

(<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/22/justica-determina-prisao-de-dj-rennan-da-penha-e-mais-10-envolvidos-no-baile-da-gaiola.ghtml>)

Justiça determina prisão de DJ Rennan da Penha e mais 10 envolvidos no 'Baile da Gaiola'

Rennan da Penha é acusado de associação ao tráfico de drogas. No processo, testemunha aponta Rennan como o "DJ das bandalheiras".

Por G1 Rio

23/03/2019 19:30 - Atualizado há 4 anos



DJ Rennan da Penha é absolvido da acusação de associação ao tráfico de drogas pelo STJ

"Vitória do funk e da favela, Rennan da Penha foi absolvido. Sempre acreditamos na justiça", publicou o artista em suas redes sociais.

globo.com

https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/2023/06/02/dj-rennan-da-penha-e-absolvido-da-acusacao-de-associacao-ao-trafico-de-drogas-pelo-stj.ghtml

DJ Rennan da Penha é absolvido da acusação de ... - G1

2 de jun. de 2023 — O DJ Rennan da Penha foi absolvido da uma acusação de associação ao tráfico de drogas. O processo tramitava desde 2013 e a decisão pela

(<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/06/02/dj-rennan-da-penha-e-absolvido-da-acusacao-de-associacao-ao-trafico-de-drogas-pelo-stj.ghtml>)

Fonte: arquivo da autora, 2023.

Figura 4- Material entregue pela licencianda **Paciência**, página 3

O cantor de rap [Filipe Ret](#) comemorou o seu aniversário de 37 anos em uma festa que reuniu seus amigos e familiares nessa quinta-feira (23/6). O rapper ofereceu maconha de "brinde" aos seus convidados.



Fonte: arquivo da autora, 2023.

Figura 5- Material entregue pela licencianda **Liberdade****Título: Educação sobre Drogas: Um Caminho para a Prevenção e o Bem-Estar.**

A problemática das drogas é um desafio global que afeta a saúde e o bem-estar de indivíduos, famílias e comunidades. Nesse contexto, a educação desempenha um papel fundamental na prevenção do uso indevido de substâncias psicoativas. Tendo em vista que o papel da escola é de formar cidadãos participativos e capazes de analisar o que é bom ou não para si, de fazer suas escolhas se o assunto lhe é questionado e de refletir se com isso afetará ou não a vida de outras pessoas. Por isso tal assunto não foge do contexto escolar. Trabalhar formas de prevenção nas escolas ao se tratar de assunto relacionado às drogas (lícitas/ilícitas) e analisar seus impactos na sociedade de uma maneira que venha a contribuir com informações necessárias a ser passadas a nossos alunos, instituição e sociedade em si, é uma maneira de sensibilizá-los em um ambiente próprio.

A incidência do uso de drogas tem aumentado significativamente nos últimos anos, afetando pessoas de todas as idades, origens sociais e culturais. O consumo de drogas não apenas prejudica a saúde física e mental dos indivíduos, mas também contribui para problemas sociais, como a violência e o crime.

A educação é muito importante na prevenção do uso de drogas, capacitando os indivíduos a tomar decisões informadas e conscientes sobre seu comportamento. Por meio da educação, é possível promover a conscientização sobre os riscos e consequências do uso de drogas, além disso, pode fortalecer o autocontrole e resistência à pressão social, auxiliando na formação de comportamentos saudáveis e responsáveis.

É fundamental adotar uma abordagem multidisciplinar, envolvendo profissionais da saúde, educadores, psicólogos e assistentes sociais. Além disso, é importante considerar a participação da família e da comunidade, promovendo um ambiente de apoio e diálogo para prevenir o uso de drogas. Ademais, abordar esse assunto é indispensável ter embasamento em pesquisas científicas e evidências sólidas. Ao utilizar abordagens fundamentadas, como estudos epidemiológicos, pesquisas neuropsicológicas e análises de tendências, os educadores podem fornecer informações precisas e atualizadas aos estudantes, promovendo uma compreensão realista e completa sobre os efeitos das drogas.

A educação desempenha um papel crucial na prevenção ao uso de drogas, fornecendo informações e suportes necessários para que os indivíduos tomem decisões saudáveis e conscientes. Abordagem multidisciplinar e estratégias educacionais baseadas em evidências, aliadas ao envolvimento da comunidade e da família, são fundamentais para combater o problema das drogas e promover o bem-estar de todos. Investir na educação sobre drogas é investir em um futuro mais saudável.

Referências bibliográficas:

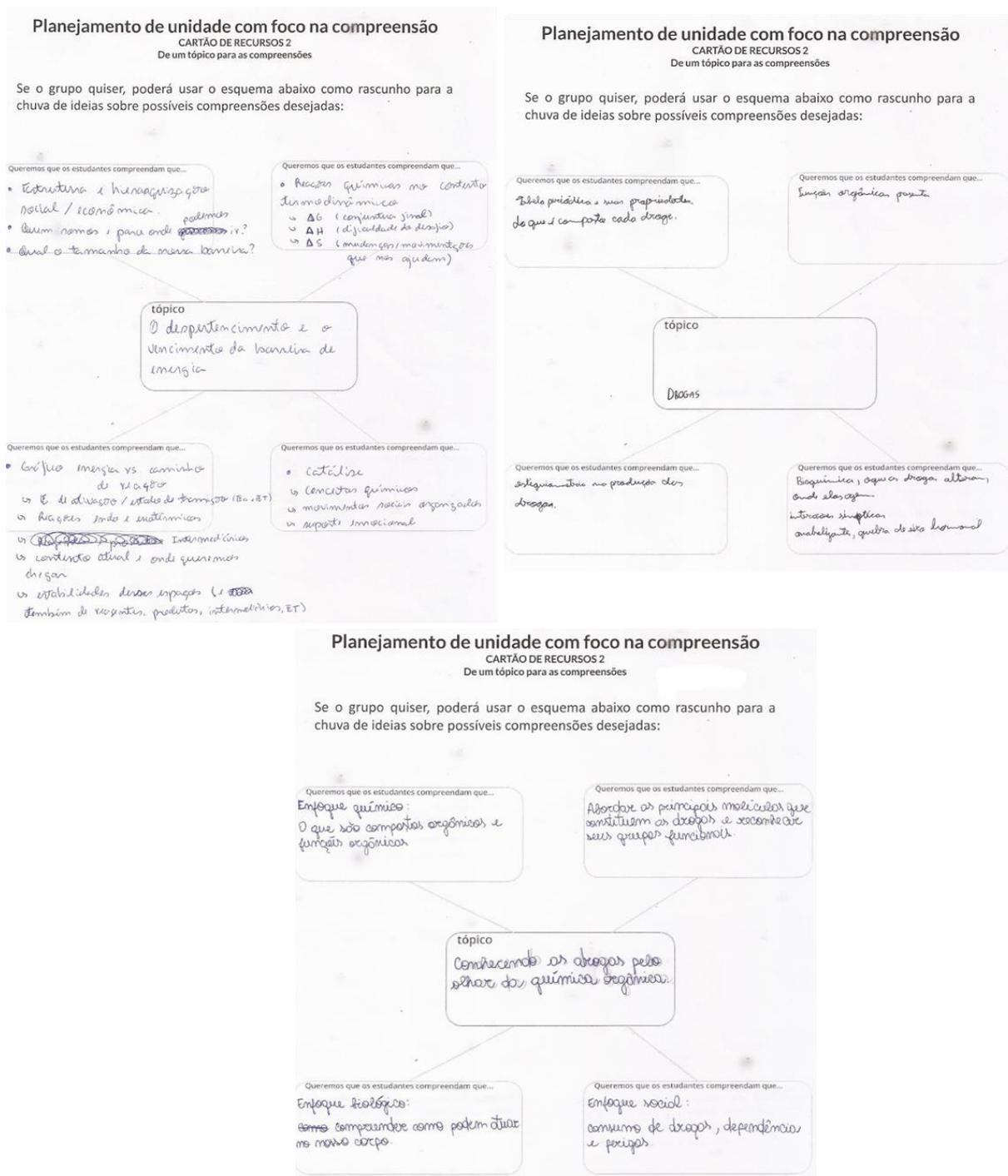
ÁVILA, Maria Tâmara Porto de. A função educativa na prevenção do consumo abusivo de drogas. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (org.). Saúde na Escola. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SANTOS; Rosa Maria Silvestre. Prevenção de drogas na escola: uma abordagem psicodramática. 4ª ed. Campinas - São Paulo: Papyrus, 1997. 2004.

Fonte: arquivo da autora, 2023.

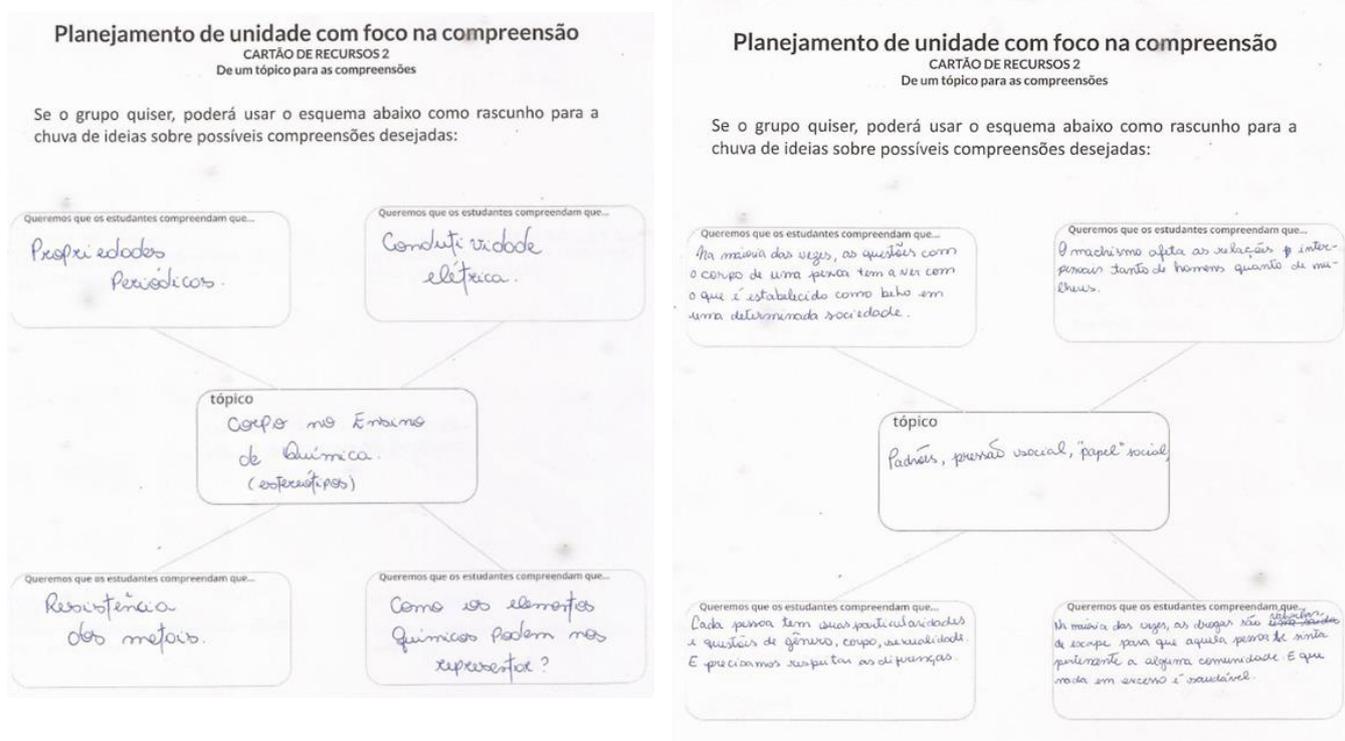
ANEXO E- COMPILADOS DAS ATIVIDADES PARA ESCOLHA DO TEMAS UTILIZADOS NA CONFEÇÃO DOS PLANEJAMENTOS REVERSOS

Figura 1-Atividades de três duplas de licenciandos



Fonte: Compilado de arquivo da autora, 2023.

Figura 2- Compilado das atividades de duas duplas de licenciandos



Fonte: arquivo da autora, 2023.

ANEXO F- COMPILADOS DAS ATIVIDADES: DEFININDO OS OBJETIVOS DOS PLANOS DE AULA

Figura 1- compilado das atividades das duas duplas de licenciandos

Unidade 1 - A sala de aula como sistema social	Aula ___ -
Estágio 1. Compreensões desejadas e objetivos de aprendizagem	
<p>Objetivos gerais do módulo que serão abordados nesta aula Ao final desta unidade, as professoras e professores participantes da especialização serão capazes de...</p> <p><i>Desenvolver com os alunos uma reflexão com base no vídeo "Bios man" e na atividade proposta, sobre o fato de estarmos inseridos em uma sociedade multicultural e como isso se apresenta na sala de aula. A partir da comparação metafórica Ag x Am com Preto x Branco.</i></p>	
<p>Objetivos de aprendizagem específicos desta aula Ao final desta aula, as professoras e professores participantes serão capazes de...</p> <p><i>Compreender os diferentes propriedades dentro da tabela periódica; Compreender que química pode se relacionar com temas sociais Compreender que prata e ouro são bons condutores, mas possuem diferentes níveis de valência social;</i></p>	
<p>Compreensões (ideias centrais que serão trabalhadas nesta aula) Queremos que as professoras e professores participantes compreendam que...</p> <p><i>O corpo atômico de determinados elementos pode ser representado e compreendido pelos conceitos de tabela periódica e suas propriedades. (objetivo para condutividade de metais).</i></p>	
Estágio 2. Avaliação das aprendizagens	
<p><i>Em quais entregas formais do módulo será observado o alcance dos objetivos de aprendizagem desta aula? Solicitar que os alunos escrevam em uma folha sua autoavaliação com os elementos, para que posteriormente seja melhor avaliada.</i></p>	
Unidade 1 - A sala de aula como sistema social	Aula ___ -
Estágio 1. Compreensões desejadas e objetivos de aprendizagem	
<p>Objetivos gerais do módulo que serão abordados nesta aula Ao final desta unidade, as professoras e professores participantes da especialização serão capazes de...</p> <p><i>- Compreender os conceitos químicos de isomeria cis e trans - !! as reações do corpo humano no sentir (sentimental)</i></p>	
<p>Objetivos de aprendizagem específicos desta aula Ao final desta aula, as professoras e professores participantes serão capazes de...</p> <p><i>Compreender o conceito das palavras "cis" e "trans", linkando com a isomeria geométrica de ambos os tipos que acontece na química e também com a ideia de gênero sexual: o que é o gênero cis e o que é o trans;</i></p>	
<p>Compreensões (ideias centrais que serão trabalhadas nesta aula) Queremos que as professoras e professores participantes compreendam que...</p> <p><i>- Isomeria cis e trans: conceitos também unidos dentro do tema de sexualidade - "Química do amor": reações químicas humanas independentes de gênero.</i></p>	
Estágio 2. Avaliação das aprendizagens	
<p><i>Em quais entregas formais do módulo será observado o alcance dos objetivos de aprendizagem desta aula? Mapas mentais abordando e linkando os temas abordados Listar os principais conceitos do tema.</i></p>	

Fonte: Compilado de arquivo da autora, 2023.

Figura 2- compilado das atividades de uma dupla e um trio de licenciandos, respectivamente

20/06/2023

Unidade 1 - A sala de aula como sistema social	Aula ___ - Educação Sexual
Estágio 1. Compreensões desejadas e objetivos de aprendizagem	
Objetivos gerais do módulo que serão abordados nesta aula Ao final desta unidade, as professoras e professores participantes da especialização serão capazes de... <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a fisiologia reprodutiva do corpo humano; • Conhecer métodos contraceptivos; • Identificar violência e/ou abuso sexual. 	
Objetivos de aprendizagem específicos desta aula Ao final desta aula, as professoras e professores participantes serão capazes de... <ul style="list-style-type: none"> • Que os alunos se conscientizem sobre os métodos contraceptivos existentes e suas vantagens, tais como contraceção, contraceção, volume e tipos de métodos. 	
Compreensões (ideias centrais que serão trabalhadas nesta aula) Queremos que as professoras e professores participantes compreendam que... <ul style="list-style-type: none"> • Compreensão o funcionamento do corpo feminino, seu ciclo menstrual e como os hormônios podem afetá-lo. 	
Estágio 2. Avaliação das aprendizagens	
Em quais entregas formais do módulo será observado o alcance dos objetivos de aprendizagem desta aula? Avaliação continuada por meio de debates e rodas de conversa durante todo o período de aprendizagem.	

Unidade 1 - A sala de aula como sistema social	Aula ___ -
Estágio 1. Compreensões desejadas e objetivos de aprendizagem	
Objetivos gerais do módulo que serão abordados nesta aula Ao final desta unidade, as professoras e professores participantes da especialização serão capazes de... <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar as reações químicas pelo ponto de vista termodinâmico • Refletir sobre os impactos na estrutura social no espaço em que vivemos e nos aspectos que queremos atingir, correlacionando as dificuldades do cotidiano com a energia necessária para chegar lá • Reapresentar conceitos de Química Orgânica 	
Objetivos de aprendizagem específicos desta aula Ao final desta aula, as professoras e professores participantes serão capazes de... <ul style="list-style-type: none"> - Expor experiências e dificuldades que os alunos encontram para ocupar o agora e o futuro. - Discutir o equilíbrio de energias químicas de reações que os alunos apresentam entre os próprios colegas, identificando similaridades e diferenças 	
Compreensões (ideias centrais que serão trabalhadas nesta aula) Queremos que as professoras e professores participantes compreendam que... <ul style="list-style-type: none"> - A estrutura política-social tem ^{significativo} impacto na sua construção de vida. - Sua auto percepção em meio a essa estrutura social que os cerca - Compreender a avaliação da termodinâmica com a nossa vida e a participação da química em nosso corpo, processos e reações 	
Estágio 2. Avaliação das aprendizagens	
Em quais entregas formais do módulo será observado o alcance dos objetivos de aprendizagem desta aula? <ul style="list-style-type: none"> - Gráfico: caminho de reação caminho de vida x Energia dificuldades - Participação na roda de conversa 	

Fonte: Compilado de arquivo da autora, 2023.

ANEXO G- COMPILADOS DAS ATIVIDADES: DEFININDO ATIVIDADES UTILIZADAS NOS PLANOS DE AULA

Figura 1- Compilado das atividades de uma dupla e um trio de licenciandos, respectivamente

Estágio 3. Planejamento das aprendizagens			
Leituras prévias para esta aula			
Material disponibilizado pelo professor sobre propriedades periódicas.			
 [total 40/50] 50'	O que os ^{estudantes} professores participantes irão fazer? De que forma as aulas irão engajar os professores participantes?	O que os formadores precisarão fazer para apoiar a aprendizagem dos professores ^{estudantes} participantes ao longo da aula?	Avaliação processual/formativa De que formas será possível monitorar os avanços durante as situações de ensino e aprendizagem? Quais serão as incompreensões e dificuldades mais prováveis?
10 minutos: Introdução e apresentação de vídeos. 15 minutos: Roda de conversa sobre o vídeo. 5 minutos: Apresentação proposta da atividade. 5 minutos: Organização dos recursos da atividade. 15 minutos: Apresentação das respostas da atividade.	Analisar as vídeo proposta. Debater sobre os elementos e suas propriedades, e como podem ser relacionados com os elementos. Fazer uma autoavaliação baseada em algum elemento demonstrando o porquê de tal	Preparar perguntas, montar dicas para dar início ao debate entre os alunos.	Incompreensão: dificuldade na hora de se relacionar com um elemento e justificar por meio das propriedades. Para monitorar os avanços é necessário observar e avaliar a participação, engajamento do aluno tanto no debate quanto na atividade.
* 3º Ano EM.			

20/06/2023			
Estágio 3. Planejamento das aprendizagens			
Leituras prévias para esta aula			
 [total 40/50] 50'	O que os ^{alunos} professores participantes irão fazer? De que forma as aulas irão engajar os professores participantes?	O que os formadores precisarão fazer para apoiar a aprendizagem dos professores ^{alunos} participantes ao longo da aula?	Avaliação processual/formativa De que formas será possível monitorar os avanços durante as situações de ensino e aprendizagem? Quais serão as incompreensões e dificuldades mais prováveis?
± 10	• Análise e compreensão dos conteúdos	• Revisar os conceitos químicos abordados previamente.	• Atenção e participação nas questões propostas.
± 30	• Expor a grafia feita em casa. • Síntese e colagem e decorete (Roda de conversa). • Considerar como os conceitos químicos visto em sala (Ex: nomenclatura dos ácidos, oxidação, fórmula molecular).	• Mediar o diálogo. • Problematicar a "nomenclatura".	• Confecção do trabalho de casa. • Participação na discussão.
± 10	• Autoavaliação da atividade. • Análise finalização	• Finalizar a unidade.	• Atenção e participação

Fonte: Compilado de arquivo da autora, 2023.

Figura 2- Compilado das atividades de duas duplas de licenciandos

Estágio 3. Planejamento das aprendizagens			
Leituras prévias para esta aula			
 (total 4h/a + 200') 50'	^{alunos} O que os professores participantes irão fazer? De que forma as aulas irão engajar os professores participantes?	O que os formadores precisarão fazer para apoiar a aprendizagem dos professores ^{alunos} participantes ao longo da aula?	Avaliação processual/formativa De que formas será possível monitorar os avanços durante as situações de ensino e aprendizagem? Quais serão as incompreensões e dificuldades mais prováveis?
5' - Preparação e equitação dos alunos. 15' - Desenvolvimento da aula (isomeria) 30' - Desenvolvimento da proposta de atividades, roda de conversa e atividade proposta.	Assistir os slides com imagens representativas das moléculas. Interagir com os colegas e trabalhar em equipe para determinar a isomeria.	Preparar materiais, preparar conteúdos a ser ministrado.	Identificar a isomeria presente em moléculas pré-preparadas utilizando fichas, através de grupo. Cada grupo ganhará 1 molécula e trabalhará junto para identifica-las.
Dia 20/06/2023			
Estágio 3. Planejamento das aprendizagens			
Leituras prévias para esta aula			
 (total 4h/a + 200') 50'	^{alunos} O que os professores participantes irão fazer? De que forma as aulas irão engajar os professores participantes?	O que os formadores precisarão fazer para apoiar a aprendizagem dos professores participantes ao longo da aula?	Avaliação processual/formativa De que formas será possível monitorar os avanços durante as situações de ensino e aprendizagem? Quais serão as incompreensões e dificuldades mais prováveis?
<ul style="list-style-type: none"> 5 minutos para os alunos entrarem em sala e se organizarem, formando grupos de três pessoas. 20 minutos para a explicação do tema e do material exposto. 25 minutos para reflexão e debates. 	Os grupos formados devem refletir sobre o tema, tendo como base o material dado pelo professor e produzir um mapa mental sobre o que compreenderam sobre o assunto.	Utilizar materiais como charges, vídeos, moléculas atuais e pesquisas científicas.	Observando o desenvolvimento dos alunos por meio dos debates e dos mapas mentais produzidos. As incompreensões e dificuldades mais prováveis são de relacionar as grandezas físicas e químicas com os métodos contraceptivos.

Fonte: arquivos da autora, 2023.

ANEXO H- COMPILADOS DAS ATIVIDADES: TRAÇANDO CARACTERÍSTICAS DOS PLANEJAMENTOS DE AULA

Figura 1- Compilado das atividades de duas duplas

ORGANIZADOR GRÁFICO	
Características das atividades apropriadas para o trabalho em grupo	
Características da atividade	Evidências e Comentários
<p>A) Atividades abertas, não determinadas</p> <ul style="list-style-type: none"> A atividade oferece múltiplas possibilidades de solução, e/ou múltiplas rotas para que se chegue à solução. 	<p>Sim, pois o mapa mental parte do entendimento individual do aluno.</p>
<p>B) Múltiplos pontos de partida e demonstração de competência</p> <ul style="list-style-type: none"> A atividade requer o uso de múltiplas habilidades para que se chegue à solução. O grupo pode escolher diferentes pontos de partida para iniciar a resolução. A atividade apoia múltiplas representações do conteúdo acadêmico. 	<p>Sim, pois cada aluno tem uma vivência antecipada do tema.</p>
<p>C) Conteúdo intelectualmente importante, baseado nas disciplinas</p> <ul style="list-style-type: none"> Trabalha conceitos centrais da disciplina. 	<p>Sim, geometria geométrica.</p>
<p>D) Interdependência positiva e responsabilidade individual</p> <ul style="list-style-type: none"> Produto do grupo requer a colaboração de todos. 	<p>Sim, no caso da atividade em sala de aula, pois, será necessário o trabalho em grupo para concluir a resposta final.</p>
<p>E) Critérios de avaliação para produções de grupo e relatórios individuais</p> <ul style="list-style-type: none"> Os critérios de avaliação são específicos. Há critérios especificados para o Produto do Grupo. 	<p>Não se aplica.</p>
<p>F) Cartões de atividades claros e detalhados, mas com abertura a discussão</p> <ul style="list-style-type: none"> Orientações são claras o suficiente para que o grupo realize o trabalho de forma autônoma. Perguntas são abertas e promovem o debate nos grupos. 	<p>Sim, todos terão espaço para participar da roda de conversa.</p>

Figura 2- Compilado das atividades de uma dupla

ORGANIZADOR GRÁFICO	
Características das atividades apropriadas para o trabalho em grupo	
Características da atividade	Evidências e Comentários
<p>A) Atividades abertas, não determinadas</p> <ul style="list-style-type: none"> A atividade oferece múltiplas possibilidades de solução, e/ou múltiplas rotas para que se chegue à solução. 	<p>Sim; porque a atividade não possui apenas uma resposta correta. Isso se comprova a partir do fato de que cada um poderá contribuir a partir de suas vivências e como eles se relacionam ^{com a} Química.</p>
<p>B) Múltiplos pontos de partida e demonstração de competência</p> <ul style="list-style-type: none"> A atividade requer o uso de múltiplas habilidades para que se chegue à solução. O grupo pode escolher diferentes pontos de partida para iniciar a resolução. A atividade apoia múltiplas representações do conteúdo acadêmico. 	<p>Sim; porque os alunos podem escolher diferentes propriedades periódicas como ponto de partida para definir em suas personalidades.</p> <p>EX: Aluno A - Raio atômico. Aluno B - Eletronegatividade.</p>
<p>C) Conteúdo intelectualmente importante, baseado nas disciplinas</p> <ul style="list-style-type: none"> Trabalha conceitos centrais da disciplina. 	<p>Sim, pois propriedades da tabela periódica e seus elementos são a base para qualquer conteúdo de química.</p>
<p>D) Interdependência positiva e responsabilidade Individual</p> <ul style="list-style-type: none"> Produto do grupo requer a colaboração de todos. 	<p>No primeiro momento sim, quando há a troca de debate. Em seguida há uma atividade individual.</p>
<p>E) Critérios de avaliação para produções de grupo e relatórios individuais</p> <ul style="list-style-type: none"> Os critérios de avaliação são específicos. Há critérios especificados para o Produto do Grupo. 	<p>Sim, pois os alunos terão que desenvolver sua personalidade correlacionando com propriedades de alguns elementos químicos.</p>
<p>F) Cartões de atividades claros e detalhados, mas com abertura a discussão</p> <ul style="list-style-type: none"> Orientações são claras o suficiente para que o grupo realize o trabalho de forma autônoma. Perguntas são abertas e promovem o debate nos grupos. 	<p>O vídeo pode despertar nos alunos a possibilidade de iniciar a troca de conversa de forma autônoma como também de forma auxiliada. O objetivo de todas as perguntas é promover um debate.</p>

Fonte: Arquivos da autora, 2023.

Figura 3- Compilado das atividades de uma dupla

ORGANIZADOR GRÁFICO Data: 20/06/2023

Características das atividades apropriadas para o trabalho em grupo

Características da atividade	Evidências e Comentários
A) Atividades abertas, não determinadas <ul style="list-style-type: none"> A atividade oferece múltiplas possibilidades de solução, e/ou múltiplas rotas para que se chegue à solução. 	Sim, pois os debates, materiais expostos e mapas mentais permitem que o professor veja como os alunos compreenderam o tema trabalhado.
B) Múltiplos pontos de partida e demonstração de competência <ul style="list-style-type: none"> A atividade requer o uso de múltiplas habilidades para que se chegue à solução. O grupo pode escolher diferentes pontos de partida para iniciar a resolução. A atividade apoia múltiplas representações do conteúdo acadêmico. 	Sim, pois os alunos podem trazer para sala de aula suas vivências além de poderem utilizar do material ofertado pelo professor. Portanto, é possível unir o conhecimento sistêmico com o conhecimento existencial.
C) Conteúdo intelectualmente importante, baseado nas disciplinas <ul style="list-style-type: none"> Trabalha conceitos centrais da disciplina. 	Sim, o conteúdo trabalha as grandezas químicas e físicas existentes nos métodos contraceptivos.
D) Interdependência positiva e responsabilidade Individual <ul style="list-style-type: none"> Produto do grupo requer a colaboração de todos. 	Sim, pois as atividades requerem a participação de todos.
E) Critérios de avaliação para produções de grupo e relatórios individuais <ul style="list-style-type: none"> Os critérios de avaliação são específicos. Há critérios especificados para o Produto do Grupo. 	Sim, acontecem por meio de mapas mentais que permitem trazer os reflexos sobre a aula e o debate feito.
F) Cartões de atividades claros e detalhados, mas com abertura a discussão <ul style="list-style-type: none"> Orientações são claras o suficiente para que o grupo realize o trabalho de forma autônoma. Perguntas são abertas e promovem o debate nos grupos. 	Sim, no início da aula será explicado como a atividade deve ser feita. Uma das avaliações ocorre por meio do debate.

Fonte: Compilado de arquivo da autora, 2023.

Figura 4-Atividade de um trio de licenciandos

20/06/2023

ORGANIZADOR GRÁFICO

Características das atividades apropriadas para o trabalho em grupo

Características da atividade	Evidências e Comentários
A) Atividades abertas, não determinadas <ul style="list-style-type: none"> A atividade oferece múltiplas possibilidades de solução, e/ou múltiplas rotas para que se chegue à solução. 	Sim, cada aluno vai apresentar suas visões de modos distintos no gráfico de caminho de reação.
B) Múltiplos pontos de partida e demonstração de competência <ul style="list-style-type: none"> A atividade requer o uso de múltiplas habilidades para que se chegue à solução. O grupo pode escolher diferentes pontos de partida para iniciar a resolução. A atividade apoia múltiplas representações do conteúdo acadêmico. 	Sim. O aluno precisa compreender as reações químicas do ponto de vista termodinâmico para apresentar um gráfico coerente com sua intenção (Ex: maior dificuldade, maior energia de ativação), além de apresentar os conceitos de química orgânica, quando aplicáveis (Ex: fórmula molecular de grupo).
C) Conteúdo intelectualmente importante, baseado nas disciplinas <ul style="list-style-type: none"> Trabalha conceitos centrais da disciplina. 	Sim. <ul style="list-style-type: none"> Termodinâmico conceitos de orgânica
D) Interdependência positiva e responsabilidade Individual <ul style="list-style-type: none"> Produto do grupo requer a colaboração de todos. 	Parcialmente. Roda de conversa exige interação.
E) Critérios de avaliação para produções de grupo e relatórios individuais <ul style="list-style-type: none"> Os critérios de avaliação são específicos. Há critérios especificados para o Produto do Grupo. 	Parcialmente. A motivação do gráfico não, porém, há critérios químicos que devem ser aplicados corretamente.
F) Cartões de atividades claros e detalhados, mas com abertura a discussão <ul style="list-style-type: none"> Orientações são claras o suficiente para que o grupo realize o trabalho de forma autônoma. Perguntas são abertas e promovem o debate nos grupos. 	Sim. As instruções para elaboração do gráfico são claras e as perguntas e dúvidas serão debatidas na roda de conversa.

Fonte: Compilado de arquivo da autora, 2023.

ANEXO I- PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS EM EVENTOS CIENTÍFICOS

Figura 5- certificado de participação no I Seminário do Grupo de Pesquisa Educação e Drogas

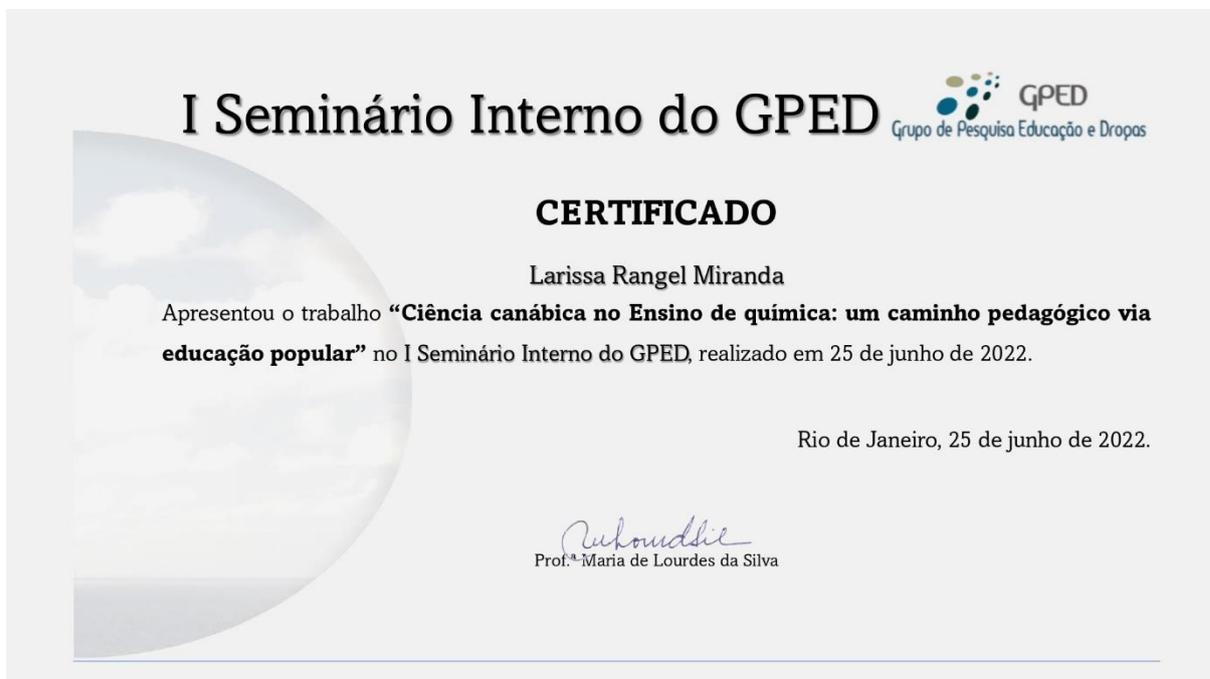


Imagem 2- Trabalho aprovado no evento SCIENTIARUM HISTÓRIA



Ciência canábica na escola: Educação sobre Drogas via Educação popular

Cannabis Science at School: Drug Education via Popular Education

Larissa Rangel MIRANDA

Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestranda no Programa de Pós-graduação
em Ensino de Química
larissarangel04@gmail.com

Francisco José Figueiredo COELHO

Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-doutorando no Programa de Pós-
Graduação em Ensino de Química (PEQui/UFRJ)
educacaosobredrogas@gmail.com

Maria de Lourdes da SILVA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
lullua2@yahoo.com.br

Priscila Tamiasso-MARTINHON

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Química
pris-martinhon@hotmail.com

Abstract. *The students have knowledge about the Cannabis plant, even though its use is prohibited in Brazil, and they receive from the media an information cluster that, although they are intended to clarify, can also confuse or segregate, if the conduct of the subject is biased from the perspective of the prohibition of marijuana. For Martins et al. (2020), talking about Cannabis on school spaces is an opportunity for youths to exchange information, building learning based on their life's realities. The objective of the paper is to report experiences and reflections on a free course about cannabis science, aiming to sensitize, update and guide students on issues and stigmas related to the Cannabis plant, using the assumptions of Popular education by damage reduction. Using damage reduction and implementing different educational actions, we can, among the different possibilities, reduce and debate the impacts caused on students' lives. The*



course reinforces and contributes to the idea that the school can be a place for debate and reflection, where young people can be heard and thus externalize what they think, being able at the same time to learn new information and deal with issues up to that time, not discussed. Popular education allows students to actively participate in their learning, values multiple knowledges, and they can often be a starting point for dialogue about the information to be worked in educational activity, and throughout the cannabis science course, analyzed in this paper.

Keywords: Cannabis science. Marihuana. Drug education. Popular education.

Resumo. Os estudantes possuem conhecimento sobre a planta *Cannabis*, mesmo sendo de uso proibido no Brasil e recebem nas mídias um aglomerado informativo que, embora tenham o intuito de esclarecer, também podem confundir ou segregar, caso a condução do assunto seja enviesada pela ótica da proibição da maconha. Para Martins et al. (2020), conversar sobre o tema Cannabis em espaços escolares é uma oportunidade de os jovens trocarem informações, construindo um aprendizado pautado nas suas realidades de vida. O objetivo do trabalho é relatar experiências¹ e reflexões a cerca de um curso livre sobre ciência canábica, visando sensibilizar, atualizar e orientar os estudantes sobre questões e estigmas relacionados à planta *Cannabis*, tendo como via os pressupostos da Educação popular por meio da Redução de Danos (RD). Utilizando a RD e realizando ações educativas variadas, poderemos₂ dentre as diferentes possibilidades₂ reduzir e colocar em debate os impactos causados nas vidas dos alunos. O curso reforça e contribui com a ideia de que a escola pode ser um local de debate e de reflexão, nela o jovem pode ser ouvido e assim externalizar o que pensa, podendo ao mesmo tempo aprender novas informações e lidar com questões até então, não discutidas. A educação popular, permite que os estudantes participem ativamente de seus aprendizados, valorizando os múltiplos saberes, sendo que eles muitas vezes podem ser ponto de partida para dialogar sobre as informações a serem trabalhadas na atividade educativa, e ao longo do curso Ciência canábica, analisado neste trabalho.

Palavras-chave: Ciência canábica. Maconha. Educação sobre drogas. Educação popular.

1. Introdução

Diferentes caminhos foram percorridos pela maconha no Brasil. Segundo Jean França (2018), historicamente, por volta de 1770, o cultivo de cânhamo chegou a ser estimulado para a produção de cordas e velas navais pelo vice-rei marquês do Lavradio. Essa introdução do uso da planta de forma recreativa costuma ser atribuída aos marinheiros portugueses, conhecedores e consumidores do banguê da Índia, e por escravos africanos, herdeiros da prática do consumo do haxixe oriundo dos povos da Península Arábica (FRANÇA, 2018).

Embora atualmente a maconha seja de consumo proibido no território nacional, nem sempre foi assim. No Rio de Janeiro, por exemplo, a planta era vendida em feiras livres e ervanários cariocas - casas que vendiam ervas. Diferentes setores da sociedade, do rico ao pobre, mantinham suas práticas de uso. Entretanto, a frequência abundante de uso em caráter recreativo pelos escravos e grupos menos abastados iniciou uma forma de repulsa da elite carioca contra as práticas

¹ Aqui cabe enfatizar que se trata de um relato de experiência a partir da percepção dos autores e das dinâmicas desenvolvidas, abstraídas da localização dos participantes. Isso enfatiza a não necessidade do comitê de ética.

gregárias populares, o que colocou – aos poucos – a maconha num patamar estigmatizante de droga de desocupado. que justificou entre as décadas dos anos 1920 e 1950, do século XX, os movimentos de combate ao plantio e uso da planta (SILVA, 2015; FRANÇA, 2018).

Também conhecida como Cannabis (ou Canabis, em português) – termo que faz referência ao gênero científico da planta, a maconha possui vários codinomes: liamba, diamba, erva, boldo etc. Por isso, frequentemente as pesquisas com a planta têm sido intituladas de estudos canábicos. Parte desses estudos, como os conduzidos por Elisaldo Carlini (in memoriam), principalmente entre os anos 1970 e 1980, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), tentaram há décadas compreender a dinâmica farmacológica da Cannabis no organismo, buscando desmistificar o conceito de que a maconha é uma droga maldita, sem utilidade clínica.

Nesse mesmo caminho, Veríssimo (2017) abrange o conceito de cultura canábica, reconhecendo que o consumo da planta e as representações sociais a ela relacionadas têm sofrido influências de outros segmentos culturais, tais como as culturas de massa via internet. Para o autor, a edição de revistas especializadas, a militância através de marchas e exibições de filmes e debates nas redes sociais são ações que popularizam e permitem que a sociedade repense alguns mitos, abrindo espaço para avaliar o uso consciente e politizado não apenas da maconha, mas de outras plantas e drogas psicoativas (VERÍSSIMO, 2017).

Décadas se passaram e diferentes leis proibiram e regulamentaram os usos da maconha. Atualmente um movimento mais intenso de debates tem estimulado um novo olhar sobre o assunto, especialmente no âmbito medicinal. Convém lembrar que as discussões acerca das práticas recreativas, repressoras e medicinais da Cannabis não são assuntos novos no Brasil (SILVA, 2015; VERÍSSIMO, 2017; FRANÇA, 2018), perpetuando mitos, estigmas e preconceitos típicos de uma sociedade enraizada no proibicionismo o que – a nosso ver – ainda dificulta o alastramento do tema na escola.

No sentido acima exposto, Coelho, Monteiro e Barros (2017) entendem que o tema canábico não deve ficar de fora dos debates escolares, sobretudo pela dimensão interdisciplinar que o assunto carrega. Para os autores, os estudantes recebem nas mídias um aglomerado informativo que, embora tenham o intuito de esclarecer, também podem confundir ou segregar, caso a condução do assunto seja enviesada pela ótica da proibição da maconha. Nessa lógica, os autores sinalizam sobre a carência que estudantes encontram na própria escola para dialogar sobre informações científicas a respeito da maconha e outras substâncias, corroborando com a visão de Martins et al. (2020), de que o simples fato de as pessoas conversarem sobre o tema em tom de contentamento e risos podem ser vistos como subversão e apologia.

Para Martins *et al.* (2020), conversar sobre o tema Cannabis em espaços escolares é uma oportunidade de os jovens trocarem informações, construindo um aprendizado pautado nas suas realidades de vida. Em outras palavras, a inserção do tema nas aulas ou demais projetos escolares já se configura como caminho interdisciplinar na medida que favorece o surgimento de reflexões e o amadurecimento dos estudantes para entendimentos históricos, culturais e científicos

relacionados com a apropriação da planta e de seus derivados, implicando na congregação de saberes que aportam dimensões políticas e socioeconômicas (SILVA, 2015; COELHO; MONTEIRO, BARROS, 2017; VERÍSSIMO, 2017; MARTINS *et al.*, 2020).

Diante do mencionado, é cabível (e possível) a articulação do tema Cannabis com outros assuntos presentes no cotidiano dos estudantes, configurando uma perspectiva interdisciplinar aliada aos contextos reais e que não caminhe exclusivamente na disseminação de discursos preponderantemente biomédicos (SANTOS; MEIRELLES, 2020). Do contrário, é possível que o tema seja trabalhado de forma que outros saberes sejam convidados a participar, não de forma repressora e proibicionista (COELHO; MONTEIRO, BARROS, 2017; MARTINS *et al.*, 2020). Nesse alinhamento, entendemos a Redução de Danos (RD) - enquanto referencial pedagógico - caminha para esse encontro, na medida em que considera a multiplicidade de práticas de uso/ abuso da Cannabis entre os estudantes. Quer dizer, a Redução de Danos se ampara no reconhecimento das diferentes experiências que o jovem possui com a planta, seja das observações que faz com usuários próximos às experiências de uso que possui.

Partindo dessas questões, o presente trabalho tem por objetivo relatar, descrever e discutir, experiências vividas em um curso livre de extensão, realizado em uma escola pública de São Gonçalo, de maneira que ele colabore para que exista um caminho pedagógico que possa sensibilizar, atualizar e orientar os estudantes do Ensino médio (EM) para o científico, social e cultural relacionados ao uso da Cannabis, em diálogo com os saberes cotidianos dos participantes.

Além da introdução, o capítulo será organizado em mais quatro seções a saber: (1.1) A Educação popular no Ensino das ciências; (2) O curso Ciência da maconha: gênese e elaboração; (3) Resultados e Discussão sobre as observações do curso livre (4) considerações pertinentes.

1.1 A Educação popular no Ensino das ciências

Um marco da Educação popular foi o ano de 1920, a partir do movimento dos pioneiros da escola nova, no qual 26 educadores reuniram-se para pensar um documento para oferecer diretrizes para uma política educacional para todo o âmbito nacional (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2015). Dentre suas proposições apresentou a escola sendo laica, gratuita, pública e um local que atendesse todas as classes sociais, sem privilegiar uma delas.

Aos poucos, com a conquista de uma escola apoiada nos alicerces democráticos, surgem movimentos que desconstruem a educação bancária - aquela que tem o educador agente transmissor do saber aos seus educandos - e questionam as formas de ensinar e aprender vigentes. Inicia-se, então, um momento de novo entendimento pedagógico cuja valorização dos saberes dos educandos passa a ser revista (FREIRE, 2017), estimulando as experiências de vida e os saberes cotidianos produzidos ao longo da vida. A experiência dos educandos passou a ter um novo olhar e a permuta de saberes uma condição que fomenta as práticas educativas, o que favoreceu - em princípio - um olhar diferenciado para a educação das classes trabalhadoras e, a

partir disso, possibilitando novos caminhos interdisciplinares e imbricados com as experiências dos estudantes.

Adotando o cenário do Ensino das ciências² na escola básica, Coelho e colaboradores (2020) resgatam a importância que a educação popular tem assumido no cenário atual, sobretudo em tempos pós-pandêmicos. Segundo os autores, a partir de situações que congregam as experiências cotidianas com os saberes científicos de diferentes campos da ciência, é possível construir espaços de diálogo que corroboram com e ações que se caracterizam como Educação popular em Ciências na escola, nas quais através de uma série de oficinas sobre temas ligadas a diferentes áreas científicas, profissionais do campo da ciência permutam saberes com as comunidades escolares.

Para que fique mais claro o entendimento dos pressupostos da Educação Popular para o Ensino das ciências, convém sinalizar um pressuposto importante: reconhecer que a aprendizagem científica pode acontecer a partir da interlocução de saberes e não apenas da unilateralidade de um saber sobre o outro. Ou seja, pensar em Educação popular em Ciências reconhece e estimula que os saberes científicos podem fazer mais sentido se aproximados das experiências de vida e das peculiaridades dos estudantes, via canal interdisciplinar (SANTOS; MEIRELLES, 2020; COELHO *et al.*, 2020).

2. O curso Ciência da maconha: gênese e elaboração

Tendo oferecido um breve aparato teórico acerca da educação popular em Ciências na seção anterior, convém destacar que o curso que descreveremos a seguir fez parte dos cursos livres de extensão oferecidos aos alunos do ensino médio e para a comunidade escolar de uma escola estadual de um município do Rio de Janeiro. Os cursos livres de extensão são oferecidos no mês de maio, desde 2018, e fazem parte do Projeto de ação extensionista interinstitucional (PEPCiências)³.

Integrando um dos cursos livres do mês de maio de 2022, foi elaborada uma formação para os alunos do EM intitulada “Ciência da maconha”, sendo mediado pelos dois primeiros autores deste capítulo. A elaboração do curso livre foi realizada conjuntamente entre a coordenação do PEPCiências, o Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química (PEQUI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fazendo parte do projeto de pesquisa de Mestrado intitulado Ciência canábica no Ensino de química: Educação sobre drogas via Educação popular, vinculado ao PEQUI. Convém lembrar que o curso também foi monitorado pelo estudante de Iniciação científica Júnior (IC Júnior), bolsista do GPED.

² Nesse sentido, falamos de diferentes ciências envolvidas na formação humana e não apenas as ciências da natureza. Optamos, portanto, pelo termo Ensino das ciências.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=kfvYt8fPp4s>.

Alinhado aos pressupostos da EP e da RD, o curso teve a intenção de sensibilizar, atualizar e orientar os estudantes participantes para repensarem equívocos e estigmas sobre o consumo da planta a partir dos pressupostos de Martins *et al.* (2020) e do entendimento da cultura canábica proposto por Veríssimo (2017).

O curso livre teve duração total de 10 horas, distribuído em quatro encontros, durante as terças-feiras do mês de maio, como organizado no quadro a seguir:

Quadro 1 – Datas, temas e materiais utilizados nos encontros do curso livre

Datas	Temas	Material de apoio
03/05/2022	Encontro 1 – Motivações e expectativas sobre o curso. História da <i>Cannabis</i> .	- Relato das expectativas e motivações com o curso - Dinâmica dos balões
10/05/2022	Encontro 2 - A química da <i>Cannabis</i> . Drogas componentes. Tetrahydrocannabinol (THC), Canabidiol (CBD), terpenos e afins.	-Debate dos artigos da página 1 e 3 do Boletim Maconhbrás ⁴
17/05/2022	Encontro 3 - Práticas de uso e abuso da <i>Cannabis</i> : da recreação ao uso medicinal. Política, estigma e segregação	- Estudo de caso
24/05/2022	Encontro 4 – <i>Brainstorming</i> e <i>Feedback</i> sobre o curso.	- Acróstico de feedback

Metodologicamente, a proposta do curso foi informar e atualizar os estudantes com debates recentes acerca da *Cannabis*, provocar reflexões sobre a realidade imediata e as políticas públicas, bem como ouvir as experiências de vida dos estudantes do ensino médio e instaurar um ambiente de permuta de saberes (Martins *et al.*, 2020), mostrando a importância da RD como abordagem, política pública e suporte crítico sobre o tema.

⁴ O boletim pode ser acessado pelo link: <https://www.cebrid.com.br/wpcontent/uploads/2022/04/Boletim-Maconhbr%C3%A1s-09-Janeiro-Fevereiro-Mar%C3%A7o-2022.pdf>

No primeiro encontro do curso, partindo dos pressupostos da RD enquanto enfoque pedagógico, a intenção foi ampliar laços de confiança e permitir que percebessem o viés não moralista do curso. Curiosidades acerca da história da maconha do Brasil e no mundo foram pensadas, para alastrar as dúvidas e anseios acerca do tema, explorando o que traziam sobre o assunto. No segundo momento do primeiro encontro, a proposta da dinâmica dos balões teve a intenção de ampliar os laços entre os estudantes participantes e os mediadores, dado que no curso haviam estudantes de turmas diferentes do EM, tanto do ensino regular quanto da Nova Educação de Jovens e Adultos (NEJA). Nesta atividade cada estudante deveria amarrar um balão em seu tornozelo e evitar que fosse estourado. Deveriam mantê-lo intacto por um período de cinco minutos, sensibilizando a turma para o exercício da empatia, do autocuidado de evitar ações que pudessem gerar impactos na sua bexiga, peculiaridades da prática da RD.

No segundo encontro do curso, a centralidade foi dada às propriedades químicas, seus aspectos medicinais e recreativos, sobretudo buscando explicar os efeitos do uso da planta a partir do funcionamento do CBD, do THC e outras drogas encontradas na planta. A aposta não buscou seguir um debate causa-efeito, mas sim se apropriar das experiências que possuíam e do questionamento ao longo do encontro, confrontando conhecimentos atuais com o que sabiam sobre o tema, proposta similar ao sugerido por Coelho, Monteiro e Barros (2017) com o uso das charges sobre maconha. Para tal, para subsidiar o debate teórico e articulá-lo com as experiências, foi sugerida a leitura de dois pequenos artigos do boletim Maconhbrás, publicado pelo **Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID)**, que funciona no Departamento de Medicina Preventiva da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo).

No terceiro encontro, a proposta foi discutir diferentes práticas de uso, uma vez estabelecidos os conhecimentos acerca da química e da história da planta. Nesse caminho, a intenção foi conhecer as experiências de uso e abuso que vivenciaram (deles ou de pessoas próximas) e questionar – de forma crítica – possibilidades e viabilidades de processos de legalização e discriminação, a partir de experiências de países próximos, como o Uruguai, proposta adotada por Martins et al. (2020). Nesse caminho, uma intenção secundária foi permitir que emergissem narrativas acerca de práticas de uso em distintas regiões do Brasil, revelando aspectos emergentes da cultura canábica (VERÍSSIMO, 2017).

No último encontro, a proposta central foi realizar um feedback, para que eles trouxessem temas e impressões do que foi debatido ao longo do curso. Para tal, foi realizado o exercício do acróstico com a palavra MACONHA. Na prática, cada participante deveria utilizar a palavra maconha como modelo e listar outras palavras relacionadas, em que cada nova palavra deveria ser iniciada pela letra presente na palavra-chave maconha. A proposta, em nosso entendimento, resgataria aspectos centrais trazidos pelo curso, bem como um esforço de cognitivo de não repetir palavras já utilizadas.

3. Resultados e Discussão sobre as observações do curso livre

O curso contou com a participação de 20 alunos, distribuídos entre estudantes da NEJA (módulo II) e do regular noturno (primeira, segunda e terceira série), de composição heterogênea.

Acerca das expectativas, a maioria pronunciou de forma unânime sobre a importância de se ter um espaço para conversar e questionar sobre o tema de forma não segregadora, aspectos já apontados pela literatura (COELHO; MONTEIRO; BARROS, 2017; MARTINS, 2020) acerca do papel educativo da escola no âmbito da Educação sobre drogas e do patamar de resistência em que ele é colocado. Conhecer mais sobre o assunto foi destacado por alguns. Curiosamente, dos 20 participantes, apenas 4 não haviam tido experiência com o uso de *Cannabis*. Contudo, relataram experiências de pessoas próximas, incluindo familiares, o que revela a importância de o tema ser discutido nos espaços escolares.

Acerca da dinâmica dos balões, foi possível notar que apenas quatro alunos mantiveram suas bexigas cheias. Começaram a pensar nos motivos que levaram as ações no decorrer das atividades, mas a que prevaleceu foi o seguinte fato: ao ter sua bexiga estourada, estourou a do colega, sem nem pensar, como um ato quase refletor. Ao entramos no diálogo e discutimos a situação da dinâmica, trazendo-a para a vida real, muitos alunos se sentiram mal por estourarem a bexiga do outro, não possibilitando que o outro tenha o direito de participar da atividade, refletir sobre o quanto queremos estourar a bola do outro na vida real. A dinâmica estimulou a capacidade de reflexão e crítica dos alunos, bem como a participação, corroborando com os objetivos de ações pautadas na RD, como Coelho, Monteiro e Barros (2017) puderam observar também em seu trabalho.

Acerca do segundo encontro, o texto da Maconhabrás trouxe aspectos importantes sobre o uso do CBD e do THC e das possibilidades terapêuticas da maconha dado o cenário político vigente. Após a dinâmica, conversamos um pouco sobre a história da planta no Brasil e no mundo, as relações que ao longo das gerações a sociedade adquiriu com ela.

Ao longo dos encontros, especialmente no terceiro, os estudantes do ensino médio mostraram conhecedores do tema, pois possuíam contato, seja através da mídia, leituras e filmes, ou por histórico de uso recreativo ou proximidade com quem utiliza. Como relatado antes, parcela dos estudantes eram usuários da planta e os que não faziam uso, conheciam também pelo contato com usuários próximos, o que revela o alastramento da cultura canábica (VERÍSSIMO, 2017) em torno da comunidade escolar. Convém lembrar que, os alunos se manifestavam e alguns se declararam usuários sem qualquer indagação pelos mediadores, revelando a naturalidade de suas falas e a construção do espaço dialógico e não repressor construído pelo curso, fundamental para que os debates ocorram de forma espontânea e participativa (MARTINS *et al.* 2020).

Embora o debate químico sobre as drogas e componentes da planta tenham sido planejados para o segundo encontro do curso, curiosidades e informações sobre as diferenças morfológicas da planta, seu uso medicinal e recreativo foram abundantes em todas as etapas. Curioso notar que,

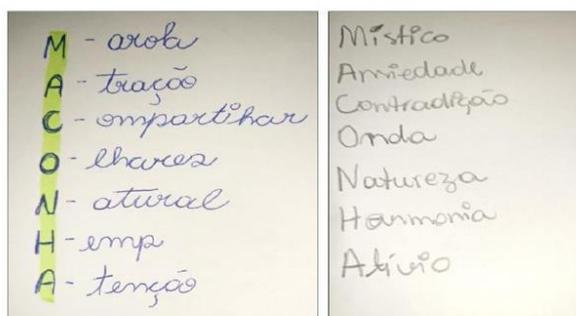
antes mesmo do segundo encontro, parcela dos participantes já usava termos científicos em seus discursos, como o THC e o CDB. Especificamente no terceiro encontro, relatos acerca da inconsistência das políticas públicas sobre drogas emergiram frequentemente. Questões de teor político e jurídico sobre as possibilidades de legalização no Brasil apresentavam controvérsias, sobretudo com equívocos acerca da legalização e descriminalização, vistas pela maioria como sinônimo, o que revelou o curso como um canal importante para se pensar e entender a dinâmica de formulação de leis, decretos e referendos.

No último dia de curso, ao terminarem a confecção dos seus acrósticos, cada material foi lido, para que todos refletissem nas palavras adotadas pelos colegas, estimulando um exercício de observação e de reflexão. Os acrósticos reafirmaram alguns conceitos e possibilitaram que alguns assuntos discutidos no curso fossem retomados, contribuindo assim para ampliar o diálogo acerca da *Cannabis*.

Abaixo (figura 1) encontram-se dois exemplos de acrósticos confeccionados pelos estudantes do curso livre. O da esquerda apresenta uma série de sentimentos despertados no estudante, surgidos de sua relação com a substância. O material ainda apresenta expressões e termos, sendo eles “*Hemp*”, termo em Inglês para nomear maconha (especificamente o cânhamo); “*marola*”, cheiro exalado da planta quando aquecida e “*natural*”, indicado que se trata de uma planta. Todas as palavras escritas apresentam conexões com assuntos debatidos ao longo do curso, temas explorados na história, práticas de uso e políticas.

O segundo acróstico (direita), traz a ideia de místico, filiando a maconha ao uso ritualístico, como bem apontado ao longo dos encontros; sentimentos apresentados pelos usuários: “*ansiedade*”, “*onda*” (efeito do THC no organismo, quando ele chega ao cérebro depois de inalado), “*harmonia*” e “*alívio*”. Também foi possível observar que remete a contradição, relacionando os efeitos nos pacientes usuários de medicamentos pela *Cannabis*.

Figura 1- Acrósticos confeccionados pelos cursistas



Fonte: Os autores

Curioso notar que termos como “Hemp”, “Pot” e “Marajuana”, termos estrangeiros, também surgiram nos acrósticos e também ao longo dos debates. Poucos cursistas conheciam os termos mais usados no passado, como por exemplo pito de pango, liamba, diamba etc. Isso mostra, assim entendemos, uma aculturação americana e sua influência, uma diminuição das tradições africanas e populares e também uma vinculação à uma indústria midiática forte. Também, há de considerar, revela as nuances e performances da cultura canábica e, sobretudo, da cultura disseminada pela internet, como percebido no trabalho de Veríssimo (2017), também apresentam um aprendizado sobre a planta e sobre o antiproibicionismo, gerados pela internet.

Observando um panorama geral do curso livre, foi possível perceber – resultante das observações do estudante de IC Júnior – algumas especulações colocadas pelos cursistas. Uma delas foi acerca da escola manter o debate constante sobre o uso da *Cannabis* nas salas de aula. O segundo foi a indicação que alguns estudantes fizeram a outros alunos (que se inscreveram em outros cursos), da importância de realizarem o curso sobre maconha, para repensarem suas práticas. Em nosso ponto de vista, a busca do curso em si já se coloca como uma estratégia de RD, a partir da busca da formação para adquirirem mais informações e conversarem sobre o que já conhecem (inclusive sobre o uso clandestino), sem o peso do julgamento típico das práticas educativas proibicionistas.

Algo que cabe sinalizar como resultado do curso livre é o processo de certificação.

Embora os cursistas soubessem que se tratava de um curso livre, o simples de fato de receber a certificação, segundo eles, traz consigo um sentimento de pertença importante na escola, na qual sentem-se parte da comunidade escolar, são estudantes e fizeram um curso naquela escola, também disseram que com a certificação em mãos, comprovar que discutiram sobre o tema e podem de maneira embasada em dados, conversar sobre o tema, levando uma maior quantidade de informações científicas discutidas ali. Isso já foi registrado por Coelho *et al.* (2020) em outras ações do PEPCiências. De alguma forma, é um momento importante dos cursos livres que legitima todo o espaço dialógico construído e os autoriza a serem disseminadores desse tipo de conversa sobre a *Cannabis* dentro e fora da escola.

4. Considerações pertinentes

O curso livre de extensão intitulado Ciência da maconha apresenta-se como um caminho pedagógico de baixo custo e acessível para os professores desenvolverem em suas aulas, sobretudo considerando as particularidades regionais e as experiências dos estudantes. Considerando as discussões trazidas no presente trabalho, pensamos em produzir um caminho pedagógico que pudesse fomentar espaços de debate sobre o tema maconha na escola. Usaremos o termo caminho pedagógico, dado que se trata de um curso livre de extensão com quatro encontros semanais de duas horas. Ele pode ser adaptado para diferentes disciplinas, buscando a interdisciplinaridade do tema e a troca de saberes entre os estudantes e considerando a RD como pressuposto fundamental para estimular a troca de experiências e a análise conjunta dos contextos e situações que emergem no curso. Em outras palavras, o curso é, ao mesmo tempo um

conjunto de ferramentas e se conjuga como uma estratégia que não demanda de muitos materiais e pode ser realizada pelas escolas mais carentes, dado que a estrutura do curso se baseia na mediação e troca de experiências, na busca de uma aproximação entre os saberes científicos e os populares.

As atividades e dinâmicas ao longo no curso colocaram a planta em debate, suas potencialidades e questões de uso foram conversadas. Cabe salientar que a formação reconheceu não apenas as experiências e saberes dos cursistas, como se converteu em espaço de compartilhamento, um fórum qualificado, abrigado no interior da instituição escolar e por ela legitimado, dando respaldo às suas demandas, questionamentos e expectativas de um modo seguro e acolhedor, sem julgamento prévio condenatório, sem estereótipos e culpabilização.

Agradecimentos

Aos alunos participantes, que enriqueceram o curso com seus saberes cotidianos e experiências de vida, proporcionando novos olhares para levar o tema canábico para a sala de aula. Agradecemos também ao Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED) e ao GT interinstitucional Educação e Drogas do GIEESAA/UFRJ.

Referências

BARBOSA, A. J. G.; PEREIRA, C. E. DE S.; DE OLIVEIRA, J. C. Prevenção escolar ao uso de drogas por adolescentes: intervenções que funcionam. 49-70 p. In: **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar**. RONZANI, T. M.; SILVEIRA, P. S. (orgs). Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2014.

COELHO, F. J. F.; SILVA, S. M.; -MARTINHON, P. T.; SOUSA, C. Educação científica popular e protagonismo juvenil de mãos dadas: a ação de extensão PEPCiências no Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira, São Gonçalo, RJ. In: COELHO, F. J. F.; DA SILVA, S. M.; -MARTINHON, P. T.; SOUSA, C. (orgs.). **Educação em ciências, saúde e extensão universitária** Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S.; BARROS, M. D. M. Papo aberto sobre *Cannabis*: o uso de charges como estratégia educativa para estimular debates sobre drogas nas aulas de Ciências e Biologia. In: IV Encontro Regional de Ensino de Biologia da 4ª regional. Minas gerais, 2017. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1RAVW4qxd-pKN2doy0zzWOcAxm8NAZqDK/view> >. Acesso em 25 de maio de 2022.

COELHO, F. J. F.; SILVA, S. M. da; TAMIASSO-MARTINHON, P.; SOUSA, C. . Popularização da ciência, educação popular e ensino de ciências e saúde a partir do voluntariado: potencialidades e limitações no projeto PEPCiências na visão dos monitores. **Revista de Educação Popular**, v. 19, n. 3, 2020, p. 274-292. DOI: 10.14393/REP-2020-53236.



- FRANÇA, J.M.C. **História da maconha no Brasil**. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2018. 152 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. 255 p.
- MARTINS S.; COSTA, V. M., COELHO, F. J. F.; SOUSA, C. “debates sobre a legalização da maconha na sala de aula: pedagogia ou apologia na era da resistência?”. **RevistAleph**, n. 34, julho, 2020. pp. 404 – 417. DOI: <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v0i34.40829>
- PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Cadernos de Formação Educação Popular e Direitos Humanos**. São Paulo: Editora Instituto Paulo Freire, 2015. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/livros/Cadernos_Formacao_Educacao_Popular.pdf.
- SANTOS, T. T.; MEIRELLES, R. M. S. **A interdisciplinaridade nas práticas educativas da Educação em saúde**. In: COELHO, F. J. F.; MEIRELLES, R. M. S. (Org.) Ensino de Biociências, Meio ambiente e Saúde: dialogando com referenciais teóricos. Curitiba, Brazil Publishing, 2020. 158 p.
- SILVA, M. L. **Drogas: da medicina à repressão policial: a cidade do Rio de Janeiro entre 1921 e 1945**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2015. 332 p.
- VERÍSSIMO, M. **Maconheiros, fumons e growers: um estudo comparativo do consumo e do cultivo caseiro de cannabis no Rio de Janeiro e em Buenos Aires**. Rio de Janeiro: Autobiografia, 2017. 412 p.

Imagem 3- Certificado do evento SCIENTIARUM HISTÓRIA



Imagem 4- Trabalho apresentado no 4º Encontro Internacional História e Parcerias



NARRATIVAS, MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS EM AÇÕES PEDAGÓGICAS SOBRE SEXUALIDADE E DROGAS NO ENSINO

LARISSA RANGEL MIRANDA | PRISCILA TAMIASSO-MARTINHON

O trabalho emerge como uma proposta pensada, a partir das leituras dos textos do educador Paulo Freire sobre pedagogia libertadora, nos quais por meio da educação emancipatória os educandos tornam-se protagonistas de suas histórias, percebem-se cidadãos e também estudantes que apreciam suas vivências e toda cultura que os envolve (FREIRE, 2002). Envolvidas pela ideia de emancipação dos estudantes somados aos relatos obtidos durante a abordagem dos temas sexualidade e drogas dos licenciandos em Química, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, durante oficinas e rodas de conversa objetivo da pesquisa é promover espaços de diálogo, bem como elaboração de autobiografia que sejam escritas narrativas e memórias sobre a ação, bem como a atuação docente a respeito dos temas citados anteriormente. Elaborar um memorial torna-se uma fonte importante para compreender ações dos estudantes em formação, bem como o cotidiano escolar corroborando com o estudioso sobre a escrita de memoriais educacionais, Antônio Novoa (1988) que afirma a autobiografia colaborar para a ideia de que o processo de formação é permeado pela reflexão sobre os caminhos trilhados na vida do indivíduo. Os diálogos relacionados às drogas foram tecidos pelo viés da redução de danos (RD)- conjunto de políticas e ações de saúde pública visa reduzir os danos à saúde do usuário de drogas; já os relacionados à sexualidade- inspirados nos Parâmetros curriculares Nacionais (PCN)- contendo temas transversais que em sua composição discutem quais devem ser abordados para a promoção de saúde (BRASIL, 1997). Em torno da diversidade de assuntos esperados, surgiram: gravidez na adolescência, abuso de medicamentos, precariedade da abordagem sobre sexualidade na escola e família.

Imagem 5- Certificado de participação no 4º Encontro Internacional História e Parcerias



Imagem 6- Trabalho apresentado no Simpósio Internacional da Pós- graduação em ensino: desafios para a formação docente no século XXI



EDUCAÇÃO SEXUAL: TRABALHANDO VIVÊNCIAS PARA SE CONHECER E SE RECONHECER

Larissa Rangel Miranda, mestranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em ensino de Química, Instituto de Química, larissarangel04@gmail.com

Priscila Tamiasso-Martinhon, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Química, pris-martinhon@hotmail.com

Célia Sousa, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Química, sousa@iq.ufrj.br

Ensino de Ciências hoje (formação de professores e práticas em educação básica)

RESUMO

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2017) é na adolescência que a maioria da população inicia a vida sexual. Nesse período, a(o) adolescente desperta para o conhecimento do próprio corpo, sendo caracterizada como uma fase de experimentação, em que (independentemente do gênero) deveria poder contar com o apoio da família e da escola. Estes dois núcleos, por meio da educação sexual, deveriam mediar reflexões e diálogos importantes a respeito de prevenção da gravidez, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), métodos contraceptivos ou qualquer assunto importante para esse ser que está se descobrindo. Esse público, de forma geral, além de não possuir informações corretas para vivenciarem sua sexualidade também não possui interlocutores capazes de promover diálogos plurais e sem julgamento de valor (seja no ambiente escolar e/ou familiar). Inclusive, muitos adolescentes apresentam receio de assumir que iniciaram sua vida sexual de forma ativa. Como consequência de práticas inseguras, podem ocorrer as IST, sendo principalmente transmitidas por meio do contato sexual sem o uso de camisinha (CHAVES et al., 2020). Muitos pesquisadores vêm se debruçando sobre a temática. Genz e colaboradores (2017), por exemplo, destacam a importância de as escolas realizarem atividades educacionais que visem promover a integração entre escola, família e serviços de saúde, colaborando para que ocorra autonomia e emancipação individual do adolescente em suas decisões sobre uma vida sexual de forma segura. Camargo e Botelho (2007) destacam que a maioria dos adolescentes possuem práticas sexuais inseguras devido ao tema ser tabu na sociedade. Podemos perceber no trabalho de Feitosa (2018) que a prática sexual insegura pode levar à IST e à gravidez não planejada, podendo trazer algumas consequências de cunho social para estes adolescentes. O trabalho de Fonseca e colaboradores (2010) afirma a existência de alguns fatores relacionados ao aumento de IST nos jovens e adolescentes, vale destacar o despreparo dos profissionais da educação em abordar o tema na escola. Os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN (BRASIL,1997) apresentam a orientação sexual de forma transversal, devendo ser abordado por diversas áreas do conhecimento. Como afirmam Barros e Miranda (2019), eles constituem o principal guia para educadores brasileiros promoverem debates sobre educação sexual nas escolas. Tendo posto todas as implicações advindas da escassez de discussão do tema sexualidade nas escolas e como base os PCN, o presente trabalho objetiva através de dinâmicas e roda de conversa promover discussões que mostrem a sexualidade como senso de autocuidado e autonomia. As

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO

Rio de Janeiro, 7, 8 e 9 de maio de 2024





atividades foram realizadas com um total de 25 estudantes do ensino médio regular, de uma escola do estado do Rio de Janeiro. Aspectos curiosos e retomada das vivências foram mobilizados para compreender a importância da temática na juventude. Também foram utilizadas charges relacionadas o assunto sexualidade e educação sexual. Os participantes organizaram-se em cinco grupos, de cinco alunos e escreveram ou desenharam suas interpretações sobre as charges em uma folha de papel e em seguida apresentaram para a turma. Portanto, as atividades atentaram para a importância de espaços para discussão da temática considerada tabu, colaborando para ampliação da abordagem no âmbito escolar e promovendo saúde.

Palavras-chave: educação sexual; Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST); Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

Figura 7- Certificado de participação no evento Simpósio Internacional da Pós- graduação em ensino: desafios para a formação docente no século XXI

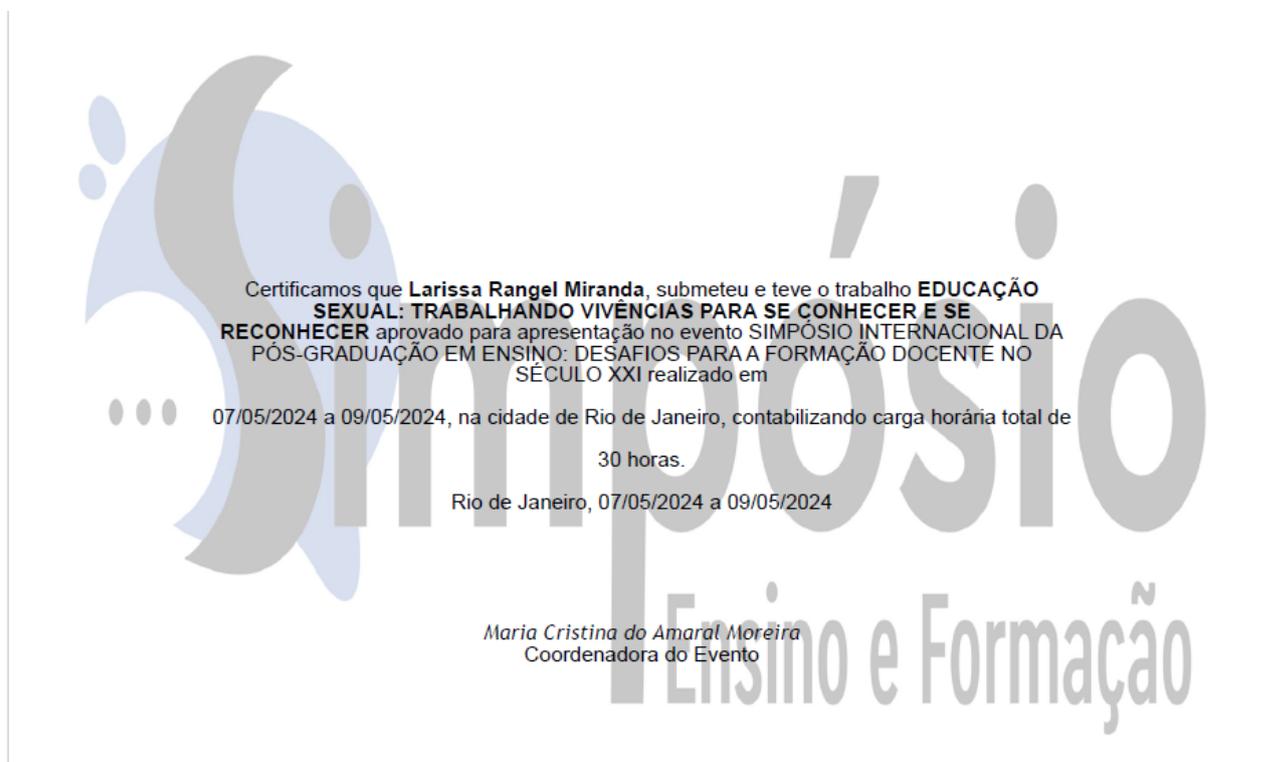


Figura 8- Trabalho apresentado no evento Congresso Nacional em Saúde da Mulher

REALIZAÇÃO: INSTITUTO ACADEMIC
APOIO: EDITORA ACADEMIC



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS (AUTOBIOGRAFIA) DE UMA PROFESSORA SOBRE ATUAÇÕES COM O TEMA CORPO NO ENSINO DE QUÍMICA

¹ Larissa Rangel Miranda; ² Priscila Tamiasso-Martinhon; ³ Célia Sousa;

larissarangel04@gmail.com¹; pris-martinhon@hotmail.com²; sousa@iq.ufrj.br³

INTRODUÇÃO

Ao falar sobre memória autobiográfica docente torna-se importante abrir um espaço para as narrativas das professoras, ceder espaço à docência feminina, pois corroborando com o estudo de Gomes, Assis e Soares (2022) a respeito dos trabalhos que envolvam o assunto, existe a necessidade de uma renovação de literatura, que seja conhecida de forma ampla e aborde a realidade vivida na docência. Os autores defendem que a memória das educadoras possui valor histórico para a sociedade, já que a falta de representação na historiografia se justifica de duas formas: devido a ser um grupo que sofre constante exclusão e opressão ou por suas memórias não serem de interesse investigativo.

OBJETIVO

Escrever as narrativas memorialística da trajetória docente como professora sobre o tema corpo e destacar a aplicação de uma oficina que relacione corpo e ensino de Química, objetivando assim contribuir para a formação do professor(a) reflexivo.

MÉTODO

Utilizou-se uma abordagem qualitativa (Lüdke e André, 2013), aliada a observação foi utilizada a metodologia da história de vida, definida como um relato de um narrador sobre sua trajetória pessoal, reconstituindo fatos vivenciados, buscando assim, transmitir a sua experiência (QUEIROZ, 1988, p. 20). A observação não participante direta foi desenvolvida com 20 licenciandos em Química da UFRJ. Durante a atividade discutir diferentes percepções sobre papéis sociais adotados por homens e mulheres na escola e sociedade atuais e como a mídia pode influenciar na formação da identidade pessoal e docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das três charges (figura 1), cada participante, utilizando *post-it*, escreveu três palavras pensadas a partir da interpretação pessoal sobre a temática. Após as escritas, cada participante em voz alta explicou a escolha das palavras e forneceu suas apreensões a respeito de cada charge. As palavras explicadas na discussão sobre as charges giraram em torno da culpabilização do próprio indivíduo em torno do seu aumento de peso ou situação de obesidade; como os padrões de beleza mudam de acordo com a sociedade na qual os jovens, adolescentes e adultos se encontram e que constantemente corpos magros venham sendo expostos em diversas mídias como padrão corporal ideal, quais efeitos na saúde essa discussão pode gerar.

Figura 1- Charges apresentadas para reflexão da temática corpo



Fonte: da esquerda para direita- www.bichodagoiaba.com.br/padrao-de-beleza-ao-longo-dos-anos.html; Blogspot AFTM; <https://estereotipos.net/2009/06/24/estereotipos-e-aparencia-fisica-ser-magra/>.

CONCLUSÃO

O trabalho destaca a importância da autobiografia docente colaborando para prática reflexiva e promoção de saúde.

REFERÊNCIAS

GOMES, J. de O.; ASSIS, F. A. N.; SOARES, M. V. R. Memórias e trajetória docente: relatos de uma professora. História e Cultura. Artigos Livres e Resenhas. v.11, n.2, dez/2022.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E.D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 2ª edição. São Paulo: EPU, 2013.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. (Org.). Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Pedro: Vértice, 1988.

Modalidade de Trabalho: Resumo Simples (x) Resumo Expandido ()

Figura 9- Trabalho submetido na I Jornada de Formação de Professores de Química do Instituto de Química da UFRJ aguardando aprovação



Reflexões memorialísticas da trajetória escolar durante a formação docente inicial e, ou, continuada: narrativas e vivências sobre corpo, sexualidade e drogas

Larissa Rangel Miranda (PG)¹, Priscila Tamiasso-Martinhon (PQ)^{2,3}, Célia Sousa (PQ)², Grazieli Simões (PQ)²

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química, PEQui-UFRJ; ²Professora do Departamento de Físico-Química, IQ-UFRJ; ³Professora do PEQui-UFRJ.

Resumo

Um Recurso Educacional Aberto (REA) é definido como "material de ensino, aprendizado e pesquisa em qualquer suporte ou mídia, que estão sob domínio público, ou estão licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros."³ Além de ser um recurso, também é um engajamento no qual educadores de forma colaborativa e participativa podem compor, compartilhar e readaptar materiais de uso livre, respeitando as normas de reprodução dos mesmos, para que outros educadores e educandos beneficiem-se de informações e discussões contidos nestes, e ainda concedendo os devidos créditos aos autores do conteúdo, evitando plágio. Este recurso apresenta como objetivo proporcionar um espaço para compartilhar informações científicas e narrativas sobre corpo, sexualidade e drogas com licenciandos, através de uma aprendizagem pautada no diálogo, fundamentada na pedagogia de Paulo Freire¹, onde o diálogo fomenta uma postura crítica e uma preocupação em ouvir as reflexões do outro, sendo a condição necessária para que o conhecimento seja construído. Os objetivos específicos abraçam o refletir sobre corpos, para além da finalidade de ocupar lugar no espaço, pensando suas relações com a escola, família e sociedade; utilizando narrativas e vivências de cada licenciando, percebendo o "eu", indivíduo, corpo, que possui um papel político na sociedade, que atuará na escola enquanto docente. A metodologia empregada foi pautada na perspectiva discente~docente~aprendente (DDA). As atividades propostas envolveram rodas de conversa, confecção de charges e mapas mentais, em um total de quatro encontros, divididos em quatro semanas seguidas, com duração de aproximadamente duas horas por encontro. No primeiro encontro foram aplicadas atividades sobre o tema corpo; no segundo, abordado o tema sexualidade; no terceiro, educação sobre drogas e por último, confecção dos planos de aula e planejamento reverso, juntamente com um *feedback*. Desta forma, a ação colabora para a valorização autobiográfica², escrita pela própria trajetória vivida pelo futuro docente, que influenciaram na escolha do curso de licenciatura em Química. A autobiografia colabora para que o processo de formação seja permeado pela reflexão sobre os caminhos trilhados na vida do indivíduo³. Pode-se afirmar, no momento em que os licenciandos escrevem as suas trajetórias vividas, cada fato faz com que os participantes apropriem-se de sua história, colaborando para a construção de sua identidade. Portanto, propagar o debate sobre a formação docente com os temas corpo, sexualidade e drogas em diversos espaços educacionais, busca conscientizar o licenciando a respeito do tema, colaborando para promoção da saúde, além da utilização dessas temáticas em futuras ações pedagógicas.

Referências: ¹FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. ²NÓVOA, A. **A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosal**. p. 107-129 In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.) **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. ³UNESCO/COL. **Guidelines for Open Educational Resources (OER) in Higher Education**. Vancouver: COL, 2011. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002136/213605E.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

Agradecimentos

Ao grupo GIEESAA, GIMEnPEC e LEPEDIR pelo apoio na implementação do presente trabalho.





REMEMORANDO A TRAJETÓRIA ESCOLAR DURANTE A FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL: NARRATIVAS E VIVÊNCIAS SOBRE CORPO E SEXUALIDADE

Larissa Rangel Miranda¹, Priscila Tamiasso-Martinhon², Célia Sousa³

¹ mestrande da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em ensino de Química, Instituto de Química, Rio de Janeiro, Brasil (larissarangel06@gmail.com)

² professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Química, Rio de Janeiro, Brasil (priscu-martinhon@hotmail.com)

³ professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Química, Rio de Janeiro, Brasil (soussa@iq.ufrj.br)

Resumo: O trabalho foi desenvolvido com base na ideia de Paulo Freire (1996), refletindo sobre incompletude- o indivíduo não está completo, necessita através das relações buscar-se completar, sempre recriar-se e construir saberes, nas relações desenvolvidas, nas experiências e aprendizados compartilhados. Utilizou-se como base os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN (BRASIL,1997) que apresentam a orientação sexual de forma transversal, devendo ser abordada por diversas áreas do conhecimento. Barros e Miranda (2019), afirmam que os PCN constituem o principal guia para educadores brasileiros promoverem debates sobre educação sexual nos espaços educacionais. O presente trabalho apresenta como objetivo refletir sobre uma oficina aplicada para licenciandos em Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na qual foram compartilhadas informações científicas e narrativas sobre corpo e sexualidade, por via de uma aprendizagem baseada no diálogo, fundamental na pedagogia de Paulo Freire, a qual afirma que o diálogo fomenta uma postura crítica e preocupação em ouvir o pensamento, colocação do outro, sendo essa a condição necessária para que o conhecimento seja construído. A metodologia foi baseada na observação não participante, que ocorre quando um observador não integra o grupo que deseja aplicar sua pesquisa, no entanto, pesquisador e participantes integram no mesmo espaço durante a realização do estudo. Utilizamos a observação direta, analisamos e registramos as atividades da oficina (Santos, 1994). A oficina foi aplicada em dois dias de encontro, com duração de duas horas cada. Durante a oficina foram apresentadas informações relacionadas à temática corpo e sexualidade, os licenciandos foram convidados a refletir como os corpos não são somente massa e ocupam lugar no espaço, mas formados por relações obtidas nos espaços e com as demais pessoas que compõem a família, escola, universidade e sociedade na qual todos se encontram inseridos (Sato, 2018, p.25). A ideia centrou-se na percepção do "eu" como representação do corpo, que possui um papel político na sociedade, capacidade de se emancipar e reflete sobre a atuação na escola enquanto licenciando, futuro docente. Portanto, as atividades atenderam para a importância de espaços para discussão das temáticas consideradas tabus, colaborando para ampliação da abordagem no âmbito educacional e promovendo saúde.

Palavras-chave: Sexualidade; Corpo; PCN.

Anais do V CoBICET – Resumo simples

Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia

26 a 30 de agosto de 2024



Agradecimentos: Agradecendo aos grupos de pesquisa GIEESA E GIMEMPEC, nos quais os participantes foram colaboradores, promovendo debates sobre formação docente, ensino e pesquisa.

XII COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE - RIO DE JANEIRO 2024

Educação Libertadora

Esperanças para a reconstrução do Brasil

CERTIFICADO

Certificamos que Larissa Rangel Miranda Hassan, participou com apresentação de trabalho intitulado **NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE UM DEVER EDUCADORA NO SÉCULO XXI: REFLEXÕES A PARTIR DE VIVÊNCIAS ESCOLARES** no **Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire Rio de Janeiro/RJ 2024 - "Educação Libertadora: Esperanças para a reconstrução do Brasil"**, promovido pelo Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas nos dias 23 e 24 de agosto de 2024, com uma carga horária total de 04 horas.

Rio de Janeiro, 25 de agosto de 2024



Prof. Maria Erivalda dos Santos Torres
PRESIDENTA DO CENTRO PAULO FREIRE-ESTUDOS E PESQUISAS



Código para validação do certificado:
\$2y\$10\$DQxpthell11Bj:fljVJq3u0Mny58q58JVvTfoL4Pw.CN0gLj9Dp.K



Certificado emitido pela plataforma Eventos - Centro Paulo Freire em 25 de agosto de 2024



Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire

Educação Libertadora
Esperança para a reconstrução do Brasil



**FORMAÇÃO DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO:
ENGAJAMENTO SOCIAL, POLÍTICO E PEDAGÓGICO
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE UM DEVIDR EDUCADORA NO
SÉCULO XXI: REFLEXÕES A PARTIR DE VIVÊNCIAS ESCOLARES**

Larissa Rangel Miranda¹

Priscilla ~~Tupinambá~~ ~~Monteiro~~²

Célia Souza³

O presente trabalho emerge como uma proposta pensada, a partir das leituras dos textos do educador Paulo Freire sobre pedagogia libertadora, nos quais por meio da educação emancipadora os educandos tornam-se protagonistas de suas histórias, passam-se cidadãos e futuros educadores⁴ que apreciam suas vivências e toda cultura que se envolve, aliado também à leitura de Antônio Novoa, que defende a autobiografia docente⁵ colaborar para a ideia de que o processo de formação seja permeado pela reflexão sobre os caminhos trilhados na vida do indivíduo. Compartilhar reflexões que emergiram durante a construção autobiográfica do Deividr educadora de Ciências no século XXI, a partir do resgate memorialístico de atuações pedagógicas, envolvendo a temática corpo, sexualidade e drogas, colaborando para aplicação de um Recurso Educacional Aberto (REA) sobre corpo, sexualidade e drogas para licenciandos em Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Utilizou-se a observação não participante aliada a metodologia da história de vida, com o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo. Acredita-se que a emancipação seja um caminho para reflexão das narrativas memorialísticas sobre as atuações dos educadores (autobiografia), bem como colabore com a escrita das memoriais educacionais, permitindo que o professor aumente seu autocorhecimento, reflita sobre os fatos ocorridos em sua atuação, expondo a causa e as consequências das atuações com determinados temas e da relação professor-aluno e aluno-professor. Portanto a ação dispomos o exercício da reflexão docente por meio da escrita de narrativas memorialísticas e colaborar para a discussão das temáticas nas escolas e universidades, pensando nas diferentes percepções sobre papéis sociais adotados por homens e mulheres na escola e sociedade atual, bem como a mídia pode influenciar na formação da identidade pessoal e docente, objetivando assim contribuir para a formação do educador (a) reflexivo.

PALAVRAS-CHAVE: Perspectiva D-D-A, Narrativas, Formação docente.

REFERÊNCIAS

- ¹FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- ²NÓVOA, A. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto **Deividr**. p. 107-129 In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs) **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

¹ Bolsista de Programa de Pós-Graduação em Física de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil, larissarangel94@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Física de Química (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil, prä-martins@ufrj.br

³ Professora do Departamento de Física-Química de Instituto de Química (IQ-UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil, celiasouza@ufrj.br

Av. Acadêmico Hélio Ramos, S/N Centro de Educação - UFPE - Recife - Brasil
contato: (81) 9.9379 - 6817 e-mail: czfreire2020@gmail.com | czfreirecolouso@gmail.com

Verifique o código de autenticidade 8601349.581647.564539.0.5780946185936596047 em <http://www.event2.com.br/documentos>

V COBICET

CERTIFICADO DE TRABALHO



Certificamos que o trabalho intitulado **O uso da temática Plantas Medicinais para o Ensino de Química Orgânica** de autoria de **Beatriz Pereira Cavalcante, Célia Regina Sousa da Silva, Larissa Rangel Miranda e Priscila Tamasso Martinhon**, foi submetido no V Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia - "Edição Especial: 5 anos da integração da ciência e tecnologia". O trabalho foi aprovado e publicado nos anais do evento, em formato Resumo simples, na área temática ENSI - Ensino em Ciência e Tecnologia.

Online, 30 de agosto de 2024.


Profª Dra. Poliana Mendes de Souza
 Presidente do V COBICET


Profª Dra. Edna Maria Rangel de Sá
 Coordenadora do Comitê Científico do V COBICET


Profº Dr. Gabriel Gomes de Oliveira
 Vice-Coordenador de Comitê Científico do V COBICET

Instituições organizadoras e apoiadoras:





O uso da temática Plantas Medicinais para o Ensino de Química Orgânica

Beatriz P. Cavalcante¹, Priscila Tamiasso-Martinhon², Célia Sousa³, Larissa R. Miranda⁴.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil bperto@hotmail.com.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil pris-martinhon@hotmail.com.

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil sousa@iq.uffj.br.

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil larissarange104@gmail.com.

Resumo: A Química é, contudo, pela maior parte dos alunos uma disciplina como de difícil compreensão, e tal visão está, provavelmente, relacionada a forma como ela é tratada em sala de aula, onde é dado bastante ênfase a simples memorização de nomes e fórmulas, na maioria das vezes, sem a devida contextualização.

O uso da relação de conceitos químicos com a vida e com o cotidiano quando utilizada pelos professores de química, torna uma boa estratégia de abordagem de ensino.

Em consonância, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe que os conteúdos do Ensino Médio devam preparar o estudante para o mundo, com pensamento mais crítico e reflexivo, enfrentando os desafios da atualidade, visando uma educação integral e formação cidadã (BRASIL, 2018).

Várias plantas da flora brasileira são utilizadas através dos tempos com o objetivo de aliviar sintomas e/ou curar doenças como hipertensão arterial, diabetes mellitus, inflamações, infecções, entre outras doenças (BARACHO, et al., 2006).

Por outro lado, inúmeras plantas fazem parte do convívio junto a população e em geral como plantas medicinais para os diversos tratamentos, contudo embora existam atividade farmacológica comprovada, muitas pessoas não conhecem a toxicidade delas, o que pode por ora causar algum efeito colateral (SILVA, 2004).

A aprendizagem de Química no Ensino Médio requer dos estudantes a compreensão das transformações químicas que ocorrem no mundo, porém, muitos dos alunos apresentam dificuldade de aprendizagem e assimilação devido a falta de contextualização dos conteúdos que muitas vezes divergem da sua realidade.

As aulas de Química por métodos tradicionais são consideradas pelos estudantes, sem sentido, de difícil aprendizagem e de grande desinteresse e baixo rendimento. (MELO et al., 2016).

A partir desse pressuposto, a temática Plantas Medicinais foi escolhida com o objetivo de ser trabalhada, identificando e reconhecendo algumas das principais plantas empregadas no combate a diversas doenças, riscos e benefícios, estrutura química, grupos funcionais e propriedades dos seus princípios ativos, além de contextualizar a aprendizagem de mundo com o Ensino de Química.

O presente trabalho busca contornar tais situações e desenvolve uma apostila acerca da temática Plantas Medicinais, na qual aborda o Ensino de Química e suas estruturas químicas e grupos funcionais de algumas plantas medicinais mais conhecidas e utilizadas pela população.



O trabalho intitulado **NARRATIVAS E MEMÓRIAS DO “ESTAR DOCENTE/ PÓS GRADUANDA E MÃE” NA UNIVERSIDADE DO SÉCULO XXI**, de autoria de **Larissa Rangel Miranda**, **Priscila Tamiasso Martinhon** e **Célia Regina Sousa da Silva** foi aprovado na modalidade 5. Envio dos resumos aceitos com ressalvas, para apresentação no evento IV SELIQ - SEMANA DA LICENCIATURA EM QUÍMICA DA UFRJ a ser realizado 20/08/2024.

RIO DE JANEIRO-RIO DE JANEIRO-BRASIL

{assinatura.comissao}

COSELIQ - seliqufrj@gmail.com

Data do Aceite:20/08/2024

IV EDIÇÃO

Seliq
URU

1.2

NARRATIVAS E MEMÓRIAS DO “ESTAR DOCENTE/ PÓS GRADUANDA E MÃE” NA UNIVERSIDADE DO SÉCULO XXI

Larissa Rangel Miranda (PG)¹, Priscilla Tamiasso-Martinhon (PQ)^{2,3}, Célia Sousa (PQ)²

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química, FEQui-UFRJ; ²Professora do departamento de Físico-Química, IQ-UFRJ; ³Professora do FEQui-UFRJ mirandarl@gmail.com e prismartinhon@hotmail.com

Palavras-Chave: memória, docência, maternidade

Introdução

Escrever as memórias da constante busca por uma docência reflexiva⁴ é o que move a vida docente adentrando pelo universo da formação continuada. A palavra universo é utilizada, pois existe uma infinidade de assuntos e temas que o educador(a) ao sair da universidade e atuar efetivamente em sala de aula, com uma turma numerosa pode se deparar. Ao falar sobre memórias autobiográficas docentes é muito importante abrir um espaço para as narrativas das professoras⁵, pois existe uma necessidade de uma renovação de literatura e que seja conhecida de forma ampla a realidade vivida na docência. O objetivo do trabalho foi o de valorizar a autobiografia docente utilizando-se de narrativas memorialísticas.

Resultados e discussões:

O início dessa caminhada como pós-graduanda/ mestranda, educadora e mãe é desafiador, é perceber-se agora como alguém que precisa ser criativo e propor temas, atividades para que todos realizem em determinado período de tempo semanal. As narrativas memorialísticas desses 10 anos como educadora demonstram que ocorre uma constante busca por renovar-se, estando certos de que não existem respostas para todas as indagações e a cada ano da caminhada a formação continuada possibilita que o professor forme sua identidade docente. Escrever memórias docentes e compartilhar um espaço com outros docentes que também compartilham práticas e podem refletir sobre elas é de suma importância e colabora para a formação do professor reflexivo. Escrever narrativas, memórias sobre o estar docente

e também pós-graduanda, não se torna possível, caso não escreva sobre a importância do meu “maternar”⁶. Pois nada se isola, todos esses lugares em que me encontro se interligam e se completam, um apoia o outro e assim sigo o meu caminho.

Conclusão:

Apointar que por mais que existam lutas, há sempre uma oportunidade de recomeçar, muitas vezes é sobre ter um novo olhar sobre a mesma situação.

Agradecimentos:

Agradecemos aos grupos GIEESAA, GIMEnPEC pelo apoio na implementação do presente trabalho.

⁴FRERE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

⁵GOMES, J. de O.; ASSIS, F. A. N.; SOARES, M. V. R. Memórias e trajetória docente: relatos de uma professora. História e Cultura: Artigos Livres e Resenhas, v.11, n.2, dez/2022.

⁶URPIA, A.M.de O.; SAMPAIO, S. M. R. Tomar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas de conciliação maternidade-vida universitária. Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras, vol. 3 (2) 2009. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/leer/index.php/reconcecao/arquivos/view/1094/883>. Acesso em: 20 maio 2023.



O trabalho intitulado **PLANTAS MEDICINAIS: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA E CONTEXTUALIZADA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**, de autoria de **Beatriz Pereira Cavalcante**, **Priscila Tamiasso Martinhon**, **Larissa Rangel Miranda** e **Célia Regina Sousa da Silva** foi aprovado na modalidade 5. Envio dos resumos aceitos com ressalvas, para apresentação no evento IV SELIQ - SEMANA DA LICENCIATURA EM QUÍMICA DA UFRJ a ser realizado 20/08/2024.

RIO DE JANEIRO-RIO DE JANEIRO-BRASIL

{assinatura.comissao}

COSELIQ - seliqufrj@gmail.com

Data do Aceite:20/08/2024

E



PLANTAS MEDICINAIS: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA E CONTEXTUALIZADA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.

Beatriz P. Cavalcante^{1*} (PG), Priscila Tamiasso-Martinhon² (PQ), Célia Sousa³ (PQ), Larissa R. Miranda⁴ (PG).

apcrio@hotmail.com¹, prisi@iq.ufjf.br², sousa@iq.ufjf.br³, miranda104@gmail.com

Palavras-Chave: Plantas Medicinais, Ensino de Química, Contextualização.

Introdução

A perspectiva sobre a proposta de organização dos conteúdos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresenta o discurso no qual a área de ciência da natureza no ensino médio deve preparar os jovens para o mundo, com pensamento mais crítico e reflexivo¹. Os alunos sentem dificuldades, principalmente em algumas disciplinas, de relacionar o conteúdo ministrado em sala de aula com fatos do cotidiano². A partir desse pressuposto, a temática Plantas Medicinais foi escolhida com o objetivo de ser trabalhada em sala de aula, identificando e reconhecendo algumas das principais plantas medicinais empregadas no combate a diversas doenças, formas de extração, riscos e benefícios, estrutura química, grupos funcionais e propriedades dos seus princípios ativos.

Resultados e discussões:

A atividade foi desenvolvida em um Colégio Estadual de Duque de Caxias – RJ, através de uma sequência didática em quatro momentos: avaliação prévia sobre o tema gerador; roda de conversa, Jogo da Memória e questionário final. Na avaliação prévia, de forma unânime, os alunos informaram que conheciam pelo menos uma erva e dentre as citadas, as mais conhecidas foram boldo e camomila. Com isto, o primeiro passo para entender um pouco sobre o dia a dia do aluno, como seu convívio com ervas e seu conhecimento acerca do tema foi iniciado. Na etapa da roda de conversa, no momento que algumas ervas como: orégano, manjerição, alecrim, camomila e louro, foram mostradas e discutidas, o interesse dos alunos em saber mais sobre as ervas foi notório e gerou uma certa euforia quando o assunto: benefícios a saúde, foram

abordados. Assuntos como diabetes e dor de estômago foram bem comentados entre eles, e relacionado ao uso de algumas ervas de seu convívio familiar. No último momento e não tão menos importante, o Jogo da Memória, foi realizado com objetivo de dinamizar e sintetizar o que foi debatido durante todo o processo. Por certo, a interação com falas: "amei esse tema porque lá em casa tem um monte de planta que minha avó fala que é remédio", "a natureza nos dá essas plantas e poucos sabem, né professora, bem que podia ter mais palestras nas escolas ensinando e falando os benefícios", e a experiência olfativa, visual e tátil com as ervas, geraram histórias, relatos e trocas de experiências que demonstraram interesse durante toda atividade e nos faz refletir e perceber o quanto é importante uma aprendizagem contextualizada e interdisciplinar.

Conclusão:

Conclui-se que a utilização da temática "Plantas Medicinais" no ensino de Química possibilita a valorização deste saber popular, unindo-o ao conhecimento científico em sala de aula. Diante disto, o trabalho proposto visou esclarecer e suprir a carência científica apresentada pelos alunos do ensino médio nesta área motivando uma boa discussão em sala de aula sobre saúde, cultura e conhecimento científico.

Agradecimentos:

FAPERJ, CAPES e CNPq.

¹BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

²VEIGA, M. S. M.; QUENEMEN, A.; CARGINI, C. O ensino de química: algumas reflexões. In: JORNADA DE DIDÁTICA - O ENSINO COMO FOCO - I FÓRUM DE PROFESSORES DE DIDÁTICA DO ESTADO DO PARANÁ, 1, 2013, Paraná. Anais. Paraná, 2013.